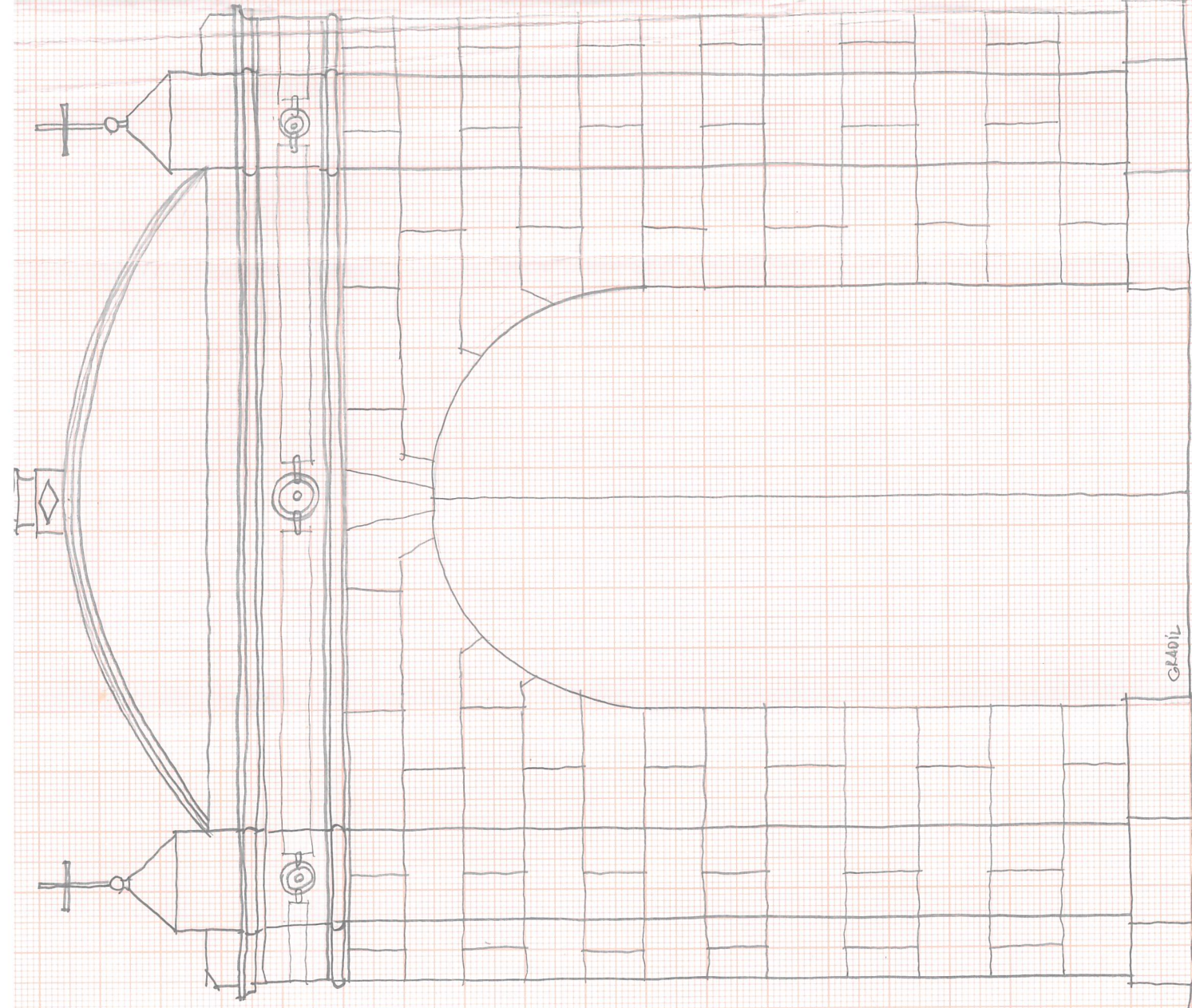
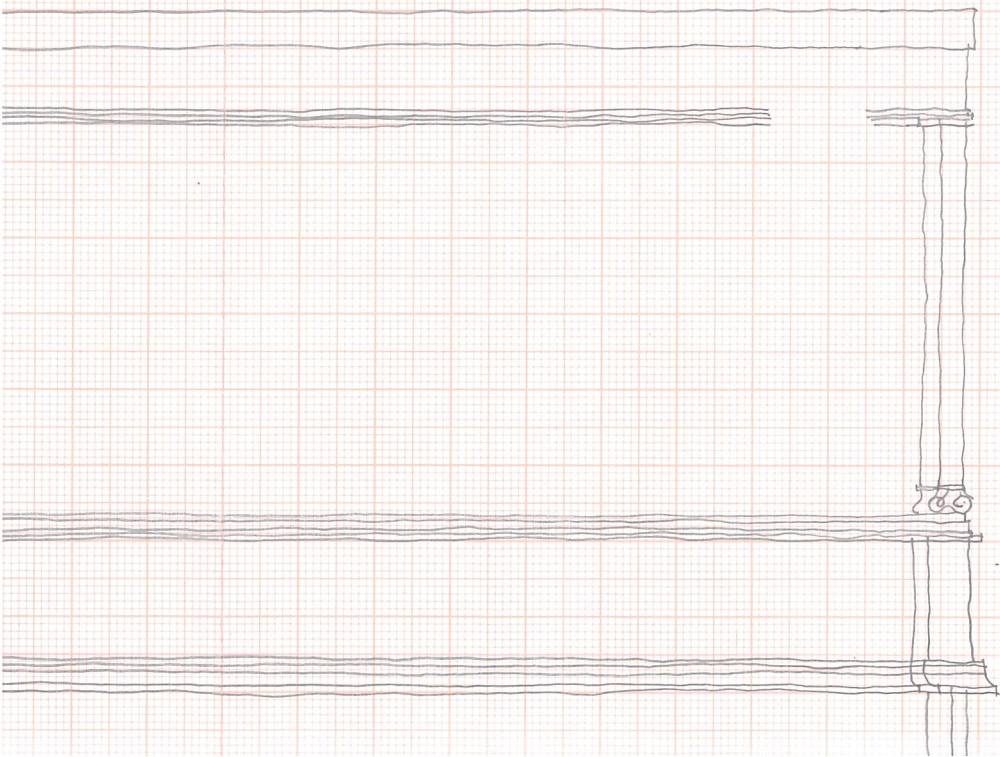
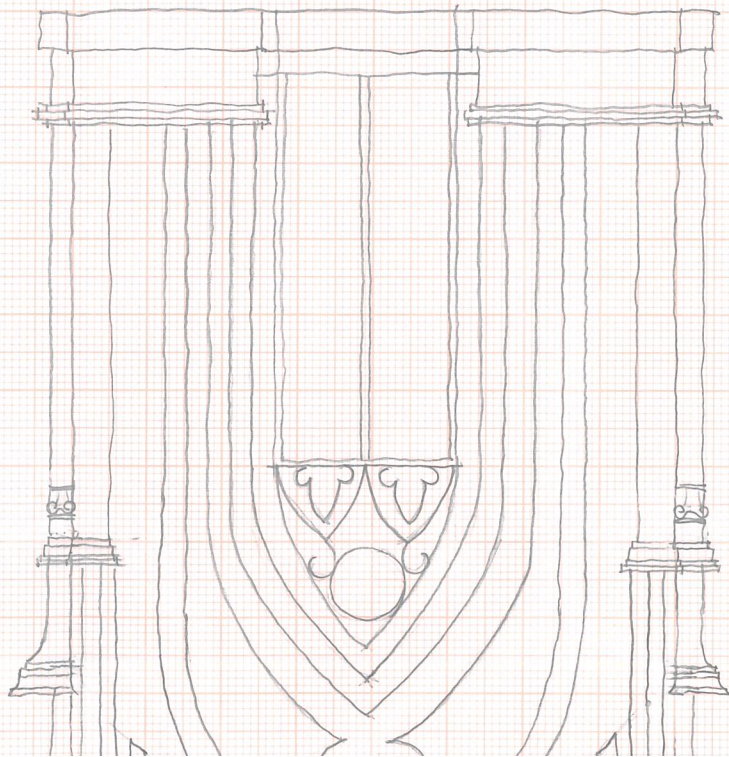




Projetos – Levantamentos



GRADIL



Parecer da Comissão Temática



Documentos

Prefeitura Municipal de Ponta Grossa
Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos
Praça Central de Atendimento



Nº Processo: 3210167 Exercício: 2004

Data/Hora Início: 16/11/2004 17:55

Requerente: FUNDACAO CULTURAL PONTA GROSSA

Sector:

Favorecido:

Assunto: A - Comunicado

Código: 127

Nº solicitação:

Obs.: OF - 065/2004 - RECAPEAMENTO ASFATICO

Destino Inicial

Rota:

Sector: Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos

Atenção: Somente serão prestadas informações referente ao processo com apresentação deste.

Ofício nº 065 /2004

Ponta Grossa, 12 de Novembro de 2004.

Ilmo Sr.

CARLOS AUGUSTO WOSNIACKI

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Prezado Senhor:

Vimos através deste, informá-lo que, conforme reunião ordinária realizada pelo COMPAC em 09 de novembro deste, o pedido de recapeamento asfáltico solicitado através do memorando 090/04-DSP/SMOSP, nas vias internas do Cemitério Municipal São José foi analisado pelo conselheiros que decidiram orientar esta Secretaria a não realizar nenhuma alteração nas características das vias internas, visto que o Conselho entende que tal procedimento acarretaria uma descaracterização desnecessária ao patrimônio.

Aproveitamos a oportunidade para sugerir que as partes em *petit pavet* alteradas pela necessidade de abertura dos túmulos sejam recuperadas.

Certos de sua atenção ao exposto, despedimo-nos.

Atenciosamente.



EDSON ARMANDO SILVA
Presidente da Fundação Cultural Ponta Grossa
Presidente do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural

Cemitérios integram história de PG

O primeiro surgiu com a chegada dos jesuítas, por volta de 1740, hoje Fazenda Pitanguí

CAROLINA MAINARDES
DA REDAÇÃO

PONTA GROSSA – O primeiro cemitério de Ponta Grossa, datado por volta de 1740, quando ainda não havia sede e a região era pouso de tropeiros, era localizado onde hoje está situada a Fazenda Pitanguí. O “campo santo” já não existe mais, porém, ao lado da Capela Santa Bárbara pode-se observar o que restou das ruínas da casa dos jesuítas, construída no século XVIII.

Para a historiadora Aída Mansani, a história dos cemitérios está diretamente ligada à história da cidade. “Numa visita a um cemitério antigo preservado fazemos um verdadeiro mergulho na História”, ensina Aída. Ela acredita que o local traz de volta testemunhos de religiosidade, ligações familiares e devoções de um povo. “É a reconstrução de uma época, um resgate de dados históricos”, salienta. A historiadora destaca que um cemitério também encerra em seus muros parte da cultura de uma população.

O primeiro cemitério do perímetro urbano de Ponta Grossa surgiu logo após a fundação da Freguesia, onde hoje está localizado o Colégio Estadual Senador Correia, aos fundos da Catedral. Mais tarde, conforme conta Aída Mansani, apareceu o do Largo São João, que espendia-se de onde atualmente está localizada a Praça Barão de Guaraúna até o Edifício Itapua.

“Durante a construção do edifício foram encontradas ossadas”, lembra.

Em meados do século XIX, por iniciativa de Augusto Ribas, é criado o Cemitério São José. A sua localização, hoje Largo Prof. Colares, era o então limite, o



Direceu Portugal

Apesar de ser o mais novo, o Vicentino, fundado em 1975, é o que registra o maior crescimento: mais de 17 mil covas

ponto mais alto da cidade. **ATUALIDADE** Hoje, o São José é o mais antigo de Ponta Grossa e conta com mais de dois mil túmulos, tendo guardado ali os restos mortais de membros de famílias importantes e de personalidades, como o Barão de Guaraúna.

VISITA PODE SER UM MERGULHO NA HISTÓRIA

O Vicentino é o mais novo cemitério, criado em 1975 e, no entanto, é o que tem o maior número de covas: mais de 17 mil.

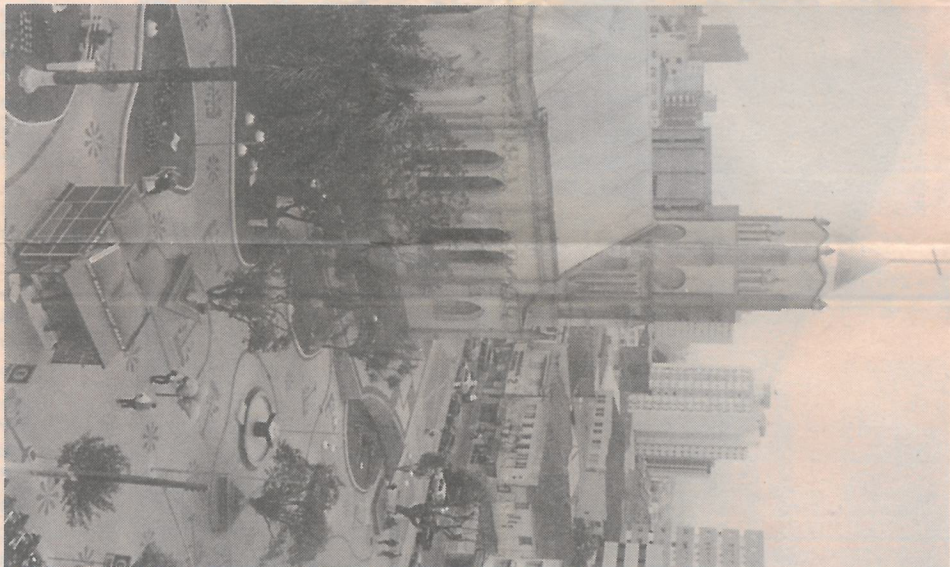
Ele é destinado a indigentes, pessoas não reconhecidas e famílias carentes, e registra o maior crescimento dos 7 cemitérios municipais e dos 14 distritais, segundo informações do Serviço Funerário Municipal.

Para melhorar a condição

dos cemitérios, a Secretaria de Obras e Serviços Públicos do município está empregando mais de 300 funcionários na Operação Finados. Segundo o secretário Carlos Alberto Teixeira Pinto, estão sendo realizadas limpeza, pinturas e pavimentação asfáltica em alguns locais. Todos os cemitérios estão recebendo uma pintura padrão nos portais de entrada.

O Vicentino, por exemplo, recebeu pintura nos muros e nas cruzes, ajardinamento e, ainda, asfalto na rua de acesso e no corredor interno. O Santo Antônio também recebeu atenção especial, ganhando reforma nos banheiros e nas torneiras.

De acordo com Teixeira Pinto, a maioria das secretarias estará participando da Operação Finados. “A intenção é orientar e facilitar a visitação das pessoas aos cemitérios”, comenta.



Direceu Portugal

Um dos primeiros cemitérios da cidade era localizado onde hoje está a Praça Barão de Guaraúna

Acipg Pesquisa aponta benefício

A edição deste ano Pesquisa com as Empresas Certificadas desenvolvida pela Revi Banas Qualidade, foi muito mais ampla que realizada em 1998, e por objetivo principal aprofundar o conhecimento sobre diversos aspectos e benefícios relacionado: certificação ISO 9000. De um total de 2.7 questionários enviados pelo correio no início do ano, correspondentes exatamente ao número empresas certificadas Brasil até então, obteve informações de 380 organizações, ou 1,4% total.

A seguir, é apresentado um resumo das principais conclusões da pesquisa. Organizações de pequeno e médio porte continuam a responder mais de 70% das certificações ISO 9000 Brasil.

Tempo médio de implantação dos Sistemas de Gestão da Qualidade das empresas pesquisadas foi de 15 meses.

A ROL - Receita Operacional Líquida - das empresas que tomaram parte da pesquisa cresceu na média geral, 24%, e a certificação ISO 9000. O custo dos produtos e serviços das empresas pesquisadas decresceu 8,7% após a certificação, o que gerou, em médias seguntes economias para essas empresas:

Porte - Economia Apó: Certificação
Pequena - R\$ 255,5 mil
Média - R\$ 3,3 milhões
Grande - R\$ 18,1 milhões
(*) Pequena: até 100 funcionários
Média: 101 a 500 funcionários
Grande: acima de 500 funcionários

Corina Portugal: santa ou mito dos ponta-grossenses?

PONTA GROSSA – Há mais de dez anos, toda semana, a dona de casa Helena Garcia vai ao Cemitério São José para visitar o túmulo de Corina Portugal. Para ela, Corina é uma “santa muito poderosa”. “Em todos os meus pedidos ela ajudou”, confessa Helena. A dona de casa já fez pedidos para amenizar problemas de família e de emprego para os filhos, entre outros.

Segundo Helena, a “santa” já fez tanto por ela que agora é hora de agradecer. “Vou mandar fazer uma plaquinha para colocar no túmulo dela”, conta.

E é assim, há mais de dez anos. Assassinada pelo marido em 1889, aos 35 anos de idade, o túmulo de Corina Portugal é o mais visitado do Cemitério São José. Segundo o advogado Josué Corrêa Fernandes, autor do livro *Corina Portugal – História de Sangue e Luz*, a morte dela foi um acontecimento que abalou as estruturas de Ponta Grossa, na época.

Assassinada por seu marido, o farmacêutico Alfredo Marques de Campos, o acontecimento dividiu a cidade entre os

que acreditavam em crime passionai, crime político ou, simplesmente, um ato de insanidade.

Conforme levantou o autor, dois políticos de alto contorno estiveram envolvidos no caso: Vicente Machado e João de Menezes Dória. Este último acabou sendo expulso da cidade, pois foi o suposto pivô da tragédia. Marques de Campos trabalhava junto com o médico Menezes Dória, que acabou sendo acusado de ser amante de Corina. “A jovem acabou sendo, então, barbaramente assassinada com diversas punhaladas”, conta Corrêa.

Menezes Dória foi expulso da cidade, por um grupo de homens liderados pelo Barão de Guaraúna – ludibriado por Vicente Machado – e o assassino, Marques de Campos, foi absolvido por um júri composto por 12 pessoas da comunidade, chamando para si o papel de vingador da fidelidade conjugal.

MISTÉRIOS Entre os mistérios que envolvem o caso está, por exemplo, o sumiço dos autos do processo criminal do caso. Josué Corrêa, através da pesquisa que desenvolveu

Dirceu Portugal



Helena Garcia: devoção à Corina Portugal há mais de dez anos

durante um ano e meio para produzir o livro, acredita que Corina era inocente e o marido era um malandro que,

provavelmente, aplicou um golpe do baú.

Mesmo sem o caso ser elucidado, a moça assassinada despertou a

veneração de milhares de ponta-grossenses, principalmente jovens e mulheres. O túmulo cor-de-rosa, sob número 1.258, situado ao lado esquerdo para quem entra pelo portão central do Cemitério São José, encontra-se constantemente cheio de flores, velas, bilhetes e cartas e quase uma centena de placas de metal, mármore e madeira com agradecimentos por graças recebidas.

Conforme Corrêa, a maioria dos bilhetes é de pedidos de auxílio para obtenção de emprego, êxito no vestibular e recuperação da saúde. Mas, os pleitos mais frequentes e que, à primeira vista, causam estranheza, são os que buscam a reconciliação com namorados, maridos, companheiros, conta o autor.

A história de Corina Portugal se mistura à visão da política local com o nascimento da República e, ainda, à mitificação da mulher sacrificada em circunstâncias brutais, amada e respeitada pelo povo que, até hoje, busca sua ajuda. Para a devota Helena Garcia, “pedindo com fé, o auxílio vem”. (C.M.)

Diversos indicadores de Qualidade e Produtividade das empresas pesquisadas evoluíram significativamente após a certificação (prazo de entrega, taxa de defeitos/erros, horas de treinamento etc).

Outros benefícios com a certificação ISO 9000 identificados na pesquisa:

a) Melhoria da qualidade dos processos (87% das respostas)

b) Maior qualidade percebida (65% das respostas)

c) Melhor documentação (95% das respostas)

d) Melhoria do clima organizacional (66% das respostas)

e) Melhor entendimento de tarefas/trabalhos (85% das respostas)

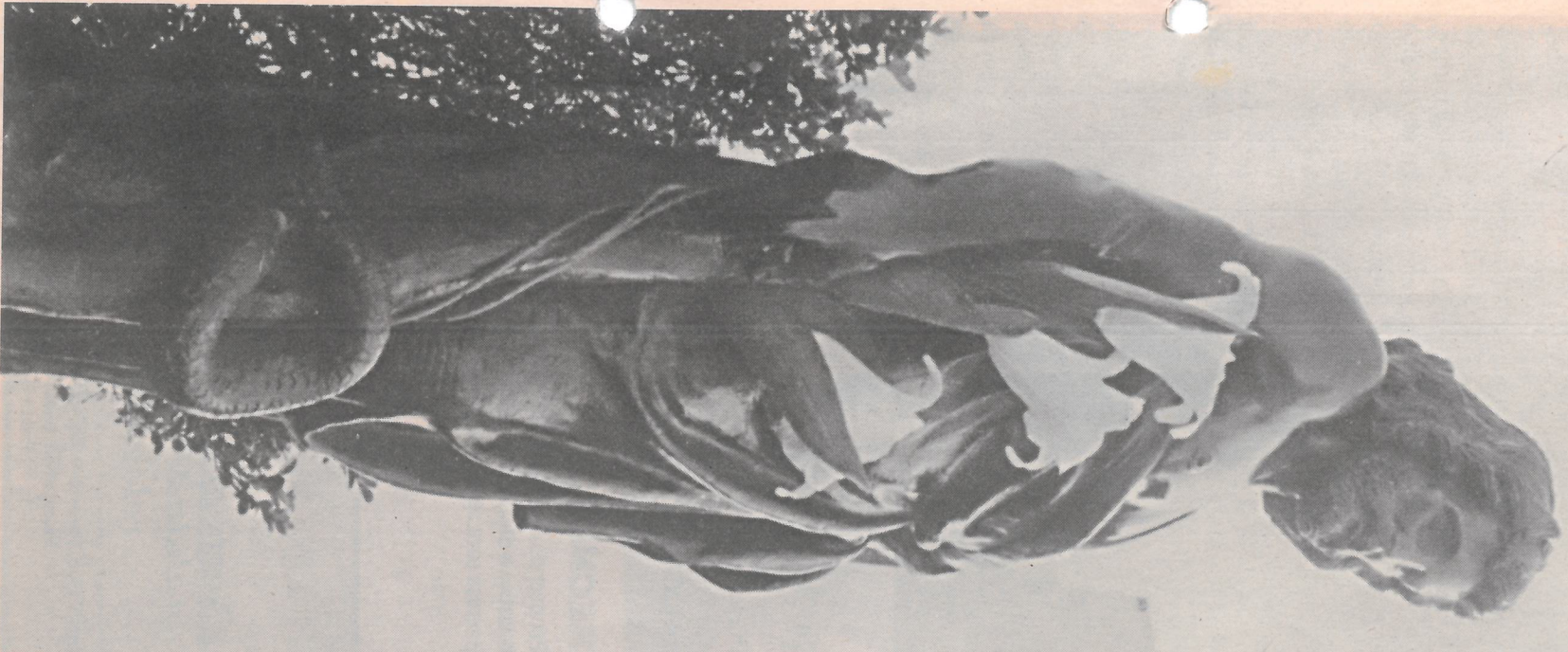
f) Melhoria das comunicações internas (61% das respostas)

Não resta dúvida que esses números - e outros resultados que a pesquisa apontou - são auspiciosos. São seguramente um dos componentes reais do chamado “Brasil que dá certo”. Pena que, em nosso País, é ainda pequena a quantidade de empresas que levam o assunto Qualidade sinceramente a sério. O que só reforça a imensa carga de trabalho que temos pela frente...

Ponta Grossa é palco de uma exposição anônima. Exposição que reúne dezenas de obras. Ela está aberta ao público há mais de cem anos, num lugar onde os mortos, e não as obras, são o centro das atenções. Trata-se do Cemitério Municipal São José, localizado no topo da área central.

Quem passa pelo local geralmente percebe a beleza expressa em arte, através de estátuas em bronze, argila e outros materiais, que dão um toque especial à morbidade do cenário. São obras de artistas também desconhecidos, que traduzem através da perfeição de suas formas, sentimentos como dor, tristeza, paixão, saudade. Estas obras parecem estar mais expostas ao desgaste do tempo do que à apreciação dos visitantes.

As mensagens que as estátuas tentam expressar só podem ser compreendidas quando observadas a partir de um olhar mais crítico, apurado, detalhista. As obras, quase todas alusivas ao Cristianismo, fazendo uma relação entre a vida e a morte, apresentam um sentido ainda mais profundo quando transformadas em objetos, tendo a sua imagem fixada no papel, a partir da lente de uma máquina fotográfica.



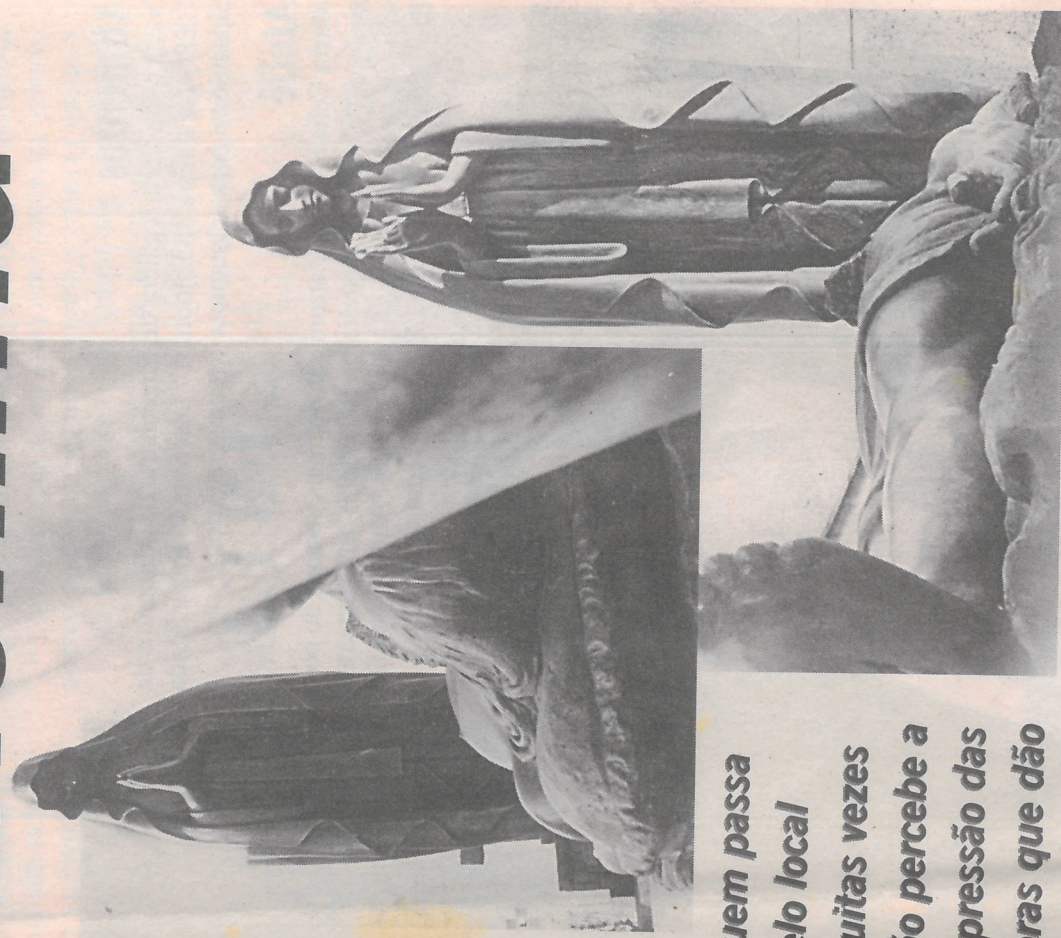
COMPAG

Exposição Anônima



• PONTA GROSSA •
03 de novembro de 1999

rodriques



Quem passa
pelo local
muitas vezes
não percebe a
expressão das
obras que dão
um toque
especial à
morbidade do
cenário

Prefeitura Municipal de Ponta Grossa

Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos
Praça Central de Atendimento



Nº Processo: 2130444 Exercício: 2006

Data/Hora Início: 01/08/2006 16:07

Requerente: ELIZABETH SILVEIRA SCHMIDT

Sector:

Favorecido:

Assunto: A - Comunicado

Código: 127

Nº solicitação:

Obs.: COBERTURA EM CEMITERIO MEM 045/2006

Destino Inicial

Rota:

Sector: Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos

Atenção: Somente serão prestadas informações referente ao processo com apresentação deste.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA
Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos
Gabinete do Secretário

CÓPIA
(SEC. DE CULTURA)

COMPAC
Fis. 43

Ofício nº 045/2006

Em, 06 de Junho de 2006.

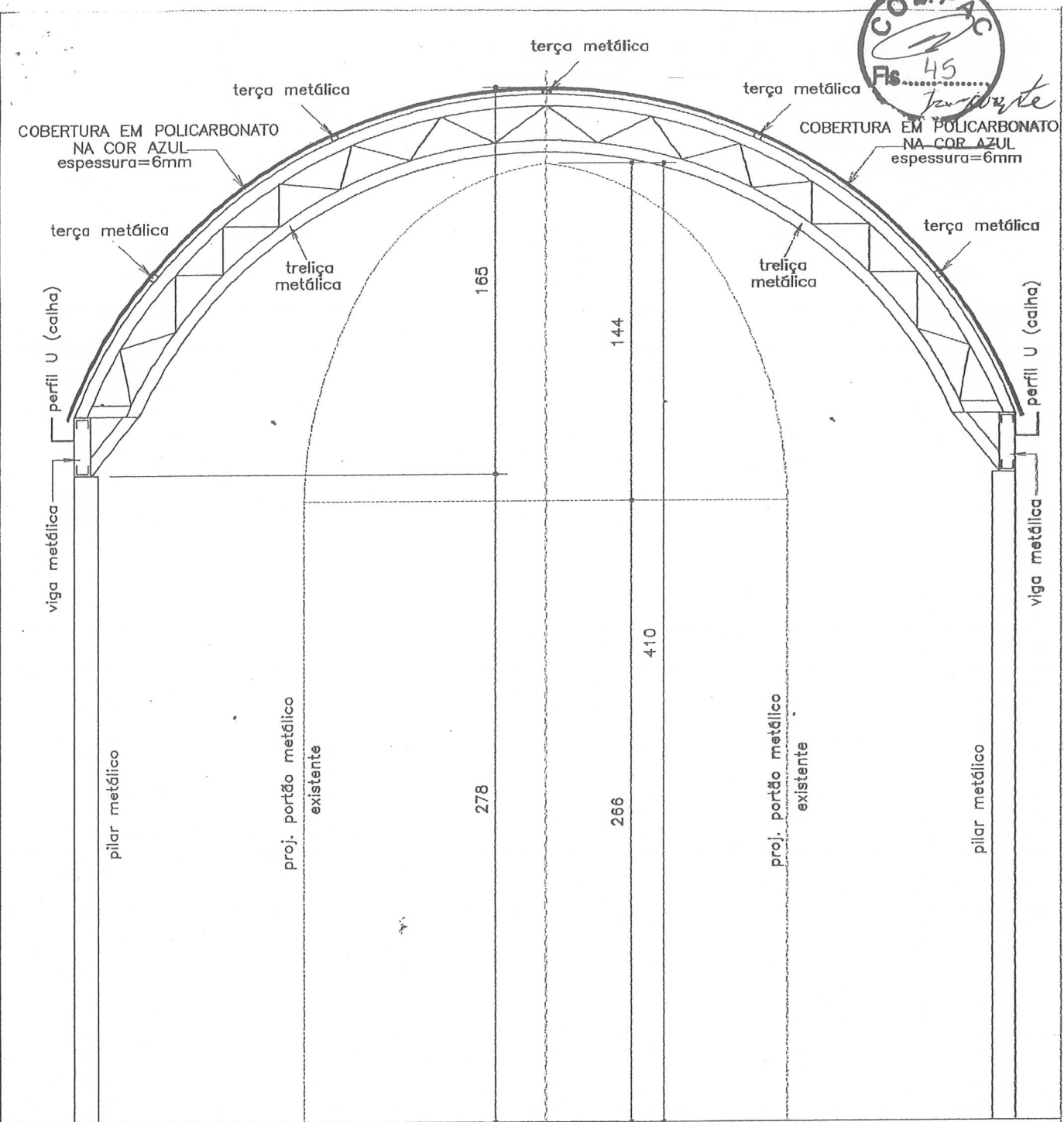
Senhora Presidente

Encaminhamos a Vossa Senhoria projeto de instalação de cobertura no Cemitério Municipal São José para análise e parecer.

Reitero à Vossa Senhoria, protestos de consideração e apreço.

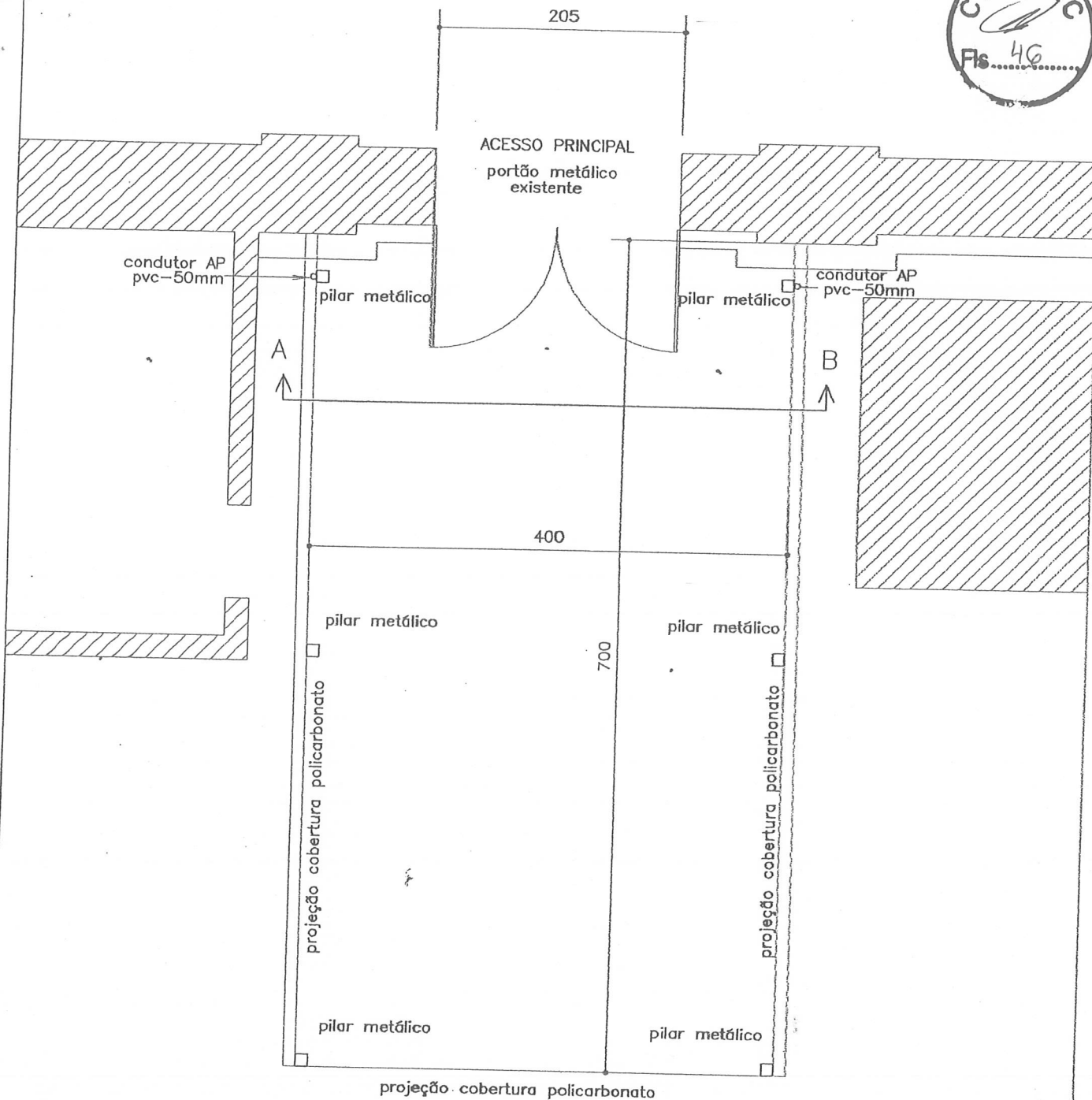

OLÍMPIO MALUCELLI FILHO
Secretário Municipal de Obras e Serviços Públicos

À
ELIZABETH SILVEIRA SCHMIDT
MD. PRESIDENTE DO COMPAC



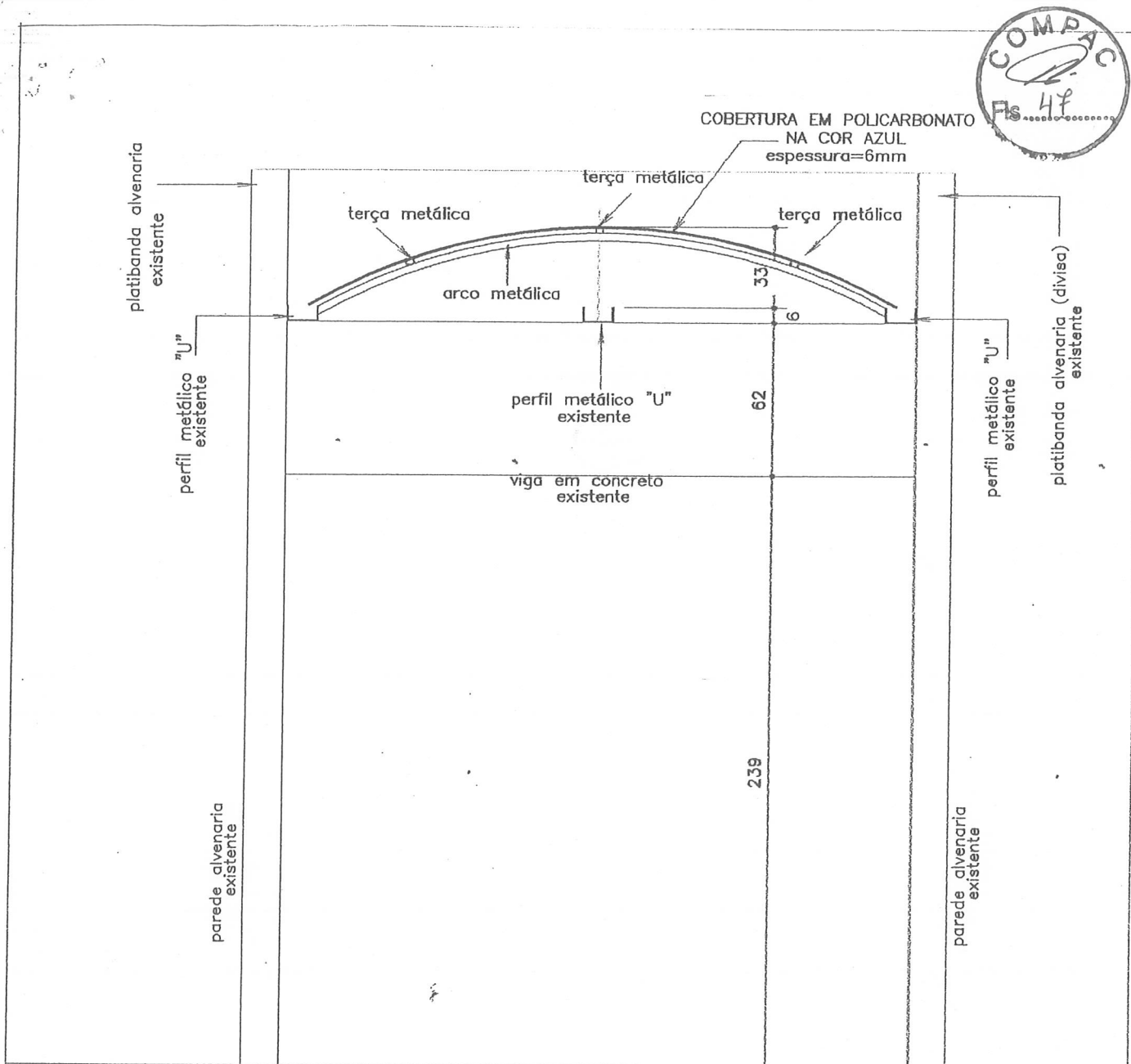
CORTE AB
escala 1:25

CLIENTE : PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA	DES.	DATA	NOME
	REV.		
	APR.		
	ESCALA	1:25	
TITULO : COBERTURA EM POLICARBONATO-ACESSO PRINCIPAL CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO JOSÉ	CAD		
	DESENHO Nº		
ESQUADRIAS METÁLICAS ALEXSANDER MONTAGENS INDUSTRIAIS			



PLANTA BAIXA
escala 1:50

CLIENTE : PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA		DATA	NOME
	DES.		
	REV.		
	APR.		
TÍTULO : COBERTURA EM POLICARBONATO-ACESSO PRINCIPAL CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO JOSÉ	ESCALA		
	1:50		
ESQUADRIAS METÁLICAS ALEXSANDER MONTAGENS INDUSTRIAIS	CAD		
	DESENHO Nº		



CORTE AB
escala 1:25

CLIENTE : PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA		DATA	NOME
TITULO : COBERTURA EM POLICARBONATO CIRCULAÇÃO CAPELA MORTUÁRIA SÃO JOSÉ	ESCALA 1:25		
ESQUADRIAS METÁLICAS ALEXSANDER MONTAGENS INDUSTRIAIS	DESENHO Nº		

RELATÓRIO

Às 13:00 h dia 20 de novembro de 2007, o COMPAC realizou visita ao Cemitério Municipal São José, situado em frente do Largo Prof. Colares, nesta cidade. É um cemitério de construção de 1891, onde estão sepultados os fundadores da Freguesia de Ponta Grossa.

O COMPAC foi representado pela conselheira do Patrimônio Isolde Maria Waldmann, que foi verificar “in loco” os túmulos de n.º 1.386 de Francisco de Assis Ribas, filho de Francisca Macedo Ribas, e de n.º 1.385 de propriedade do **Capitão João Mariano Ferreira Ribas**, cuja túmulo guarda os restos mortais de seu pai um dos fundadores de Ponta Grossa **Benedito Mariano Ribas**, e de seus filhos: Durval, César, Alfredo, Otávio, Jorge, (**João**), e Francisco Ribas.

Devido à falta de zelo pelos proprietários a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, desapropriou os túmulos, sendo a Capela, requerido por Eliane Soave Scheffer, através do processo: 2910118, em 18 de outubro de 2007.

Antes de terminar o prazo um dos parentes dos “RIBAS”, solicitou a Prefeitura o direito de concessão Perpétua dos túmulos: n.º 1.386 de Francisco de Assis Ribas e o de n.º 1.385 do Capitão João Mariano Ferreira Ribas, cuja genealogia apresentada é parente próximo do Capitão e do Francisco de Assis Ribas. Este prometeu restaurar os túmulos, conforme a lei do COMPAC, deixando o nome do Capitão na frente e a fotografia dos respectivos filhos de Benedito Mariano Ribas, conforme localização no lado direito da capela.

A conselheira sugere aos demais conselheiros, que aguardem a proposta que deverá ser encaminhada ao COMPAC, pelo parente do Capitão João Mariano Ferreira Ribas e de Francisco Assis Ribas.

Este é o Parecer.


Isolda Maria Waldmann
Conselheira do Patrimônio do COMPAC.

Ponta Grossa, 20 de novembro de 2007 _

PONTA GROSSA: 4.º DISTRITO DE CASTRO

A reforma do Código de Processos, da Província de São Paulo criou também os cargos de Prefeitos para as vilas e de Subprefeitos para os Distritos.

O Governo Provincial nomearia os Prefeitos e estes por sua vez nomeariam os Subprefeitos.

A 26 de junho de 1835, foi nomeado Prefeito da Vila de Castro, MANOEL INÁCIO DO CANTO E SILVA, que renunciou no dia 1.º de agosto, sendo substituído por JOAQUIM JOSÉ BORGES, que nomeou BENEDITO MARIANO RIBAS, a 2 de maio de 1836, Subprefeito de Ponta Grossa, 4.º Distrito de Castro.

Apesar de ter sido elevada à Distrito de Paz, ter um Subprefeito, um Vigário Colado, uma Companhia de Cavalaria, Juizes de Paz e um Cartório Distrital, os ponta-grossenses não estavam satisfeitos.

As verbas votadas pela Comarca de Castro eram tão exguas, que o 4.º Distrito não tinha condições de evoluir administrativamente.

Homens decididos resolveram lutar para conseguir modificar esta situação: José Ferreira Pinto, Joaquim José de Ávila, Inácio Manoel Ferreira, Cyrino Borges de Macedo, José Leite de Azevedo, Gencroso Pinto Leal Taques, Miguel Ferreira da Rocha Carvalhais, Jeremias Alves Carneiro, Francisco José Dias de Almeida, Guilherme Pereira dos Santos, Joaquim Procópio de Souza Castro, Antonio José Pereira Branco, Bento Ferreira da Rocha Carvalhais, Atanagildo Pinto Martins e outros, se uniram para conseguir a elevação da Freguesia à condição de Vila.

Em proposição feita por Inácio Manoel Ferreira, em 14 de janeiro de 1837 à Câmara de Castro, esta negou o pedido alegando:

“A Freguesia não possula cidadãos capazes para occuparem os cargos que a lei exige!”

No momento nada mais pôde ser feito, e o recurso era esperar por melhores oportunidades.

Outros problemas estavam surgindo.

A Freguesia se ressentia da falta de escolas. Quem quisesse estudos para seus filhos, tinha que contratar professores particulares, que eram raros, ou então, mandá-los estudar em outros lugares.

Uma experiência feita na época, com a adesão de alguns ponta-grossenses, na fundação de uma escola particular, redundou em fracasso, por falta de professores.

Somente em 1838 é que o Governo Provincial, por certo cansado com tantos pedidos, resolveu criar uma escola para o sexo masculino, mas exigiu que a admissão dos professores fosse feita em concurso prestado em São Paulo, com salário muito baixo, e que no final do ano, as crianças fossem examinadas por uma banca composta por professores da Capital da Província.

Não apareceu nenhum candidato a professor, e a escola nunca funcionou.

Alguns anos depois, o Governo da Província criou cargos de Inspectores Escolares para a Freguesia de Ponta Grossa, nomeando Miguel Ferreira da Rocha Carvalhais, Domingos Martins de Araújo e Joaquim Procópio de Sousa Castro; porém não existindo escolas estes inspectores ficaram apenas com os títulos de inspectores, sem funções.

Sabe-se que a primeira escola a funcionar em nossa cidade foi particular, de dona Zulmira Maciel, em sua casa, em 1866, vinte anos depois da nomeação dos inspectores escolares.

José Antônio de Oliveira, ao poente pelo arroio dos Pulos com terras de José Antônio de Oliveira e de Joaquim José de Ávila (Cercado de Santa Maria) e ao nascente com a fazenda de Itaiacoca. No levantamento de 1818 Atanagildo aparece como dono da fazenda de Santa Bárbara, medindo 4500 x 4500 braças.

E assim acabaram as terras dos frades beneditinos.

As terras que haviam sido dos jesuítas e que foram confiscadas pela coroa portuguesa. Em 1798 o administrador era o cabo Francisco Pedroso de Abreu e vendiam por ano 66 cavalgadas e 88 vacuns. Atanagildo fora arrendatário da fazenda do Pitangui em 1805 e administrador em 1811 e 1812. Acabou ficando para Benedito Mariano Ribas, filho de Vito Mariano Ribeiro Ribas e de Mariana Ferreira Prestes, que a comprou de sua alteza real em 1816. Ele também obteve uma sesmaria de meia légua de terra lavradia em quadra, contíguas ao campo denominado São Miguel, em 11 de março de 1817. Na relação de 1818 morava na fazenda de Pitangui, que media 6000 x 7500 braças, tendo 22 escravos e tinha também a fazenda São Miguel, medindo 500 x 2500 braças. Benedito também comprou a fazenda da Praia, que media 3000 x 3750 braças, de Atanagildo Pinto Martins e sua mulher Ana Joaquina do Amaral (dividia ao norte com o capitão Lúcio Álvares Martins Gavião e dona Ana Maria de Jesus pelo ribeirão São Benedito, que fazia barra no Tibagi; ao leste pelo rio Tibagi acima até a barra do ribeirão das Congonhas; ao sul com os campos que haviam sido do capitão Joaquim Carneiro Lobo; ao oeste com o mato grosso sertão inculto).

17. A Casa de Telha

A Casa de Telha foi uma construção edificada à margem da estrada das tropas, tentamos encontrar o documento da sua origem mas não conseguimos. Vamos então transcrever o que disse Pedro Novais: *Os fazendeiros, na persuasão de apresentarem comodidade aos tropeiros, atraí-los, tendo a frente homens de destaque, como João da Silva Machado, Manuel Gonçalves Guimarães, Domingos Ferreira Pinto, Antônio José Ferreira, Miguel Ferreira da Rocha Carvalhaes, Benedito Mariano Ribas, Francisco José Dias de Almeida e outros, abriram uma*

subscrição e com o produto dela, mandaram construir uma "casa de telha", com seu poteiro, à margem da estrada geral.

Onde estaria a Casa de Telha? Dado interessante encontramos no cadastro de 1818, aparece uma propriedade denominada *Casa de Telha*, medindo 750 x 375 braças, de criação, com um escravo, pertencente a Domingos Ferreira Pinto, que morava na fazenda do Cambiju (havia adquirido esta no ano anterior).

Domingos Ferreira Pinto era filho de José Ferreira Pinto e de Bárbara Antônia Pedrosa. Foi batizado na capela de Nossa Senhora da Conceição do Tamanduá no dia 10 de dezembro de 1769. Seu pai havia comprado a paragem Taquari e também deve ter herdado parte do Cercado de Santa Maria do sogro Domingos Antônio. Domingos casou-se na matriz de Castro, pelas oito horas da manhã do dia 18 de fevereiro de 1814 com Ana Joaquina de Oliveira, filha de José Antônio de Oliveira e de Quitéria Ângela Maria, viúva de Francisco Ferreira Prestes, tendo ela cinco filhos do primeiro casamento. Deve ter recebido como dote, do seu sogro, o imóvel onde veio a morar, que depois denominou Casa de Telha, (as escrituras dessa época não encontramos em Castro), que era parte do que José Antônio fizera posse junto às terras de São Bento (a outra parte, que media 750 x 750 braças, na Ponta Grossa, vendera ao seu filho Carlos José de Oliveira).

A primeira filha do casal, Maria, foi batizada no gratório do furiel Domingos Ferreira Pinto, no dia 9 de abril de 1815. Seu filho Domingos (futuro Barão de Guaraúna) foi batizado no bairro da Ponta Grossa no dia 5 de outubro de 1820. A Casa de Telha tinha muita importância, pois quando, no dia 15 de setembro de 1823 foi criada a freguesia com o rogo da Senhora Santa Ana, o lugar era vizinho da capela denominada Casa de Telha, no bairro da Ponta Grossa.

Os batizados na nova freguesia aparecem a partir de 22 de dezembro de 1825, alguns falam que foram realizados na matriz de Nossa Senhora Santa Ana da Ponta Grossa, outros no oratório da Casa de Telha ou no oratório de Nossa Senhora de Santa Ana da Ponta Grossa que servia de matriz, ou ainda no oratório de Nossa Senhora Santa Ana da Casa de Telha que servia de matriz. Os casamentos aparecem a partir de 11 de janeiro de 1826, no oratório da capela da Casa de Telha de Nossa Senhora Santa Ana da Ponta Grossa ou no oratório que servia de matriz de Nossa

Senhora de Santa Ana da Ponta Grossa ou ainda no oratório da Casa de Telha. A partir de abril e maio de 1826 começaram a dizer *nesta* nova freguesia da Ponta Grossa ou na matriz de Nossa Senhora Santa Ana da Ponta Grossa, não se falando mais em Casa de Telha, cremos que nessa época ficou pronta a capela da Senhora Santa Ana, que foi construída em terreno doado pelo tenente Carlos José de Oliveira.

No dia 3 de maio de 1826, na paragem denominada Casa de Telha, freguesia de Ponta Grossa, foi lavrada uma escritura de doação, onde Domingos Ferreira Pinto deu a seu genro o alferes Jerônimo José de Oliveira, casado com sua enteada Felicidade Maria Ferreira, terras no São Domingos, junto ao rio Tibagi.

Para tentar identificar melhor onde era a Casa de Telha, vejamos o que está dito na escritura em que Atanagildo Pinto Martins vendeu para Antônio José Teixeira, parte da fazenda Santa Bárbara, no dia 31 de outubro de 1825. O rincão de campo dividia com Paulino Aires de Aguirre (genro de Benedito Mariano Ribas) a rumo de leste, ia por um pântano grande que desaguava no rio Verde a rumo do norte pelo rio Verde abaixo até a barra do arroio que vinha da Casa de Telha, dividindo com Domingos Ferreira Pinto e da parte do oeste com o alferes Carlos José de Oliveira por uma vertente que nascia ao pé da estrada e desaguava no arroio dito da Casa de Telha e do olho d'água que formava a dita vertente a rumo direito do sul a procurar uma vertente que formava o arroio dos Pulos, dividindo com o mesmo alferes Carlos José de Oliveira. Neste mesmo dia Atanagildo vendera a Paulino Aires de Aguirre outra parte da fazenda Santa Bárbara, com casas e currais, que houvera por sesmaria, entre as divisas ao norte com os campos do capitão Benedito Mariano Ribas pelo rio Verde, ao sul com os campos do defunto Joaquim José de Ávila pelo arroio chamado dos Pulos até a barra do arroio chamado Caracará, que dividia com o mesmo comprador a rumo de leste e a rumo de oeste com os campos de Antônio José Teixeira.

Antônio José Teixeira vendeu as terras para Domingos Ferreira Pinto, que posteriormente, no dia 26 de junho de 1827, vendeu-as para seu cunhado Carlos José de Oliveira, um rincão de campo denominado Rio Verde, dividindo com outro imóvel de Carlos (que vendera no mesmo dia) por um olho d'água que nascia ao pé da estrada que ia para a vila (de Castro) e ia desaguar no arroio da Casa da Telha e por este abaixo até fazer barra no rio Verde e por este acima até uma vertente ou banhado

grande. Neste mesmo dia o tenente Carlos José de Oliveira vendera ao tenente Manuel Rodrigues da Silva o que sobrara do seu imóvel da Ponta Grossa (dera parte à freguesia) , vizinho ao anterior, que adquirira de seu pai, principiando de um olho d'água que corria a rumo do norte procurando o arroio da Casa de Telha e por ele acima até um capãozinho, que se achava no campo ao lado da freguesia ao pé do mesmo arroio e deste dito capão cortando ao rumo do sul.

Pelo exposto acima chega-se à conclusão que a Casa de Telha estaria ao lado de um arroio afluente do rio Verde, que separava as terras de Domingos Ferreira Pinto das que haviam sido de Atanagildo Pinto Martins. Uma das escrituras fala que seguindo pelo dito arroio acima, ia-se ao campo ao lado da freguesia, ao pé do mesmo. Então o mesmo curso d'água passava ao lado da Casa de Telha e da capela, esta mais acima. Na gravura de Debret , da Ponta Grossa, pintada em 1827, aparece a capelinha.

Vários moradores doaram terras à Senhora Santa Ana. Num levantamento em 8 de outubro de 1833 possuía quatro terrenos, como veremos a seguir.

Um terreno de campo onde estava situada a freguesia, com matos, dividindo na tapera com o tenente Manuel Rodrigues da Silva por um arroio abaixo, dádiva do tenente Carlos de Oliveira.

Um terreno de campo que dividia da boca da Ronda até uma árvore que estava na estrada que ia para a Ponta Grossa, dádiva de Antônio Ferreira (da Luz).

Um terreno de campo que nascia da bassaroca (voçoroca), cortando rumo direito ao munchão dos Bugres, deste a um pinheiro seco, dádiva de Ana Luís Ferreira (viúva de Joaquim José de Ávila, era parte do Cercado de Santa Maria).

Um terreno de campo chamado Cercadinho ou Ronda, dado por Domingos Ferreira Pinto, com matos em roda, dividia por um arroio com o reverendo Anacleto Dias Batista e por outro arroio dividindo com o tenente João Evangelista, nas margens dividindo com Bárbara Antônia (mãe de Domingos). No dia 9 de janeiro de 1830 foi lavrada em Castro escritura de dação de dádiva gratuita que faziam Domingos Ferreira Pinto

e sua mulher dona Ana Joaquina, de um campo denominado a Ronda, com seus matos, à Senhora Santa Ana da Freguesia da Ponta Grossa; as divisas principiavam de um arroio que fazia divisa com o ribeirão do reverendo Joaquim Pereira da Fonseca e por ele acima até a cabeceira que se achava na estrada da dita Ronda e cortando direito a outra vertente que se achava perto da casa de Domingos Vieira e descendo por esta abaixo até fazer barra no dito arroio. Estas terras Domingos deve ter herdado de seu pai.

Alguns autores disseram que a capela havia sido construída em terreno doado pelo tenente Miguel da Rocha Carvalhaes. Como vimos, foi edificada em campo doado pelo tenente Carlos José de Oliveira, que realmente tinha terras ali. As terras de Miguel eram bem mais longe; em 1805 adquirira o Rincão das Pombas, situado entre os Periquitos, as Areias e a Chapada do Cascavel; no cadastro de 1818 possuía duas áreas, uma nos Periquitos (que é o mesmo rincão das Pombas), medindo 750 x 1500 braças, onde morava e outra no Bonsucesso, medindo 3000 x 3000 braças. Miguel faleceu em 28 de janeiro de 1829.

Além dos terrenos o patrimônio compreendia um sino (dado pelo padre Anacleto Dias Batista), uma toalha de altar (dáviva do sargento-mor Benedito Mariano Ribas), uma *alva rica* (dáviva do reverendo vigário Joaquim Pereira da Fonseca), uma toalha (dáviva de Maria de Oliveira), uma sobrepeliz (rendimento da fábrica), um véu branco de seda (esmola do povo), uma cadeira de esmalte (esmola do povo), um mocho para assentar (esmola do povo), um vaso de prata de santos óleos (esmola de Ana dos Santos), uma caixa de santos óleos (esmola do povo), uma caixa de carregar santos óleos (rendimento da fábrica), uma lâmpada para a luz do Santíssimo (dáviva de ... José) e uma mesa para escrever (esmola).

E por aqui ficamos. No século XIX o tropeirismo atingiu sua fase áurea, ocasionando grande progresso a Ponta Grossa, que tornou-se a Princesa dos Campos Gerais.

O número de religiosos era escasso, e nenhum fazendeiro conseguiu que um padre ficasse morando em sua fazenda.

Entretanto, o proprietário da fazenda da Praia, (J) Padre José Francisco Aranha de Camargo, que ali vivia a já algum tempo em virtude de uma doença pulmonar, passou a ser muito procurado, e quando podia, ia atender convites para rezar os Santos Offícios nos Oratórios das fazendas vizinhas.

Assim mesmo, os serviços religiosos, não satisfaziam e as reclamações continuavam. O Povo era muito católico.

Isso levou alguns homens importantes da região a liderar um movimento para resolver de uma vez o problema da assistência espiritual ao povo do Bairro.

Joaquim Carneiro Lobo, Miguel Ferreira da Rocha Carvalhais, José de Azevedo, Benedito Mariano Ribas, Francisco de Assis Ribas, Jeremias Carneiro Lobo, Joaquim Gonçalves Guimarães, Atanagildo Pinto Martins, grandes proprietários de terras, resolveram tentar conseguir a elevação do Bairro à Freguesia de Ponta Grossa; com isso resolveriam de vez, os problemas de ordem espiritual, bem como também a questão de ordem oficial, sobre documentos, petições, registros, que obrigavam moradores do Bairro e das Fazendas vizinhas a se deslocarem para a vila de Castro, que distava sete léguas.

A população do Bairro estava crescendo e, ao longo do Caminho das Tropas, já existiam algumas casas; seus moradores viviam de suas pequenas roças e do artesanato simples, fazendo cestas, balaio, chapéus de palha, baixeiros, coxinilhos, arreios de couro cru, renda de bilro, mantas tecidas em tear, etc... que eram levados pelos tropeiros para serem vendidos em Sorocaba.

Próximo do alto da colina, já existia uma loja, construída pelo fazendeiro José Tavares de Siqueira, onde eram vendidos produtos trazidos de São Paulo, no lombo de burro.

Mais abaixo, havia uma ferraria e uma pequena venda, de João Batista Diniz, dono da fazenda do Caracará.

Para que o pedido dos homens fortes do Bairro fosse atendido, era necessário provar:

- 1 — existir um número suficiente de moradores no Bairro;
- 2 — a existência de uma Capela paramentada;
- 3 — a fixação da Côngrua ao Pároco;
- 4 — justificar a distância do Bairro, em relação aos recursos espirituais mais próximos.

Desses requisitos exigidos, apenas a Capela paramentada não existia.

Para resolver esse impasse, os fazendeiros de comum acordo, resolveram transferir o altar de Sant'Ana existente no Oratório da fazenda de Domingos Ferreira Pinto, por sua sugestão, para a CASA DA TELHA, à margem do Caminho das Tropas, próxima do Lageado Grande, numa baixada, e que era utilizada como casa de pouso pelos viajantes.

Esse abrigo havia sido construído pelos Jesuítas, quando ainda eram donos da fazenda Santa Bárbara do Pitangui, a pedido dos moradores que viviam nas proximidades do referido caminho. Foi muitas vezes usado como Capela improvisada, onde foram rezadas muitas missas pelos Missionários da Companhia de Jesus. Era chamado de Casa da Telha, por ser coberta de telhas coloniais trazidas de Paranaguá. Estava abandonada, desde que os Jesuítas haviam sido expulsos do Brasil.

Foi fixada a Côngrua, e encaminhada a petição ao Governo de São Paulo, por intermédio da Câmara de Castro, no dia 13 de julho de 1821.

Fazia pouco tempo que D. João VI havia voltado para Portugal, e havia deixado o Brasil numa situação econômica deplorável. O Príncipe Regente lutava contra a pressão que os políticos portugueses faziam contra o país e, por isso, o pedido dos ponta-grossenses ficou sem solução.

(1) Próximo do Rio Thuji, na estrada que demanda ao norte do Estado.

*Ref: Thamma, Guisela V. Frey. Ponta Grossa, O Povo,
A Cidade e o Poder 1989.*

Os núcleos de Tibagi e Jaguariáiva, também tentavam se libertar do foro de Castro. Após a proclamação da Independência, voltaram os homens fortes dos Campos Gerais à luta, liderados agora pelo Cel. Luciano Carneiro, de Jaguariáiva.

A 15 de setembro de 1823, Ponta Grossa e Jaguariáiva passavam à condição de FREGUESIA.

O Decreto Imperial era assim redigido:

"DECRETO Nº 15 DE 15 DE SETEMBRO DE 1823

Eu Imperador Constitucional do Império do Brasil, faço saber que atendo ao que por Nero, de consciência e ordens, subiu a Minha Imperial Presença. Hei por bem criar uma Freguesia com o rogo de Nossa Senhora Sant'Ana, em um lugar vizinho à Capela denominada Casa da Telha, no Bairro de Ponta Grossa, distrito da Vila de Castro, do Bispado de São Paulo, ficando desmembrada da Freguesia da mesma Vila, servindo-lhe de limites o rio Pitangui, atravessando toda a latitude do Distrito da Freguesia da Vila de Castro e formando meio de círculo vai fazer barra no rio Tibagi e seguindo até fazer barra no rio Iapó, devendo pertencer todos os moradores além do Pitangui e Tibagi até a barra do Iapó, a esta nova Freguesia, este se cumprirá como nele se contém sendo passado pela chancelaria das ordens e valerá de carta posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo de ordenação em contrário, sendo revestidas nos livros da Câmara do Bispado de São Paulo, nos da nova Freguesia dos que com ela confinarem.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1823

Segundo da Independência e do Império.

Imperador com Guarda

Caetano Pinto de Miranda Montenegro"

Não foi fácil acertar os primeiros passos da nova **Freguesia de Sant'Ana de Ponta Grossa**. Eram muitos os problemas:

— a falta de um Vigário permanente.

— a Casa da Telha revelou-se inadequada para sediar a Capela definitiva da Freguesia, porque o local não era bom; ficava longe das moradias; era muito baixo. Havia pouca água nas imediações e pouca madeira.

Novamente os grandes senhores dos Campos Gerais, reuniram-se e depois de muitas deliberações, decidiram que o local mais adequado seria no alto da colina mais bonita do lugar, onde já se concentrava o maior número de moradores; o lugar parecia predestinado, porque já há muitos anos alguém havia ali construído e fincado uma cruz de madeira bem grande, e onde os tropeiros às vezes paravam para rezar.

Ofício nº 90/2007/COMPAC

Ponta Grossa, 20 de dezembro de 2007.

Ilmo Sr.

OLIMPIO MALUCELLI FILHO

Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos

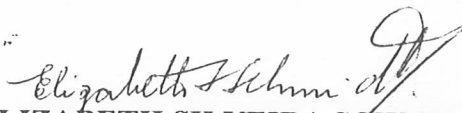
Senhor Secretário

Venho pelo presente informar sobre as deliberações do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, em reunião realizada no último dia 18 de dezembro, de que o túmulo localizado no lote nº 1385 do Cemitério São José encontra-se na lista de bens com interesse de preservação, devendo ser restaurado, preservando-se sua estrutura original.

Já o túmulo localizado no lote nº 1386, a partir da presente data, passa a integrar a relação acima citada, constante do Inventário Cultural, devendo passar pelo mesmo processo de restauração.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente

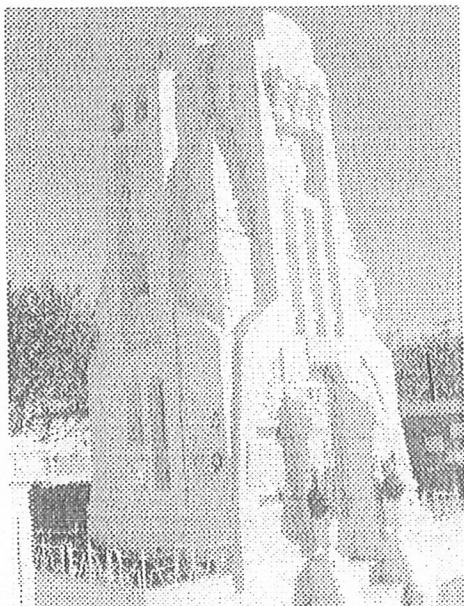


ELIZABETH SILVEIRA SCHMIDT
Secretária Municipal de Cultura

Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural

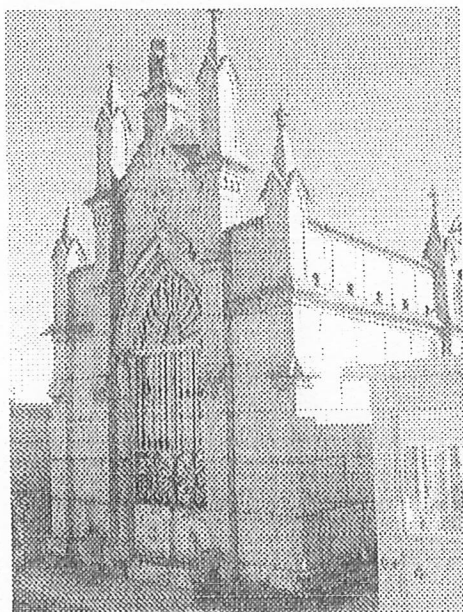
Outro jazigo interessante é a Capela do Major Joaquim Gonçalves Guimarães (Figura 07), em estilo gótico. Dentro da capela, há um epitáfio que possui os seguintes dizeres positivistas: “Os vivos serão dominados pelos mortos”.

Figura 06 – Mausoléu Família Namur



Fonte: Acervo da autora

Figura 07 – Mausoléu Major Joaquim Gonçalves Guimarães

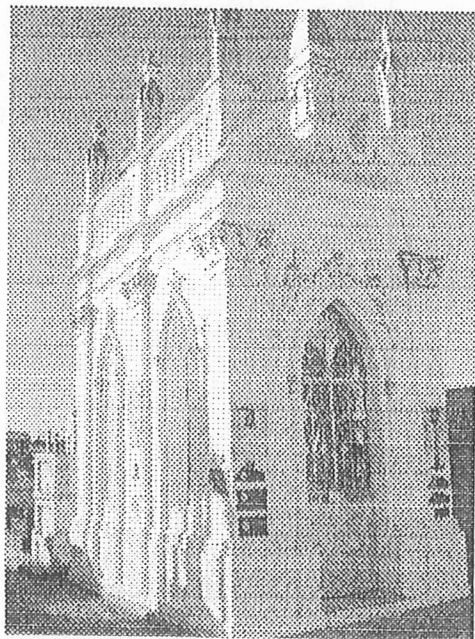


Fonte: Acervo da autora

OBS: alguns túmulos possuem o nome da família, ou do dono do túmulo. Os que não possuem o nome expresso 46 no túmulo, foi nominado com o nome do pessoa que ^{+ tempo} ali sepultado.

Há também o Mausoléu de Margarida Murielt Branco e seu marido Antonio José Pereira Branco (Figura 08). O mausoléu data de 1900, ano que Dona Margarida faleceu. Seu esposo porém, faleceu no ano de 1877, anos antes da fundação do Cemitério São José. Supõe-se que, quando o cemitério São João foi ^{desativado}, os restos mortais do Sr. Antonio José Pereira Branco foram trazidos para o novo cemitério. Com relação ao aspecto arquitetônico, o estilo é eclético, pois apresenta elementos neoclássicos e góticos. As janelas do mausoléu são semelhantes às janelas existentes na antiga Catedral de Sant'Ana. Pode ser que esta semelhança não seja mera coincidência, pois o construtor da antiga Catedral foi Nicolau Ferigotti, que além de zelador do cemitério, construiu vários túmulos do mesmo. O mausoléu possui muitos elementos decorativos do lado externo, como os anjos localizados na parte superior da porta da capela. Um outro detalhe interessante é o epitáfio localizado na lateral da capela, no qual a mãe faz uma homenagem ao filho falecido, descrevendo no epitáfio o seu *Curriculum Vitae*. (por o currículo como nota de rodapé)

Figura 08 – Mausoléu de Margarida Murielt Branco



Fonte: Acervo da autora.

Já o Mausoléu de Alfredo Guimarães Vilela (Figura 09), com data de 1927, é de grande beleza com relação a sua arquitetura, mas se apresenta em lamentável estado de abandono, e vem sendo usado pelos funcionários do cemitério como depósito de

material de construção. Assim como nas cidades, no cemitério também existem os imóveis antigos abandonados pelos seus proprietários.

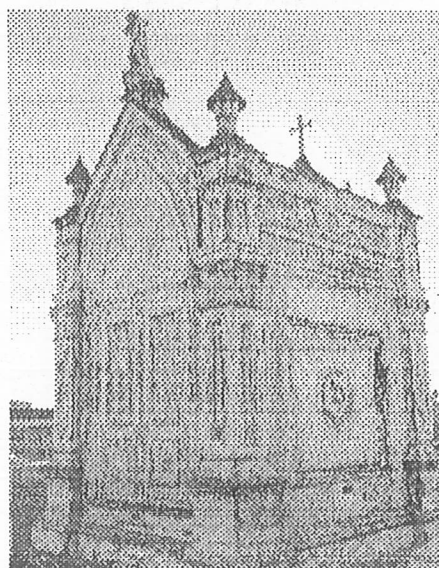
Outro mausoléu que não se encontra em bom estado de conservação é o Mausoléu do Capitão José Mariano Ferreira Ribas (Figura 10). O jazigo data de 1890, mas no epitáfio o ano da morte do capitão é de 1878. Este é outro caso em que os restos mortais que, possivelmente, estavam no cemitério São João, foram trazidos para o cemitério São José.

Figura 09 – Mausoléu Alfredo Guimarães Vilela



Fonte: Acervo da autora

Figura 10 – Maus. Capitão José Mariano Ferreira Ribas

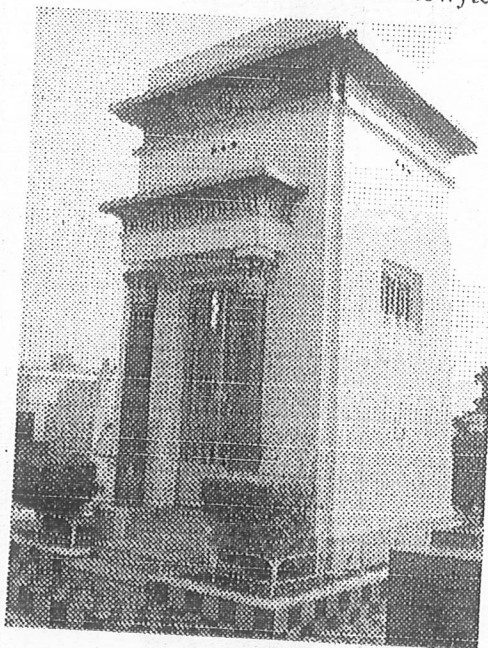


Fonte: Acervo da autora

+1890
+ PACAIBA RESTAURADO

Em outros mausoléus a situação é oposta. São bem conservados e ainda utilizados pelas famílias. É o caso do Mausoléu da Família Woitowytch (Figura 11), em estilo neoclássico evidenciado pelas colunas gregas e o frontão. O estilo neoclássico não está presente somente nos túmulos, mas nesse período ~~é~~ o estilo presente em várias edificações da cidade. o Mausoléu da Família de Julio M. Bittencourt, de 1929 (Figura 12) ricamente decorado com elementos de estilos arquitetônicos variados (ecletico) como as colunas localizadas na parte lateral do jazigo; e o Mausoléu da família Manente (Figura 13), de 1936, decorado com elementos florais nas laterais da porta de entrada, evidenciando o período do estilo da Art Nouveau em Ponta Grossa.

Figura 11 – Maus. Família Woitowytch



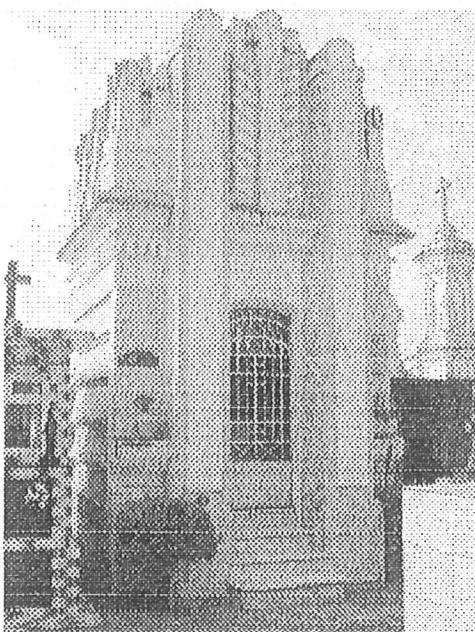
Fonte: Acervo da autora

Figura 12 – Maus. Família Julio M. Bittencourt



Fonte: Acervo da autora

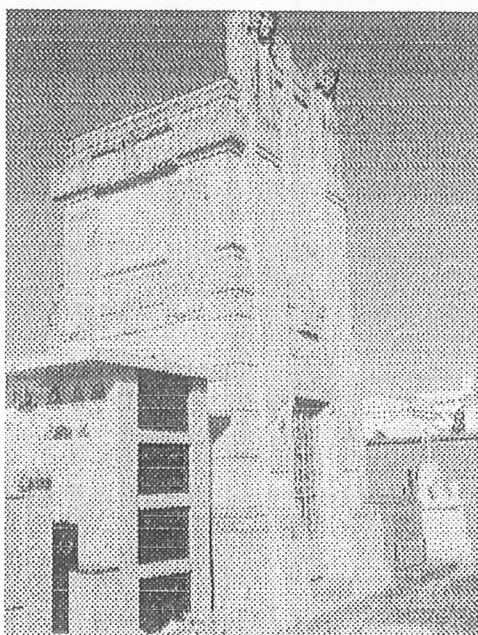
Figura 13 – Maus. Família Manente



Fonte: Acervo da autora

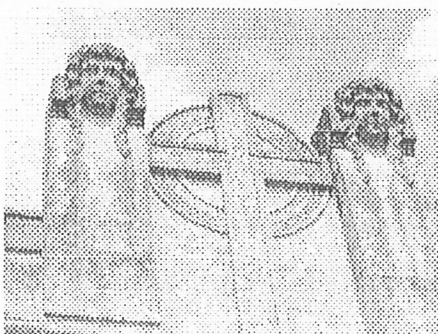
Finalizando a descrição de algumas capelas familiares, citamos o Mausoléu da Família Pacheco de Queiroz (Figura 14) de 1926. Como já mencionado no início deste capítulo, alguns detalhes interessantes estão na parte superior dos túmulos. É o caso deste mausoléu, que possui na parte superior de suas laterais alguns elementos decorativos, como as cabeças de águia e pequenas flores. Na parte superior do túmulo podemos observar a imagem de duas faces: uma com os olhos abertos e outra com os olhos fechados, uma simbolizando a vida e outra a morte.

Figura 14: Maus. Família Pacheco de Queiroz



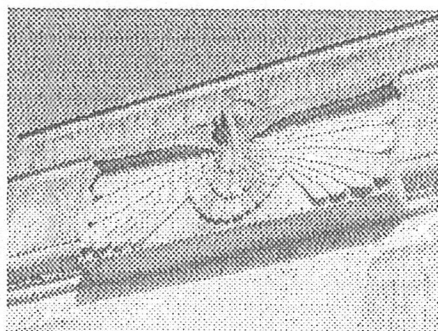
Fonte: Acervo da autora

Figura 15: Detalhe das duas faces



Fonte: Acervo da autora

Figura 16: Detalhe cabeça da águia



Fonte : Acervo da autora

3.1.1.2 – Capelas Votivas

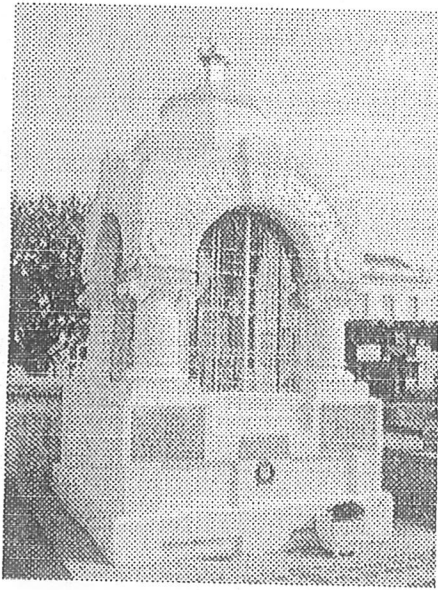
As capelas votivas existem desde o início do século XX, segundo Carollo & Azim (1995,p.139). São túmulos que possuem uma pequena capela, que, no seu interior podem ter uma imagem de algum santo de devoção ou somente algumas flores. O nome votiva significa oferecido em cumprimento de voto, promessa.³

Dentre as capelas votivas encontradas no cemitério São José, duas se destacam por sua beleza e arquitetura. O túmulo da Família Euzébio Baptista Rosas (Figura 17), de 1929, possuiu uma pequena capela que, em seu interior, possui uma imagem da Virgem Maria. Pinturas adornam o teto da capela.

O outro é o túmulo de Custódio de Almeida (Figura 18), de 1928, no qual a capela é ricamente decorada e no seu interior, ao invés de uma imagem, há um vaso de flores.

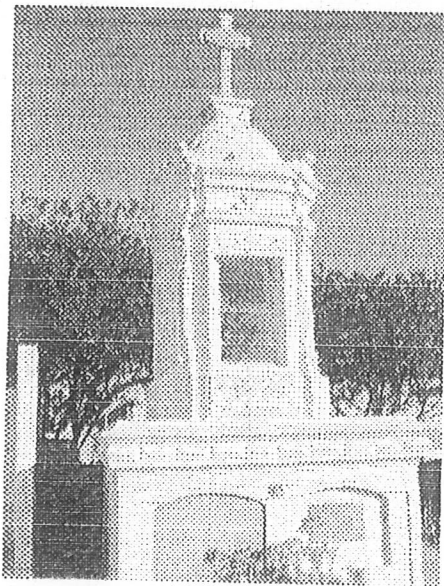
³ Definição encontrada no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa

Figura 17 – Túmulo de Euzébio Baptista Rosas



Fonte: Acervo da autora

Figura 18 - Túmulo de Custodio de Almeida



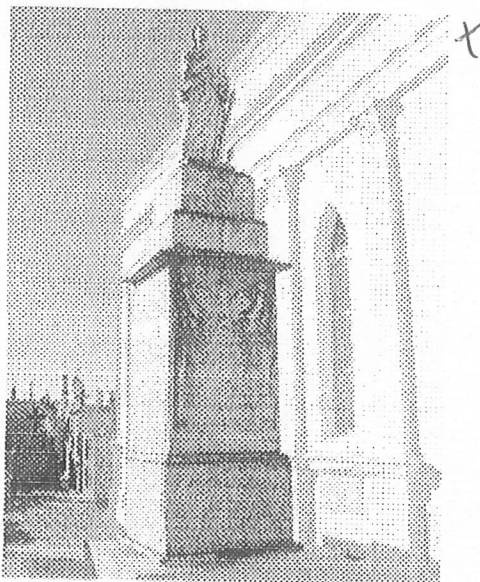
Fonte: Acervo da autora

3.1.1.3 – Túmulos Verticais e Horizontais

*em alguns casos, os per-
som repulcões em re-*

Entre os jazigos existentes no cemitério São José, podemos encontrar alguns túmulos verticais e outros horizontais. Os túmulos verticais muitas vezes são constituídos por estelas⁴ ou monólitos⁵. Como exemplo desse tipo de túmulo podemos citar o túmulo do Tenente Coronel Manoel Ferreira Ribas (Figura 19), de 1895, um dos mais antigos do cemitério. Constitui-se de um monólito com relevos decorativos e na parte superior a imagem de um orante⁶ segurando ao seu lado uma âncora. Conforme Carollo (1995), na simbologia cristã a âncora significa esperança, sendo também símbolo da constância e da fidelidade.

Figura 19 – Túmulo do Tenente Coronel Manoel Ferreira Ribas



Fonte: Acervo da autora

Já os túmulos horizontais, em sua maioria, são encimados por estelas ou monólitos. Em alguns túmulos, sobre estes monólitos, existem orantes, capelas, colunas e outras imagens. São freqüentes entre os túmulos mais antigos do cemitério. Entre os túmulos que fazem parte do roteiro podemos ilustrar o túmulo da Família Piazzetta (Figura 20), de 1916. Constitui-se em um túmulo horizontal encimado por um monólito que se destaca por sua volumetria e pelos belos relevos que decoram o túmulo.

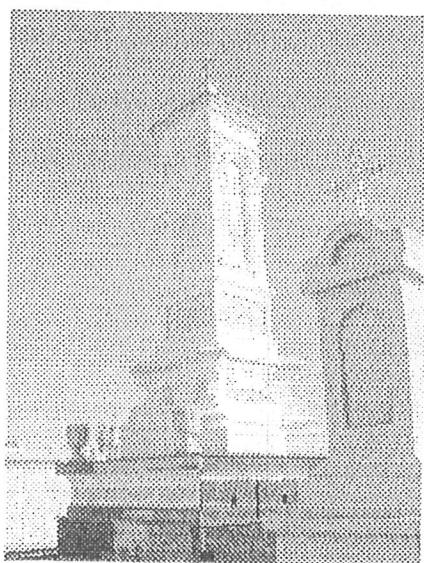
⁴ Estela, de acordo com o dicionário Michaelis, é uma pedra vertical monolítica destinada a ter inscrições ou esculturas. Também pode ser um marco fronteiroço. *mudar p/ pag. 43*

⁵ Monólito, conforme o mesmo dicionário, é uma obra ou monumento de uma só pedra.

⁶ Imagem representada em atitude de oração.

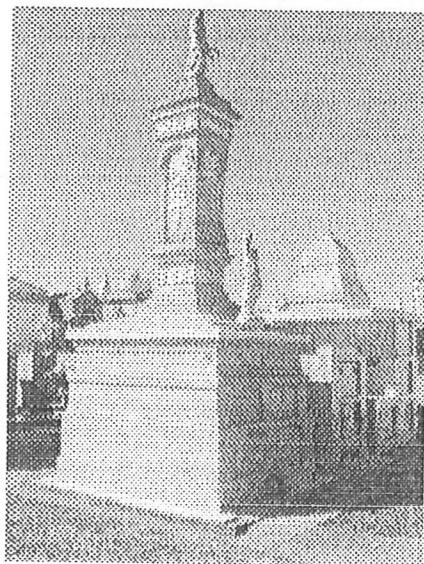
Outro exemplo é o túmulo de Nicolau Ferigotti (Figura 21), que foi o primeiro zelador do cemitério e construtor de diversos túmulos do mesmo. Seu túmulo, semelhante ao da Família Piazzetta, data de 1916. É formado pelo túmulo horizontal encimado por um monólito com elementos decorativos em relevo. Possui também a imagem de dois orantes, um na parte inferior do monólito e outro localizado na parte superior. Este último segura uma coroa de flores.

Figura 20: Túmulo da Família Piazzetta



Fonte: Acervo da autora

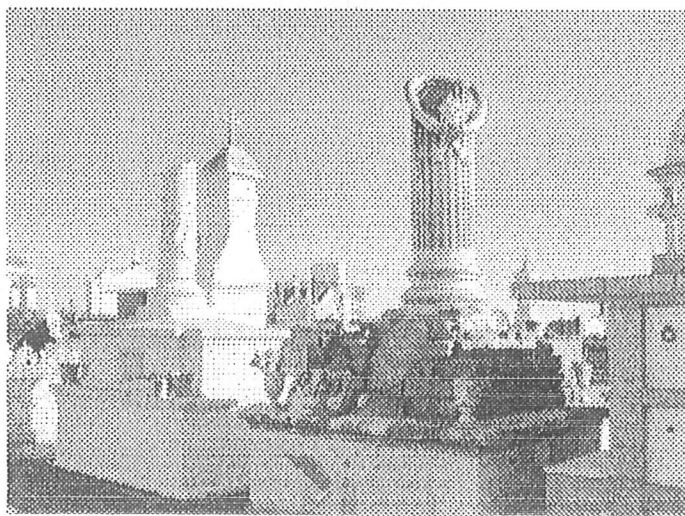
Figura 21: Túmulo de Nicolau Ferigotti



Fonte: Acervo da autora

Outros dois túmulos horizontais interessantes são os túmulos de Antonio Solano Batista e de Christiano Bueno (Figura 22). Localizado um ao lado do outro, são semelhantes quanto a sua arquitetura e quanto ao seu simbolismo. Com relação a arquitetura, ambos são túmulos horizontais e possuem em sua parte superior uma coluna cortada. Essa coluna simboliza a vida ceifada. No túmulo de Antonio Solano Batista, sobre a coluna há uma coroa.

Figura 22: Túmulos de Antonio Solano Batista e Christiano Bueno

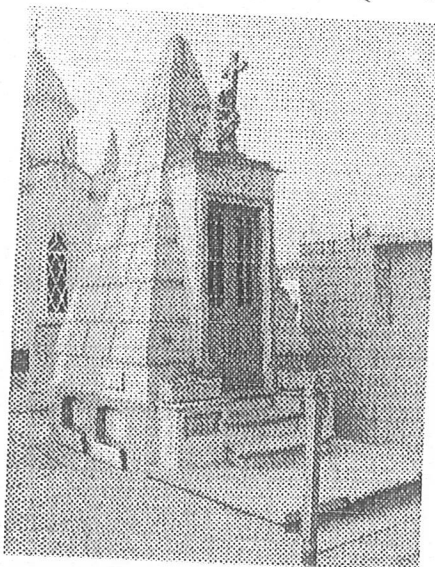


Fonte: Acervo da autora

3.1.1.4 – Influência Egípcia

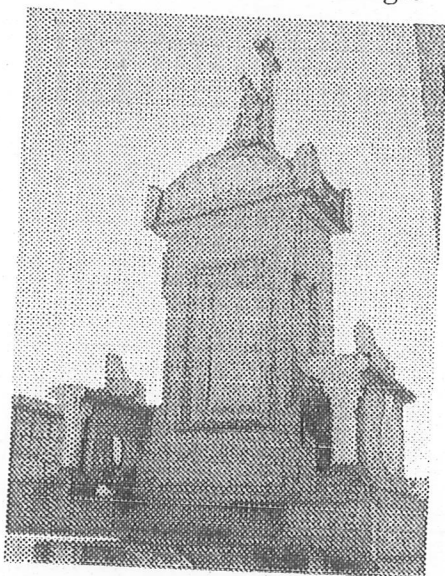
Existem dois túmulos no cemitério São José que incorporam elementos simbólicos do antigo Egito. Há milhares de anos atrás, os egípcios já praticavam um tipo de culto aos mortos, sendo as pirâmides, mausoléus colossais destinados aos reis. Talvez, por isso, podemos encontrar esses elementos egípcios. ^{no cemitério} O primeiro é o Mausoléu da Família Quadros Viana (Figura 23), em formato de pirâmide, mas que também possui elementos cristãos, como a imagem localizada sobre a porta de entrada do mausoléu. O outro túmulo (Figura 24) que possui elementos egípcios, não possui nenhum epitáfio ou mesmo o nome da família a qual pertence. É também um túmulo horizontal com monólito, mas com poucos elementos decorativos. Possui na parte lateral duas pequenas esfinges e um orante na parte superior.

Figura 23 – Maus. Família Quadros Vianna



Fonte: Acervo da autora

Figura 24 – Túmulo das Esfinges



Fonte: Acervo da autora

3.1.2 - Estatuaria Funerária, a Arte Tumular

Podemos encontrar no Cemitério São José uma grande quantidade de imagens e esculturas tumulares, a chamada Arte Tumular.

3.1.2.2 – Os Anjos

Já as imagens de anjos são encontradas com mais frequência. Há imagens de todos os tipos e tamanhos. Nas esculturas, os anjos são representados ou como crianças ou como jovens, com traços femininos. Cabe ao anjo o papel de conduzir o morto até o céu.

Dentro do contexto da escultura figurativa cemiterial, a história do anjo merece atenção por si mesma. (...) O lugar dos mortos, porém lhe confere um local todo especial. Esse anjo não é mais o querubim da idade barroca, praticamente desaparecido no início do século XIX e sobretudo no século XX. Ele surgiu dentro de um papel bem definido: anjo dos túmulos juvenis, das sepulturas quadradas das crianças, imagem e reflexo do ser que se foi, “um anjo no céu” (...) Em meados do século XIX, entretanto, foi substituído pelo anjo adulto: o anjo da morte – um jovem belo, calmo e sonhador – que carrega às vezes a tocha invertida que lhe foi atribuída pela iconografia clássica. (VOVELLE, 1997, p. 330)

Em alguns túmulos, a imagem do anjo se assemelha com a imagem de um jovem, como as imagens dos túmulos de Flavio Vilela Guimarães (Figura 28), de Ernesto Vilela (Figura 29), de Antônio Schawansee (Figura 30) e de Iolando Taques Fonseca (Figura 31). Nestes dois últimos, a imagem do anjo está com as asas abertas, como que pronto para voar. Em todo o cemitério, só foram encontradas mais outras duas imagens de anjos com as asas abertas. *(foto do touro em casa)*

Figura 28 – Imagem Tum. Flávio Villela Guimarães



Fonte: Acervo da autora

Figura 29 – Imagem –Tum. Ernesto Villela



Fonte: Acervo da autora

Figura 30 – Imagem – Tum. Antônio Schawanssee



Fonte: Acervo da autora

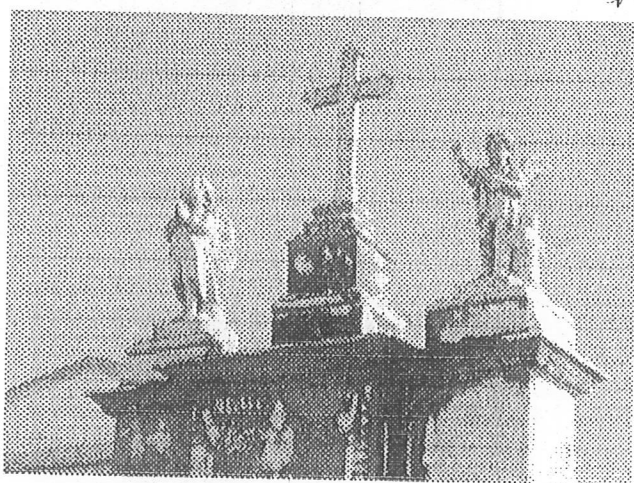
Figura 31– Imagem –Tum. Iolando Taques Fonseca



Fonte: Acervo da autora

Em outros túmulos, encontramos imagens de anjos semelhantes a crianças, o chamado anjo barroco. Entre os túmulos que possuem essas imagens, se destaca o túmulo do Coronel Cláudio Gonçalves Guimarães (Figura 32), que possui duas imagens de anjos na parte superior do monólito que forma o túmulo. Uma das imagens está com as mãos em posição de oração e com as asas fechadas. A outra, com as asas abertas e com uma mão apontada para o céu. Possivelmente, uma imagem deve simbolizar a morte e a outra a ressurreição.

Figura 32 – Imagem – Tum. Cel. Cláudio



Fonte: Acervo da autora

3.1.2.3 – Imagens Femininas

Muitas das imagens que adornam os túmulos do cemitério são representações de mulheres. As imagens femininas são utilizadas para expressar sentimentos como dor, tristeza, desolação, lamentação, enfim, expressar o luto, ou em alguns casos até a própria morte.

O que representa essa mulher estátua? São papéis bastante diversos; contudo, podemos grosso modo lhe atribuir dois tipos de função simbólica: a de suplicante ou carpeideira que chora sobre o túmulo do ente querido, e a de representação idealizada da morte. (VOVELLE, 1997, p. 332)

No cemitério São José existem belos exemplares deste tipo de estatuária funerária. Em alguns túmulos, as imagens mostram a figura de uma mulher debruçada

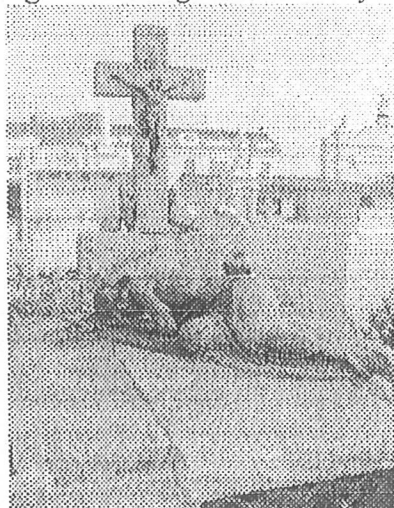
sobre o túmulo, com uma expressão de tristeza, chorando e lamentando a morte do ser querido . Podemos citar, como exemplo, as imagens nos túmulos de Leopoldo Roedel (Figura 33), de Reynaldo Vosgerau (Figura 34) e de Ovigio G. Guimarães (Figura 35).

Figura 33: Imagem- Tum. Leopoldo Roedel



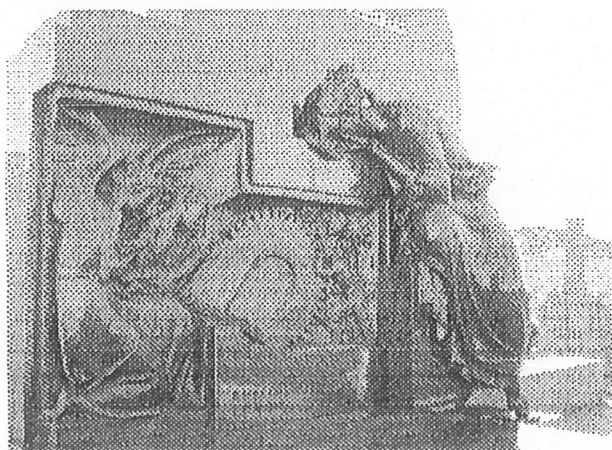
Fonte: Acervo da autora

Figura 34: Imagem – Tum. Reynaldo Vosgerau



Fonte: Acervo da autora

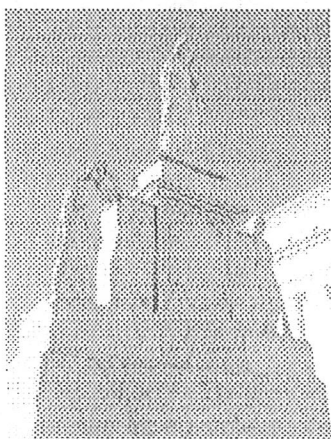
Figura 35: Imagem – Tum. Ovigio Guimarães



Fonte: Acervo da autora

Em outros túmulos, as imagens estão com a mão no rosto, num gesto pensativo, expressando um inconformismo e referenciando a tentativa de aceitação da morte. Assim ocorre nas imagens do túmulo de Augusto Ribas (Figura 36), no qual além das imagens expressarem esse inconformismo, elas têm na mão uma tocha invertida, que pode simbolizar o fim da vida.

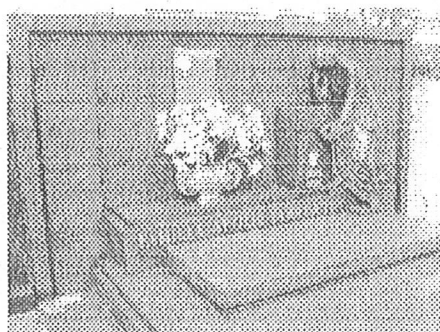
Figura 36: Imagens – Túmulo de Augusto Ribas



Fonte: Acervo da autora

Nos túmulos de Atílio Tararan (Figura 37) e de Francisco Schust (Figura 38) as imagens estão segurando uma coroa de flores. Segundo Carollo, as flores simbolizam o paraíso e a coroa está associada à idéia de chegada ao paraíso, no qual o verdadeiro prêmio é a imortalidade.

Figura 37: Imagem –Tum. Attilio Tararan



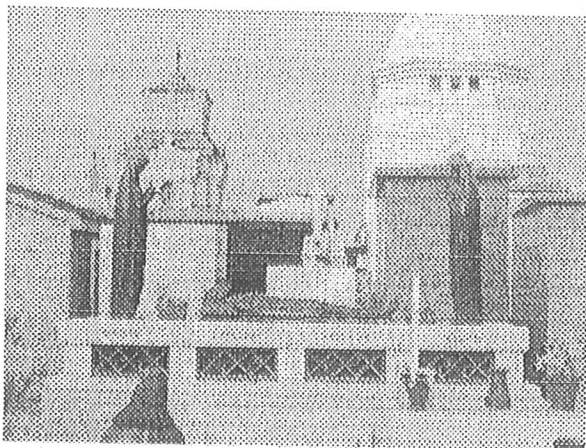
Fonte: Acervo da autora

Figura 39: Imagem – Tum. Família Almeida



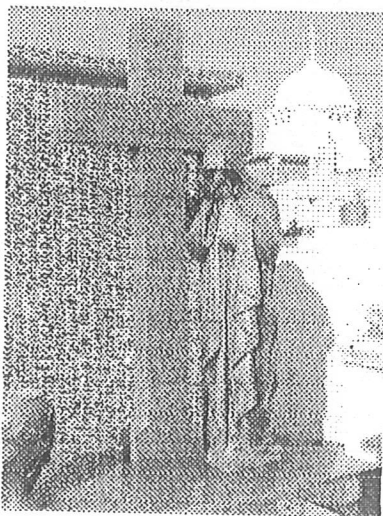
Fonte: Acervo da autora

Figura 40: Imagem – Tum. Lysandro Alves de Araújo



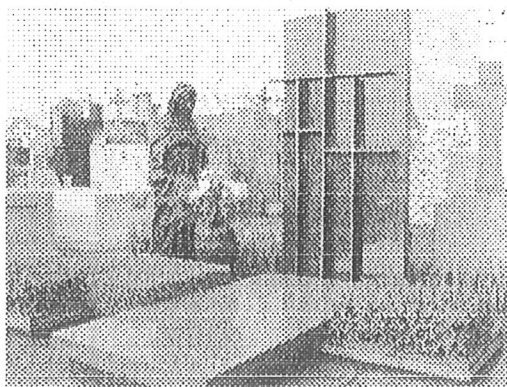
Fonte: Acervo da autora

Figura 41: Imagem – Tum. Lazaro Zacarias dos Santos



Fonte: Acervo da autora

Figura 42: Imagem – Tum. Família João Varassim



Fonte: Acervo da autora

3.1.2.4 – Imagens de Cristo

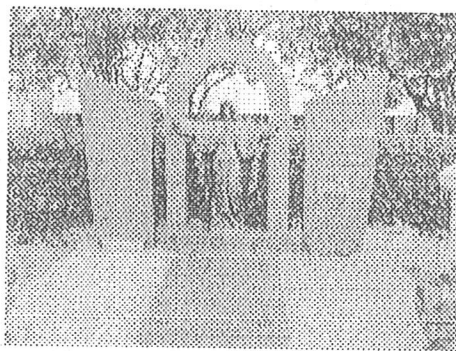
São diversas as imagens de Jesus Cristo espalhadas pelo cemitério. Essas imagens representam, em sua maioria, o momento da crucificação e da ressurreição. Como exemplo, podemos citar as imagens do túmulo da Família Laidane, que mostra o sofrimento de Cristo carregando a cruz. Nota-se o painel localizado no lado direito do túmulo, representando o Calvário. E o túmulo de Augusto Justus, que representa a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Figura 43: Imagem – Tum. Família Laidane



Fonte: Acervo da autora

Figura 44: Imagem – Tum. Augusto Justus



Fonte: Acervo da autora

3.1.3 – Os túmulos mais antigos

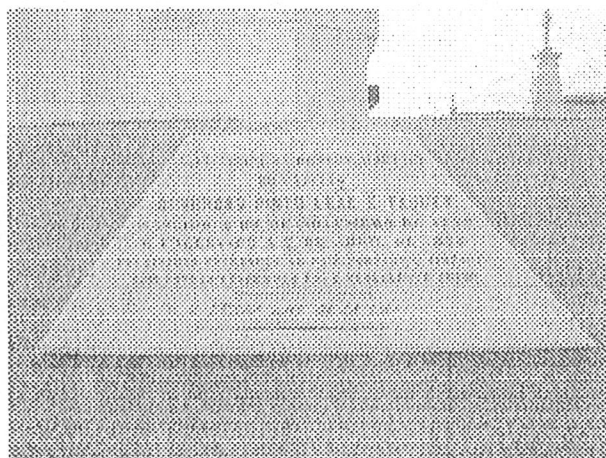
Acreditava-se que o túmulo mais antigo do Cemitério São José era o túmulo do Comendador José Miró de Freitas, de 1881, pois foi neste ano que o Cemitério São José passou a ser utilizado pela população. Contudo, não se sabe realmente se este túmulo foi construído em 1881 porque, não há nenhum registro ou documento que fale a respeito das construções dos jazigos. Há somente os livros registro das pessoas que foram sepultadas.

De acordo com o Livro nº1 de registros do Cemitério São José, o primeiro registro necropolitano ocorreu no dia 16 de Outubro de 1890, quando foi enterrado Frederico, de nacionalidade russa, filho de José Schuape.⁸ Possivelmente, os restos mortais do Comendador Miró, assim como inúmeros outros, foram transferidos do antigo cemitério São João para o Cemitério São José. Segundo Chamma (1988) no governo do Cel. Cláudio Gonçalves Guimarães, o Cemitério São João foi destruído e algumas famílias transferiram os restos de seus mortos para o novo cemitério.

Sendo assim, a lápide mais antiga encontrada no cemitério é a do Capitão Generoso Pinto Leal e Taques, falecido no dia 07 de abril de 1865.

⁸ Informação obtida do Jornal Diário dos Campos de 12 de Agosto de 1934.

Figura 45: Lápide do Capitão Generoso Pinto Leal e Taques



Fonte: Acervo da autora

3.1.4 – Importância Histórica

Algumas das pessoas sepultadas no Cemitério Municipal São José foram de grande importância para a história da cidade. É comum encontrar nas lápides nomes de ex-prefeitos, políticos, comerciantes e outras pessoas que tiveram sua devida importância social, política e econômica na região. Entre os túmulos destas personalidades podemos destacar:

Domingos Ferreira Pinto, o Barão de Guaraúna (Figura 46)

Nasceu em Curitiba em 03 de setembro de 1820. Foi tropeiro e mais tarde adquiriu fazendas de criação, tornando-se próspero fazendeiro na região dos Campos Gerais. Suas fazendas ocupavam quase toda a região dos atuais bairros da Ronda e Vila Estrela. Em 1880, hospedou o Imperador D. Pedro II em sua residência, situada na praça da Matriz, onde hoje se encontra o Quartel General da 5ª Infantaria Blindada. Em agradecimento a hospitalidade, o Imperador concedeu-lhe o título de Barão de Guaraúna. Seu mausoléu é o mais imponente do cemitério São José. Construído em 1893 o mausoléu se assemelha a uma pequena capela, com elementos góticos. Lá também estão sepultados sua esposa, Maria Ambrósia da Rocha Ferreira, a Baronesa de Guaraúna, e outros nomes da história política de Ponta Grossa, a saber:

* João Ribeiro & Brásio

NOTA DE RODAPÉ

Theodoro Baptista Rosas

Nasceu em Ponta Grossa em 1861 e faleceu, solteiro em 1923. Foi um grande empresário e dedicava-se a agropecuária em sua fazenda Cachoeira. Foi eleito prefeito em 1912, permanecendo no cargo até 1916. Em seu governo foi instalada a primeira rede de água e esgoto de Ponta Grossa. Inaugurou também a hidrelétrica de Martins Carvalho, situada no Rio Pitangui, modernizando assim o sistema gerador de eletricidade.

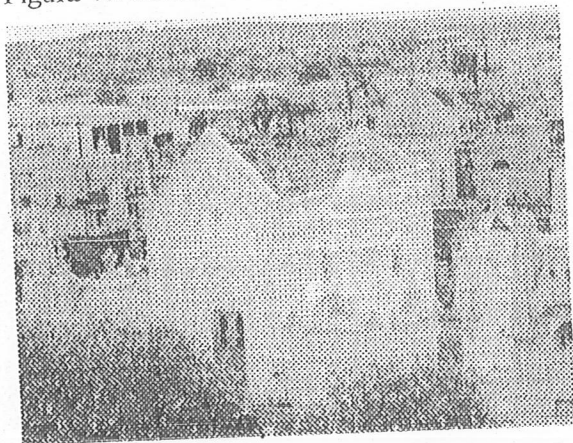
Dr. Elyseu de Campos Mello

Nasceu em Porto das Canções – SP, em 1856. Foi advogado, agropecuarista e industrial madeireiro. Foi eleito prefeito em 1928 e governou até 1930, quando renunciou o cargo. Morreu em 1954 na cidade do Rio de Janeiro.

Plauto Miró Guimarães

Filho do Senador Flavio Carvalho Guimarães. É neto de José Miró de Freitas, e bisneto do Comendador Miró (também José Miró de Freitas). Nasceu em Ponta Grossa em 1912. Foi prefeito de Ponta grossa no período de 1966 a 1969. Durante seu governo, dotou a cidade de uma moderna Rede Telefônica, a Cia. Ponta-grossense de Telecomunicações (CPT), e também conseguiu a instalação de algumas indústrias na cidade.

Figura 46: Mausoléu do Barão de Guaraúna



Fonte: Acervo da autora

Dr. Amadeu Puppi

Ex-prefeito de Ponta Grossa. Passou a governar após a renúncia de Luí Gonzaga Pinto, em 13 de março de 1975. Era médico e diretor do hospital 26 d

Outubro. Foi vereador entre os anos de 1947 e 1950, e depois, deputado estadual entre os anos de 1950 a 1965. Sua gestão como prefeito durou apenas dois anos, mas muitas obras foram realizadas neste período como o asfaltamento de várias ruas do centro da cidade e a criação de praças nos bairros, entre outras.

Figura 47: Imagem – Tum. Amadeu Puppi

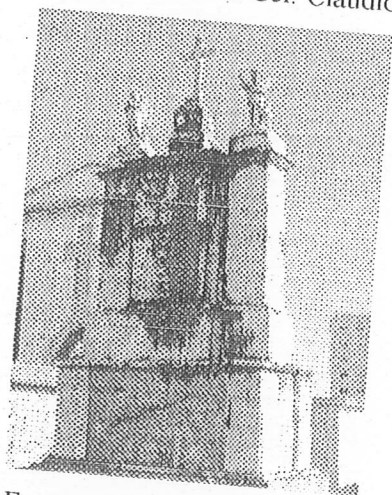


Fonte: Acervo da autora

Cel. Cláudio Gonçalves Guimarães (Figura 48)

Ponta-grossense de nascimento e membro de tradicional família, foi grande fazendeiro e político influente. Foi o primeiro prefeito de Ponta Grossa, assumindo o cargo como intendente⁹ em 1º de Fevereiro de 1890, permanecendo no governo até 1892. Faleceu em Ponta Grossa em 1896.

Figura 48: Túm. Cel. Cláudio Gonçalves Guimarães



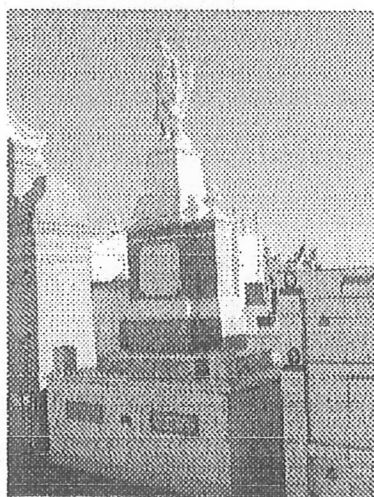
Fonte: Acervo da autora

⁹ Até que a Constituição Republicana ficasse pronta, os governos municipais passaram a ser dirigidos por um Intendente, nomeado pelo Governo Estadual.

Ernesto Guimarães Villela

Nasceu em Ponta Grossa em 1859. Foi grande empresário e dedicava-se ao comércio e a agropecuária. Sua fazenda, Santa Cruz, ficava a 20 Km da cidade, na estrada para Tibagi. Possuía uma empresa de importação e exportação chamada Ernesto Villela & Irmãos. Foi eleito prefeito em 1896, ficando 12 anos à frente da prefeitura¹⁰. No seu governo desapropriou terrenos dos herdeiros do Cel. Cláudio a fim de conceder, em 1899 à Cia. Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, os terrenos necessários para a construção da Estação Ferroviária. Em 1905, inaugurou a rede de iluminação elétrica da cidade, entre outras realizações importantes.

Figura 49: Tum. Ernesto Villela



Fonte: Acervo da autora

Comendador Bonifácio J. Villela

Foi comerciante. Estabeleceu-se em Ponta Grossa em 1854, com uma pequena casa de secos e molhados. Esta casa prosperou e transformou-se em firma importadora e exportadora com a denominação Bonifácio José Villela & Filhos, mais tarde sucedida por seu filho Ernesto Villela. Quando D. Pedro II esteve em Ponta Grossa, o Comendador recebeu Sua Majestade em sua casa e recebeu a Comenda da Ordem da Rosa, por isso o título de Comendador. Era pai de Ernesto Guimarães Villela e de José Bonifácio Guimarães Villela, ambos ex-prefeitos de Ponta Grossa.

¹⁰ Foi reeleito duas vezes.

Figura 50: Imagem do Túmulo de Bonifácio Villela

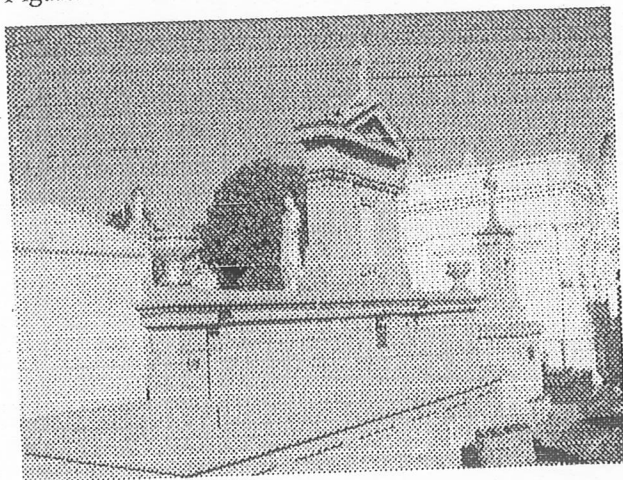


Fonte: acervo da autora

Cel. Manuel Vicente Bittencourt

Nasceu em Morretes em 1838. Foi o primeiro prefeito eleito de Ponta Grossa. Assume em janeiro de 1892¹¹. Neste mesmo ano começou a Revolução Federalista¹² sendo que, em 1895 foi obrigado a renunciar, pois era partidário dos federalistas, tendo ajudado e recebido os mesmos aqui na cidade. Viveu muitos anos em Ponta Grossa onde se destacou como comerciante e político. Faleceu em 1924.

Figura 51: Tum. Manoel V. Bittencourt



Fonte: Acervo da autora

¹¹ Após a promulgação da Constituição Republicana em 24 de Fevereiro de 1891, os municípios passaram a eleger através do voto, seus prefeitos e vereadores.

¹² Movimento originado no Rio Grande do Sul, ocasionado pelo descontentamento dos gaúchos com a Política do Presidente Deodoro da Fonseca.

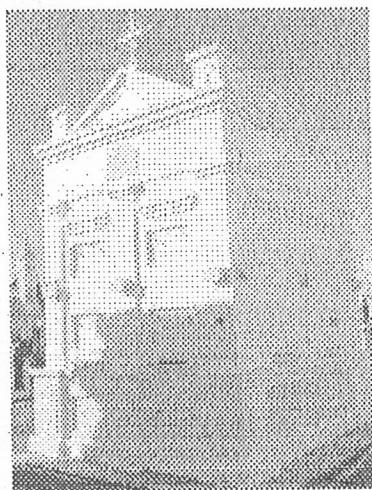
Lysandro Alves de Araújo (Figura 40)

Nasceu em 1878 em Palmeira. Era muito rico e dono de muitas fazendas, entre as quais Guaraúna, Santo Antonio e Pau Furado. Assumiu a prefeitura interinamente após a renúncia de Elyseu de Campos Melo, em 1930. Foi Deputado Estadual no governo de Caetano Munhoz da Rocha. Faleceu em 1954 em consequência de um ferimento na altura do fígado, causado por uma mordida de cavalo que acabou transformando-se em câncer.

Flavio Carvalho Guimarães

Nasceu em Ponta Grossa em 21 de abril de 1891. Foi jornalista, advogado, literato e fazendeiro. Foi eleito Senador da República em 1935, mas permaneceu por pouco tempo no cargo, devido ao rumo que tomou a política brasileira na época. Em 1946 foi eleito novamente senador, fazendo parte da Assembléia Constituinte, que elaborou a Constituição Brasileira de 1946. Faleceu em Ponta Grossa em 1968.

Figura 52: Maus da Família Carvalho Guimarães



Fonte: Acervo da autora

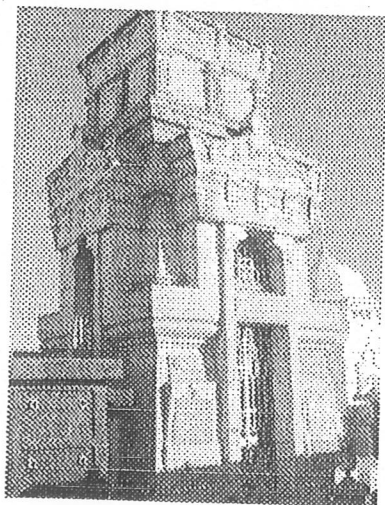
Nicolau Ferigotti (Figura 21)

Nasceu na Itália e veio para o Brasil em 1871. Morou em Curitiba, Castro e Ponta Grossa. Era arquiteto. Projetou e construiu a antiga Catedral de Sant'Ana e a Igreja Matriz de Castro. Construiu também os muros e alguns dos primeiros túmulos do Cemitério São José. Foi zelador do cemitério entre os anos de 1909 – 1915, após assumindo seu filho João Ferigotti.

Cel. Henrique Thielen

Natural da Alemanha. Chegou em Ponta Grossa em 1894 , e no mesmo ano fundou a Cervejaria Adriática, onde vendia além de cerveja, gelo, águas minerais e malte. Foi um dos homens mais ricos de Ponta Grossa. Era proprietário da Mansão Vila Hilda. É interessante observar que os detalhes de sua mansão estão expressos também no seu mausoléu

Figura 53: Maus. Família do Cel. Henrique Thielen



Fonte: Acervo da autora

Dr. Francisco Burzio

Natural de Poirino, Italia . Chegou ao Brasil em 1903, fixando residência em Laguna –SC. Mudou-se para Ponta Grossa em 1908 atraído pelas possibilidades que surgiam no município. Além de atender os pobres em seu consultório, foi médico na Santa Casa de Misericórdia e do Hospital da Rede Ferroviária – Hospital 26 de Outubro. Em 1917 viajou para a Europa, onde se apresentou ao exército italiano para atuar como médico na Primeira Guerra Mundial. Na sua volta, foi recebido com grande festa pela população ponta-grossense, na Estação Saudade. Morreu em 1961 em São Paulo. Conforme seu desejo, seu corpo foi trazido de São Paulo e sepultado no Cemitério São José.

Figura 54: Túm. Francisco Burzio

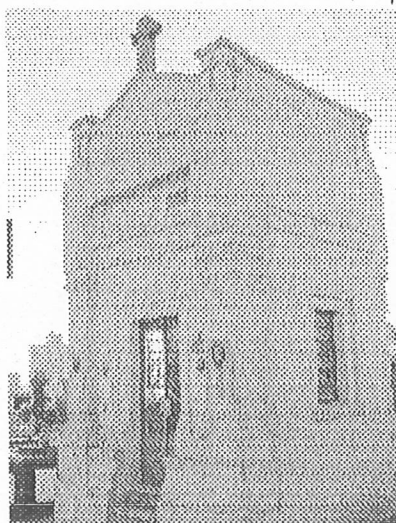


Fonte: Acervo da autora

Max Stolz

Natural da Alemanha. Era construtor. Construiu os colégios Regente Feijó, Sant'Ana e São Luiz, além de casas residenciais e prédios públicos. Desenvolveu uma nova massa específica para a construção. Ele trazia a cal de Itaiacoca, colocava em um buraco no solo, acrescentava água e cobria o buraco com terra. Depois de três meses, a mistura era uma nata de cal a qual juntavam com a areia marrom do Rio Pitangui. No final do processo, essa massa ficava igual cimento e era utilizado nas obras. As construções ficavam perfeitas, durando até os dias de hoje sem apresentar rachaduras. Faleceu em 1941.

Figura 55: Maus. Max Stolz

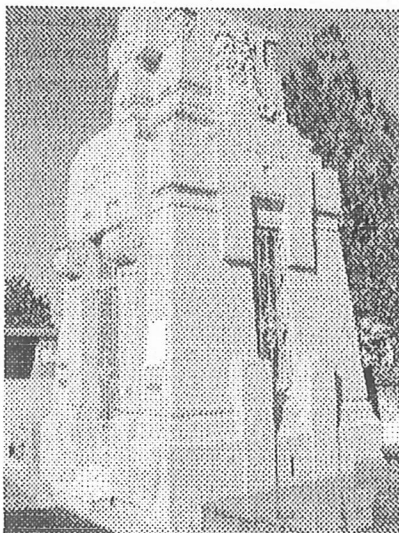


Fonte: Acervo da autora.

Augusto Canto

Nasceu em Schwelm, província de Westfalia, Alemanha, em 1861. Veio para o Brasil com 17 anos. Inicialmente morou em Curitiba sendo que, em 1883 mudou-se para Ponta Grossa. Fundou o primeiro cinema da cidade, *O Recreio*, que funcionava, a princípio, em sua casa, depois em um prédio de sua propriedade à Rua XV de Novembro. Foi proprietário de uma casa de ferragens, de uma fábrica de cerveja, de uma fábrica de calçados, de um curtume, do Hotel Canto, de uma confeitaria e de uma Casa de sementes, que vendia sementes importadas para todo sul do País.

Figura 56: Mausoléu de Augusto Canto



Fonte: Acervo da autora

3.1.5 – Túmulos Étnicos

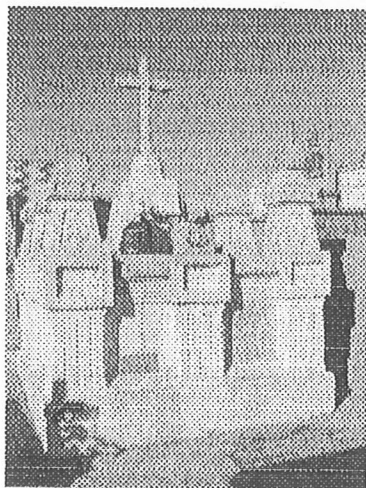
Os imigrantes foram de grande importância para a formação da sociedade ponta-grossense. No final do século XIX, a cidade recebeu uma grande leva de imigrantes europeus. Entre eles estavam poloneses, ucranianos, alemães, sírios, austríacos, italianos, russos e portugueses. Alguns destes imigrantes mantiveram a sua cultura até mesmo no cemitério, escrevendo suas lápides no seu idioma de origem. Foram encontradas lápides escritas em hebraico, árabe e alemão. Estas duas últimas em maior quantidade.

No caso dos germânicos, essa relação com a pátria-mãe apresentava-se ainda mais complexa. Nacionalidade e cidadania, para alemães, estavam desvinculadas. À cidadania atribuíam-se simplesmente um comprometimento com o Estado. Agora à nacionalidade estavam ligados conceitos como raça,

etnia, cultura, história, tradição e, principalmente, o idioma. Explica-se, assim, a relutância destes imigrantes em abandonar a língua alemã. (KNEBEL, 2001, p. 313)

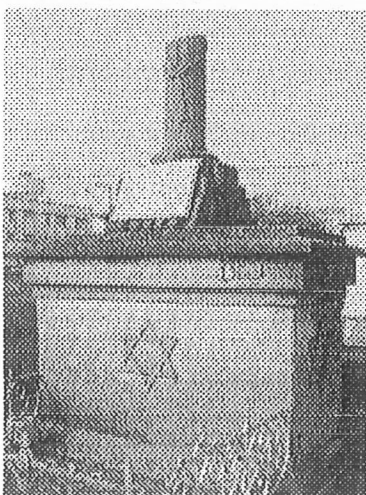
Entre os diversos túmulos que possuem a lápide escrita em alemão no cemitério São José, se destaca o túmulo da Família J. David Hilgemberg (Figura 57), de 1934. Já o túmulo da Família Wagner (Figura 58) de 1922, possui a lápide escrita em hebraico. A Família Wagner era uma das poucas famílias de judeus que moravam em Ponta Grossa. Sobre túmulo horizontal há uma coluna quebrada e na base do mesmo, a Estrela de Davi, símbolo da religião judaica.

Figura 57: Tum. J. David Hilgemberg



Fonte: Acervo da autora

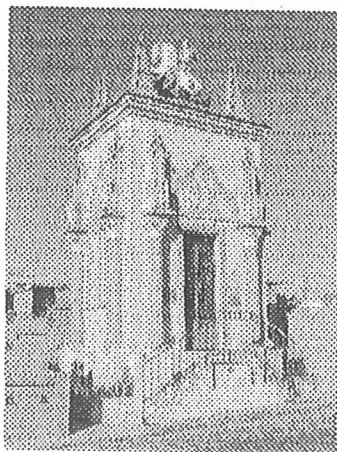
Figura 58: Tum. Família Wagner



Fonte: Acervo da autora

O Mausoléu da Família Fianny (Figura 59), de 1934, possui uma das lápides escrita em árabe. Além de ser ricamente decorado externamente, sobre o mausoléu há uma belíssima imagem de São Jorge.

Figura 59: Mausoléu Família Fianny

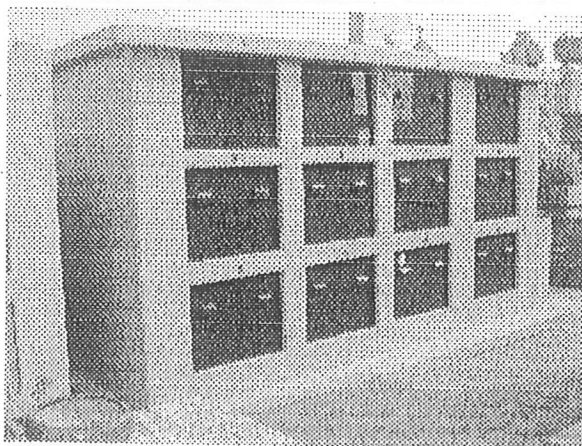


Fonte: Acervo da autora

3.1.6 – Túmulos Militares e Religiosos

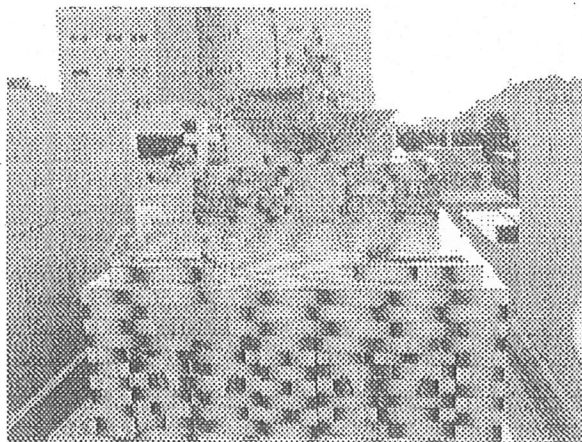
Entre os túmulos de ordem militar podemos citar o Mausoléu Major Pedro Ploteca – ASMIRE – Associação dos Militares da Reserva de Ponta Grossa (Figura 60). É um mausoléu de grandes dimensões, composto por aproximadamente 21 gavetas. Outro túmulo com características militares é o túmulo que homenageia os Cadetes Joaquim Antônio de Paula Xavier e Ricardo Frare Batista (Figura 61), que morreram durante um treinamento militar no Texas – Estados Unidos.

Figura 60: Maus. ASMIRE



Fonte: Acervo da autora

Figura 61: Tum. Dos Aviadores



Fonte: Acervo da autora

Já entre os túmulos religiosos, podemos citar o Mausoléu Maçônico, onde são sepultados alguns membros da Loja Maçônica de Ponta Grossa. A maçonaria não é uma religião e sim uma filosofia de vida. De acordo com as informações da *home page* da Grande Loja Unida do Paraná ¹³, “a Maçonaria não é uma sociedade beneficente ou securitária e não visa lucro.” É composta somente por homens e seus princípios baseiam-se em sentimentos de profundo amor pela pátria, respeito ao próximo e a vontade pessoal de viver uma vida virtuosa.

Figura 62: Mausoléu Maçônico



Fonte: Acervo da autora

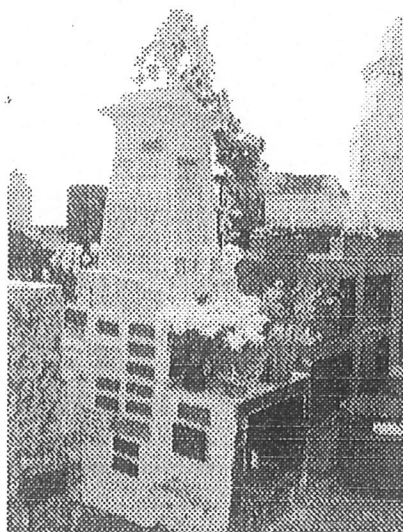
¹³ <http://www.maconaria.org/>

Figura 63: O túmulo milagroso de Corina Portugal



Fonte: Acervo da autora

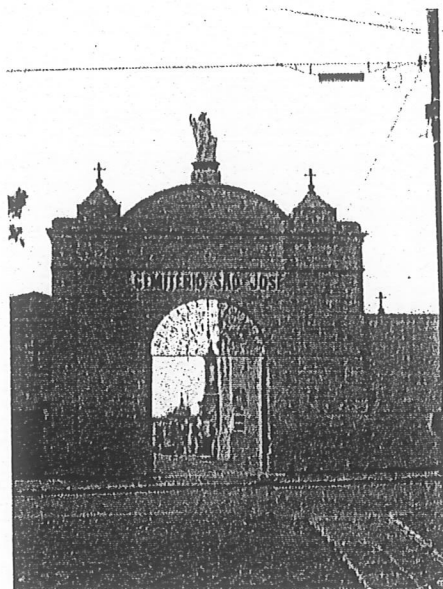
Figura 64: Destaque para as placas de agradecimento pelas graças recebidas



fonte: Acervo da autora

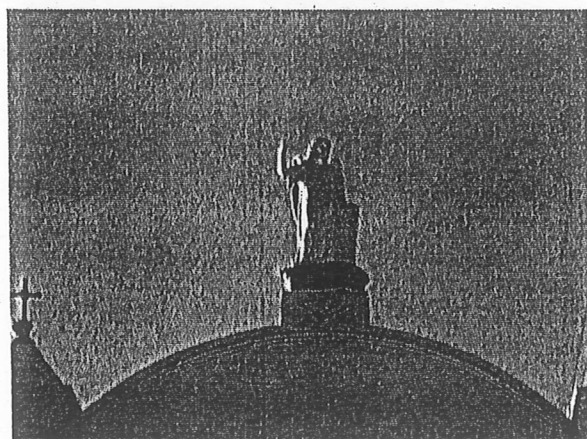
Este capítulo objetivou a apresentação de alguns dos túmulos escolhidos para fazer parte do roteiro, bem como descrever algumas de suas características. No próximo capítulo, será apresentado o roteiro propriamente dito, com os túmulos listados na ordem da sua localização espacial no cemitério.

Figura 65 - Portão de Entrada do Cemitério Municipal São José



Fonte: Acervo da autora

Figura 66 – Imagem do Anjo sobre o Portão de Entrada



Fonte: Acervo da autora

O roteiro segue pelos túmulos localizados junto ao muro, do lado direito de quem entra no cemitério, e segue até o muro situado junto a Rua Balduino Taques. O roteiro continua então, por dentro das quadras, até chegar novamente ao portal de entrada.

A seguir, segue as opções de roteiros. Cada túmulo recebeu um número de acordo com a ordem proposta no Roteiro Completo. Na planta do cemitério (anexo III), além da localização espacial dos túmulos, está a indicação do melhor caminho para ser seguido no roteiro.

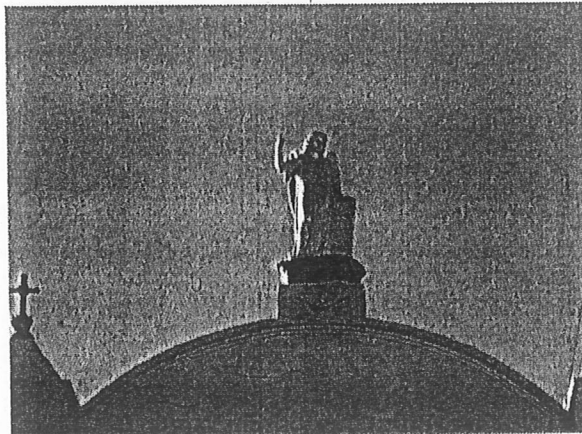
É muito fácil se perder no cemitério, por isso é necessário o acompanhamento de um guia que conheça bem o local.

Figura 65 - Portão de Entrada do Cemitério Municipal São José



Fonte: Acervo da autora

Figura 66 – Imagem do Anjo sobre o Portão de Entrada



Fonte: Acervo da autora

O roteiro segue pelos túmulos localizados junto ao muro, do lado direito de quem entra no cemitério, e segue até o muro situado junto a Rua Balduino Taques. O roteiro continua então, por dentro das quadras, até chegar novamente ao portal de entrada.

A seguir, segue as opções de roteiros. Cada túmulo recebeu um número de acordo com a ordem proposta no Roteiro Completo. Na planta do cemitério (anexo III), além da localização espacial dos túmulos, está a indicação do melhor caminho para ser seguido no roteiro.

É muito fácil se perder no cemitério, por isso é necessário o acompanhamento de um guia que conheça bem o local.

4.1 ROTEIRO COMPLETO

Nº	NOME DA FAMÍLIA OU PESSOA SEPULTADA NO JAZIGO	CARACTERÍSTICA
01	Capela da Família Euzébio Baptista Rosas (1929)	Arquitetura Pessoa Histórica
02	Mausoléu da Família Miguel José Nicolau (1928)	Arquitetura
03	Mausoléu Família Julio M. Bittencourt (1929)	Arquitetura
04	Mausoléu Família Augusto Canto (1930)	Arquitetura Pessoa Histórica
05	Túmulo da Família Attilio Taravan	Imagem
06	Túmulo de José Antunes Mendes (1924)	Imagem
07	Túmulo da Família Jezuino M. de Almeida	Imagem
08	Túmulo da Família Wagner (1922)	Etnia
09	Mausoléu Maçônico	Arquitetura Religioso
10	Mausoléu Major Pedro Ploteca (ASMIRE – Ass. dos militares da Reserva de PG)	Militar
11	Túmulo de Francisco Schust (1921)	Imagem
12	Mausoléu da Família David João	Arquitetura Etnia
13	Túmulo das Esfinges – sem nome	Arquitetura
14	Túmulo do Dr. Amadeu Puppi	Imagem Pessoa Histórica
15	Mausoléu Família Pascoal	Arquitetura
16	Túmulo da Família Flavio Villela Guimarães	Imagem
17	Mausoléu da Família Quadros Vianna	Arquitetura
18	Mausoléu da Família Manente (1936)	Arquitetura
19	Túmulo da Família Nicolau Ferigotti (1916)	Arquitetura Pessoa Histórica
20	Túmulo da Família Comendador José Miró de Freitas (1881)	Antiguidade Pessoa Histórica
21	Túmulo da Família Antônio Schawansee	Imagem
22	Mausoléu da Família Alfredo Guimarães Vilela (1927)	Arquitetura
23	Túmulo de Iolando Taques Fonseca (1924)	Imagem
24	Túmulo da Família Leopoldo Roedel	Imagem
25	Mausoléu da Família Pacheco de Queiroz (1926)	Arquitetura Imagem

Nº	NOME DA FAMÍLIA OU PESSOA SEPULTADA NO JAZIGO	CARACTERÍSTICA
26	Túmulo de José Piazzeta (1916)	Arquitetura
X 27	Mausoléu Família Sezinio de Mattos (1934)	Arquitetura
28	Mausoléu da Família Fianny (1934)	Arquitetura Imagem Etnia
29	Mausoléu da Família Woitowytch	Arquitetura
30	Túmulo da Família Almeida	Imagem
31	Mausoléu Major Joaquim Gonçalves Guimarães	Arquitetura
32	Túmulo do Cel. Cláudio Gonçalves Guimarães (1896)	Imagem Pessoa Histórica
33	Túmulo de Antonio Solano Baptista (1924)	Arquitetura
34	Túmulo de Christiano V. Bueno (1921)	Arquitetura
X 35	Túmulo da Família Ernesto Guimarães Villela	Imagem Pessoa Histórica
36	Túmulo do Cel. Manuel Vicente Bittencourt	Pessoa Histórica
37	Mausoléu Família Flávio Carvalho Guimarães (1889)	Pessoa Histórica
38	Mausoléu Barão de Guaraúna (1893)	Arquitetura Pessoa Histórica
X 39	Túmulo do Tenente Coronel Manoel Ferreira Ribas (1895)	Imagem Pessoa Histórica
40	Túmulo de Augusto Ribas (1897)	Imagem Pessoa Histórica
41	Tumulo João Varassim	Imagem
42	Túmulo de Reynaldo Vosgerau	Imagem
X 43	Túmulo da Família Miguel Frederico Hilgenberg	Imagem
44	Túmulo da Família Laidane	Imagem
45	Túmulo da Família J. David Hilgemberg	Étnico
X 46	Túmulo de Horácio Villela Guimarães (1932)	Imagem
X 47	Túmulo de Maria Jovita Guimarães Da Cunha (1940)	Imagem
X 48	Túmulo de Rosalina Villela Guimarães (1938)	Imagem
49	Túmulo da Família Ovigio G. Guimarães	Imagem
50	Túmulo da Família Dr. Francisco Burzio	Pessoa Histórica
51	Mausoléu da Família Max Stolz	Pessoa Histórica
X 52	Túmulo da Família João Cecy Filho	Imagem
X 53	Mausoléu da Família Cel. Henrique Thielen (1927)	Arquitetura Pessoa Histórica
X 54	Túmulo da Família Artur Gomes	Imagem
55	Túmulo dos Aviadores	Militar

Nº	NOME DA FAMÍLIA OU PESSOA SEPULTADA NO JAZIGO	CARACTERÍSTICA
56	Túmulo da Família Lazaro Zacárias dos Santos	Imagem
57	Túmulo da Família Lysandro Alves de Araújo	Imagem Pessoa Histórica
X 58	Túmulo da Família Oliveira Blanc	Imagem
X 59	Mausoléu de Antônio Peixoto (1928)	Arquitetura
60	Lápide do Cap. Generoso Pinto Leal e Taques	Antiguidade
61	Túmulo de Corina Portugal (1889)	Religioso
62	Túmulo da Família Augusto Justus	Imagem
63	Mausoléu da Família Namur (1930)	Arquitetura
64	Capela da Família Custódio de Almeida	Arquitetura
X 65	Túmulo de Francisco de Assis Ribas (1888)	Arquitetura Antiguidade Imagem
X 66	Mausoléu do Capitão José Mariano Ferreira Ribas (1878)	Arquitetura Antiguidade
67	Mausoléu Margarida Murielt Branco (1900)	Arquitetura
68	Túmulo da Família João G. Chaves	Arquitetura Imagem
69	Túmulo de Bonifácio J. Villela	Imagem Pessoa Histórica
X 70	Túmulo da Família Gambassi	Imagem



PREFEITURA
PONTA GROSSA
CULTURA E TURISMO

Rua Julia Wanderley, 936 – Ponta Grossa –Pr – CEP: 84010-170 – Tel: (42) 3901-1606 / 1608

Ofício nº 42/2010/COMPAC

Ponta Grossa, 31 de agosto de 2010.

Ilmo Sr.
JOSÉ RICARDO STALSCHIMDT MARTINS
Departamento do Serviço Funerário e Cemitérios

Senhor Diretor

Venho pelo presente informar que o pedido para instalação de tela no muro do Cemitério São José foi apresentado e analisado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, em reunião realizada no último dia 30 (trinta) de agosto.

Naquela oportunidade o COMPAC deferiu a utilização de tela soldada, pintada na cor verde, e que com o tempo possa ser revestida pela *hera* já existente no local.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente

ELIZABETH SILVEIRA SCHMIDT

Secretária Municipal de Cultura e Turismo

Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural

História enterrada

Apesar da imagem sombria, os cemitérios participam do cotidiano das pessoas e da história das cidades

Tem gente que prefere nem passar por perto; há outros que fazem questão de visitá-los todos os dias. São protagonistas de mitos e sustos e até cenários de filmes de terror. De alguma forma, todos acabam entrando num deles: são os cemitérios, lugares impregnados de valores e crenças populares e última morada da maioria dos homens. Cercados de lendas e contos misteriosos, eles recebem todos os dias flores, velas, mortos e vivos. O que poucos vivos sabem é que muito da história das cidades está enterrada lá, junto com os mortos.

Em Ponta Grossa, o cemitério mais conhecido e mais antigo está localizado no centro da cidade e faz parte da história da região dos Campos Gerais. O São José é conhecido pela ostentação e beleza de túmulos e mausoléus e por ser onde a maioria das pessoas ilustres do município está enterrada. Ele abriga os jazigos de quase todos os Deputados Provincianos e

prefeitos de Ponta Grossa. De acordo com o chefe da divisão de serviços públicos municipais, Luiz Batista, "o São José era só para pessoas ricas e importantes, como o Barão de Guaraúna".

Histórico

O cemitério São José teve sua origem na época dos tropeiros, no início do século XIX. Ele nem sempre esteve na avenida Balduino Taques. Sua primeira localização foi onde hoje funciona um bingo, na esquina das ruas Paula Xavier e Vicente Machado. Com a emancipação de Ponta Grossa, em 1873, os vereadores resolveram afastá-lo do centro da cidade.

Hoje ocupa uma extensão de pelo menos duas quadras e tem espaço de 2400 edificações (túmulos, jazigos, mausoléus, capelas). Os terrenos no cemitério são cedidos pelo município aos interessados por concessão. Paga-se uma taxa única no valor de R\$ 528,00 cada 3 m². É o cemitério mais caro da cidade.

Nos Santo Antônio, São João, Santa Luíza e Chapada cobram-se R\$ 105,60 pelo mesmo tamanho de terreno. O São Sebastião tem terrenos por R\$ 28,00.

Acredita-se que há mais de 15 mil personagens da história da

cidade enterradas no São José. Uma personagem conhecida é Corina Portugal, a quem muitas pessoas atribuem a realização de milagres.



Muito da história de Ponta Grossa está enterrada no São José

cidade enterradas no São José. Uma personagem conhecida é Corina Portugal, a quem muitas pessoas atribuem a realização de milagres.

Santa Corina

Conta a lenda que Corina Antonieta Portugal era jovem fina, estudada e de família rica. Conhecida por seus atos generosos, a moça de 17 anos despertava

ciúmes no marido. No ano de 1889, ele a esfaqueou. Neste mesmo ano, disputas políticas entre monarquistas e republicanos agitavam todo o Brasil. Em Ponta Grossa, o Deputado Provincial Vicente Machado começava a pensar na possibilidade de tomar cargos no Governo com a instalação da República. Para promover sua idéia, escolheu como rival o também Deputado João Menezes Dória, monarquista. Vicente Machado foi advogado do marido de Corina em seu julgamento e aproveitou-se da situação para levantar uma mentira que derrubaria seu adversário político, ao mesmo tempo

em que livraria o réu da punição. Inventou que Corina e Dória eram amantes. Dória foi expulso da cidade pela população e o marido de Corina libertado. Vicente promoveu-se com a proclamação da República e foi morar em Curitiba, onde Dória havia se instalado e utilizado do jornalismo para escrever sua história e falar de sua inocência. Um novo

julgamento esclarece toda a situação e Corina passa a ser considerada santa. As pessoas começam a visitar seu túmulo e deixar bilhetes com pedidos de ajuda. Até hoje, fiéis de toda a região procuram o auxílio de Corina.

Segundo o historiador Josué Corrêa Fernandes, escritor do livro "Corina Portugal", afirma que 90% das pessoas que recorrem ao túmulo de Corina a fim de fazer pedidos são mulheres que têm problemas conjugais ou dificuldade para engravidar. "Há ainda quem pede para passar no vestibular ou para arranjar emprego", conclui.

O túmulo recebe de dez a cem visitas diariamente. "Acredito que Corina me ajudou a arrumar um emprego", declara Josiane dos Santos, que fez o pedido quando estava desempregada.

Na época de finados, a cera das velas derretidas em seu túmulo precisa ser retirada mais de três vezes por dia.

Emanoelle Wisniewski

O que as pessoas fazem no cemitério

O cemitério é um lugar que possui vários significados. Para alguns, lembra tristeza, agonia e medo; para outros traz serenidade e paz interior. Um cemitério também tem várias utilidades. As pessoas vão até lá rezar pelos

Pedido para arranjar marido é um dos mais requi-sitados por mulheres solteiras que frequentam o cemitério. Desde o início do ano, Simone C., 29, vai todas às terças-feiras ao São José, no túmulo de Corina Portugal, pedir para arrumar um marido. Simone acende uma

cemitério é algo incomum e interessante. Segundo ela, três amigos seus tiveram a idéia e durante dois anos comemoraram os aniversários da turma lá. As festas eram depois das 23h e cada um trazia alguma coisa. Com direito à cerveja, música e comida, eles

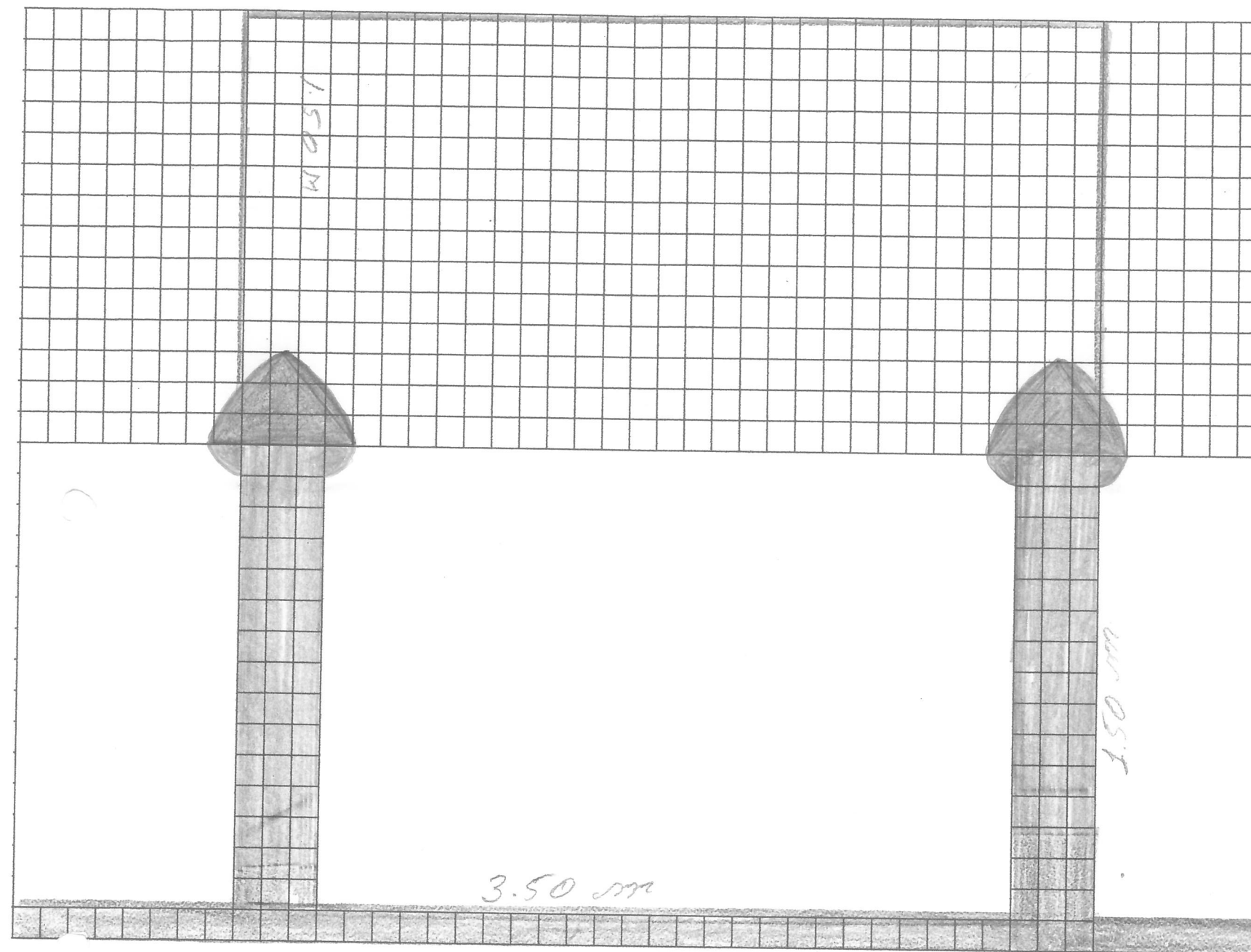
Trabalhando pelo pão

Existem pessoas que ganham a vida trabalhando nos cemitérios. É o caso de Stefânia Zenic, 73 anos, que há mais de vinte vende flores na porta do São José. Houve um tempo, diz, que plantava as flores que vendia, "mas agora é mais fácil

do marido, cerca de R\$ 140,00 por mês.

Enterrar os mortos

Mas, a principal função nos cemitérios é a de enterrar os mortos. Os coveiros, antes autônomos e agora



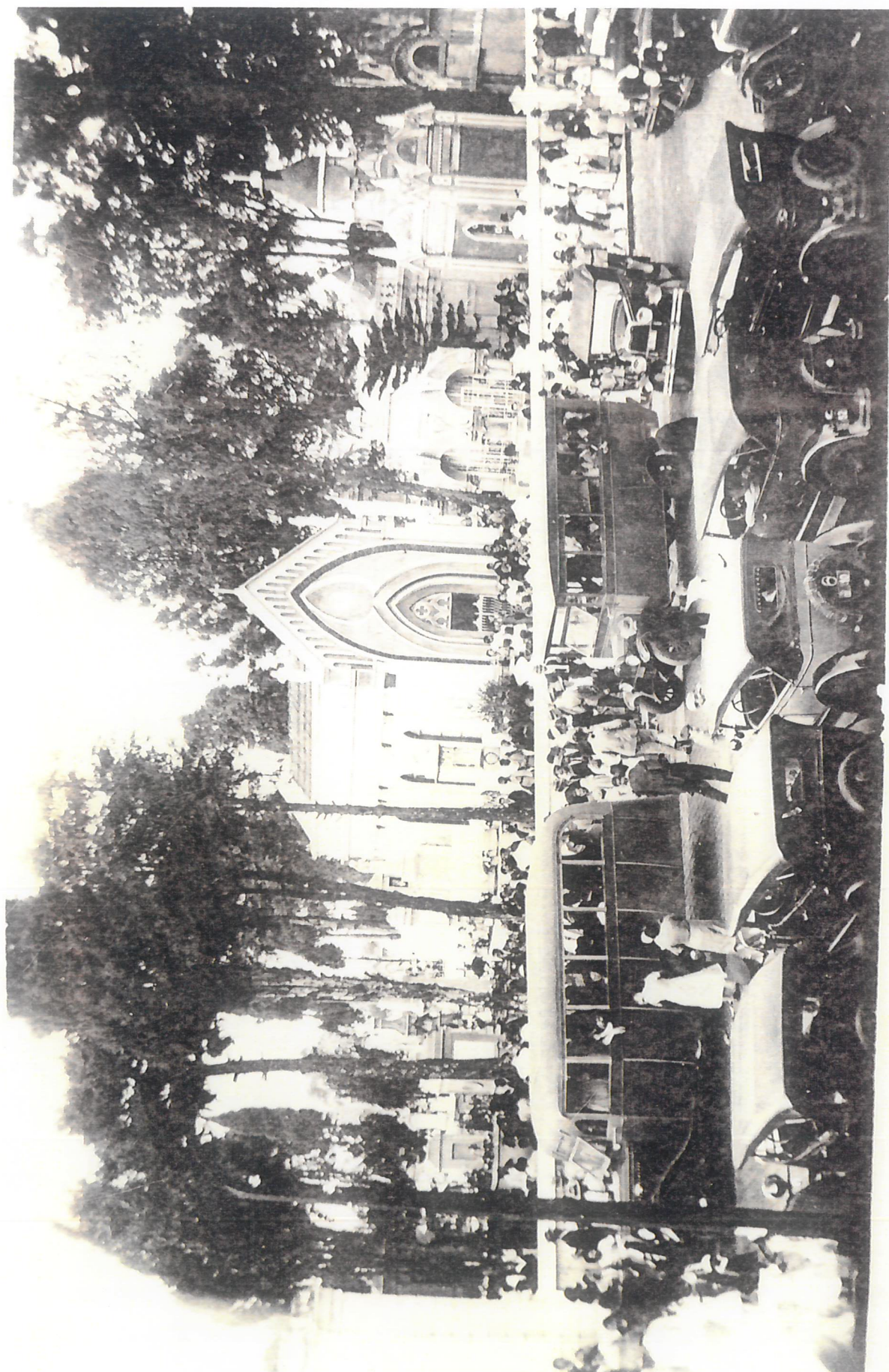
Limitaria São João



Histórico

Cemitério São José – Capela

Barão de Guaraúna



Cemitério Municipal São José – Portão Principal
Capela – Barão de Guaraúna



Até o ano de 1880, os moradores de Ponta Grossa eram sepultados no “Cemitério São João”, que situava-se na região onde está localizada a Praça Barão de Guaraúna. Porém, com o crescimento da população, bem como pelo fato de o campo-santo estar em uma área central da cidade, o então Prefeito Municipal juntamente com a Câmara de Vereadores, optou pela determinação de uma área maior e mais retirada para abrigar o cemitério. O local escolhido situava-se em área de campo fechado, que pertencia a uma fazenda.

Em 12 de outubro de 1890, o novo campo-santo foi inaugurado, sendo denominado “Cemitério São José”, mas ainda no ano anterior, os restos mortais das pessoas sepultadas no “São João” já haviam sido retirados do local.

O Comendador Augusto Lustosa d’Andrade Ribas foi o administrador das obras, e o responsável pela construção do muro do cemitério e também o primeiro zelador foi o Sr. Nicolau Ferigotti, sendo que após seu falecimento, o cargo de administrador do cemitério foi ocupado por seu filho João Ferigotti, que exercia as profissões de funcionário público e pedreiro (tendo sido ele o construtor de inúmeras capelas do “São José”).

Posteriormente o Cemitério foi ampliado, e a faixa de terreno localizada em frente ao portão principal recebeu o nome de “Largo Professor Collares”; e o então prefeito municipal Albary Guimarães, em março de 1938 autorizou a construção de um arruamento com jardim central neste terreno.

O Cemitério São José configura-se como um dos mais importantes campos-santos de Ponta Grossa, tendo atualmente sua localização inserida em uma das ruas mais movimentadas da cidade, tornando-se, inclusive, ponto de referência.

Fontes

Texto de Rinaldo Guzzoni.

Texto – agente de coleta Berenice Bail.

Acervo Casa da Memória.

Livreto Nominacao de Ruas e Avenidas. 25 de outubro de 1988. Biografia dos Homenageados.

Livros de Atas do ano de 1889 a 1896 da Câmara Municipal de Ponta Grossa.



Domingos Ferreira Pinto nasceu em Ponta Grossa, no dia 03 de setembro do ano de 1820, filho de Domingos Ferreira Pinto e Anna Joaquina de Oliveira, ambos de origem portuguesa.

Foi tropeiro e proprietário de fazendas de criação, que ocupavam grande parte da região dos atuais bairros da Ronda e Vila Estrela. Frequentou poucos anos de escola, assimilou valores durante a vida, foi líder comunitário e obteve grande patrimônio.

Casou-se com Maria Ambrózia da Rocha, nascida em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, sendo filha de Teodoro da Rocha Ribeiro e Gertrudes de Oliveira, que residiam em Ponta Grossa. Maria Ambrózia e Domingos, além da união matrimonial, possuíam laços em comum, pois seus pais descendiam do mesmo ramo familiar.

A Moradia do casal situava-se na esquina das Ruas Marechal Deodoro e Santana, próxima a Catedral de Ponta Grossa. Era uma construção com paredes grossas, várias janelas e portas de imbuia trabalhada. Esta foi considerada uma das mais agradáveis residências da cidade, localizada em frente a Praça da Matriz, e pertencente a um destacado membro da sociedade princesina.

Domingos foi Major da Guarda Nacional, elegeu-se deputado, ocupou o cargo de 2º Vice-Presidente da Assembléia da Província, foi camarista (em 1870), bem como um dos chefes do Partido Liberal.

Foi indicado pelo Presidente da Província para hospedar em sua residência, D. Pedro II e a Imperatriz Thereza Christina durante uma visita a Ponta Grossa, em 1880.

O Major Ferreira Pinto, nos dias em que recebeu o Imperador, tomou uma importante decisão: conceder liberdade aos escravos que mantinha em seus latifúndios. Com o anúncio da libertação de seus escravos (oito anos antes da Abolição da Escravatura), pediu para que D. Pedro II realizasse a entrega das cartas de alforria.

Após tomar tal decisão, Domingos tornou-se exemplo, incentivou outras pessoas a tomar atitudes semelhantes e dedicou esforços em prol desta causa.

O decreto oficial de 31 de agosto de 1880 concedeu o baronato a Domingos Ferreira Pinto e sua esposa Maria Ambrózia Rocha. Porém, o decreto concedia a Domingos o título de Barão de Nhundiaquara – referência ao rio que atravessa a cidade de Morretes, no litoral paranaense.

A notícia da honraria chegou até ele através do deputado Sérgio Francisco de Souza Castro, mas o Major não mostrou satisfação com o título, pois o Rio Nhundiaquara não

pertence à cidade de Ponta Grossa ou a região dos Campos Gerais. Então, ao saber do descontentamento do homenageado, o Imperador lembrou do Rio Guaraúna, e houve a troca da designação: de Barão de Nhundiaquara, Domingos passou a ser **Barão de Guaraúna**. Tal título foi a ele concedido quando estava com 60 anos de idade, e ostentou a denominação durante dez anos, vindo a falecer no dia 20 de setembro de 1891.

No dia seguinte, foi aberto o testamento do Barão de Guaraúna, escrito à mão por ele, no dia 07 de abril de 1885, seis anos antes de morrer.

Em seu casamento com a Baronesa, não tiveram filhos, porém, o Barão anteriormente teve duas filhas (Nardina e Senhorinha). Seu patrimônio foi dividido entre suas filhas, sobrinhos, irmãs, deixou dinheiro às pessoas pobres, a Igrejas e também alguns réis foram destinados a conclusão do cemitério (mas com a condição de ali ser sepultado) e finalmente, deixou a terça parte da herança a sua esposa, para que ela distribuísse dinheiro e bens imóveis aos seus ex-escravos.

A Baronesa dedicou-se a obras assistenciais, à Igreja, a causas políticas e aos negócios deixados pelo Barão. Faleceu dia 04 de agosto de 1906.

Quanto ao jazigo em que o casal foi sepultado, este localiza-se quase defronte a entrada principal do Cemitério São José, possuindo imponente arquitetura. O mausoléu foi construído em 1893, dois anos após a morte do Barão de Guaraúna.

Também encontram-se no local os restos mortais de Major Theodoro da Rocha Ribeiro e sua esposa, Coronel Baptista Rozas, Eulália Baptista Carvalho, Plauto Miró Guimarães, Dr. Luiz Campos Mello, Dr. Elyseu de Campos Mello, D. Ubaldina Baptista de Campos Mello, Manoelito, Zina, Manoel e José de Campos Mello, Ana Batista Miró, Clara e Libaldina (filhas de Antônio Baptista Rozas) e o Capitão Francisco Baptista Rozas.



Referência Bibliográfica

Antologia – Academia de Letras dos Campos Gerais. Josué Correa Fernandes. Ponta Grossa 2000.



Fontes

Ponta Grossa. Edição Histórica. Publicação comemorativa do 152º aniversário de Ponta Grossa, em 15 de setembro de 1975. (Grandes Vultos – Profª Guísela V. Frey Holzmann) Página 35.

Acervo Casa da Memória

Placas de identificação do jazigo do Barão de Guaraúna – Cemitério Municipal São José.

Pesquisadora – Claudine Cavalli Fontoura

Supervisora – Isolde Maria Waldmann

CEMITÉRIO SÃO JOSÉ

O conhecido cemitério, localizado com sua frente para o largo Dr. Colares, é o principal campo santo de Ponta Grossa. Não é o primeiro, pois antes dele, lá pelos idos de 1880, os sepultamentos eram feitos no antigo cemitério, localizado defronte a praça São João, hoje Barão de Guaraúna, onde atualmente está o edifício Itapuã. Tanto que, quando da construção deste edifício, foram encontradas algumas ossadas.

No início deste século, devido ao grande crescimento da população, e também por este cemitério estar situado muito no coração da cidade, o prefeito e a Câmara de Vereadores decidiram determinar outra área mais retirada e maior para agasalhar os mortos. Neste sentido, foi assinada a lei que criava o cemitério São José no local por todos conhecido, e que naqueles tempos era de uma fazenda, que tinha sua as portas da cidade, onde os caçadores de campo iam deliciar-se na caça à codorna e ao perdiz, naquela época, abundante na região.

O construtor do muro do cemitério foi o Sr. Nicolau Ferigotti, que também construiu os belos túmulos, que até nossos dias podem ser admirados, logo na entrada, tanto pelo capricho, como pela estética apresentada.

O Sr. Ferigotti, além de construtor, acumulava o cargo de zelador, o que fazia com carinho e dedicação. A ponto de os princesinos dizerem afetivamente que quando falecia alguém, este ia para a "Chacrinha do Ferigotti", como era conhecido o cemitério.

João Ferigotti substituiu o pai após a sua morte.

Fonte – Menina dos meus olhos – Augusto Canto Jr. e Alcione Luner Weber – pág 43 – UEPG, Imprensa Universitária, Departamento de História e Departamento de Letras.

Ponta Grossa, 18 de Fevereiro de 00.

Fabíola Bevervanço Zdepski | Sarita Polato





Justificativa Arquitetônica



Conjunto do Cemitério São José

O Conjunto do Cemitério São José é um importante monumento a ser preservado, não apenas pela história de muitas personalidades que ali foram sepultadas, como também em virtude da riqueza de arte sacra ali encontrada e pela sua implantação e arborização, que vêm constituir um ponto focal da cidade de Ponta Grossa.

Muitas das capelas e jazigos de família possuem grande qualidade arquitetônica, sendo em sua maioria de estilo eclético, à exceção da Capela do Barão de Guaraúna, que é Neogótica. O portão principal de entrada e os muros também têm grande importância na composição do conjunto, além da arborização dos passeios ao redor do cemitério.

Somente esse cemitério poderia ser objetivo de estudo para arquitetos e historiadores por um longo tempo, devido à diversidade de elementos encontrada num mesmo local.

Por esses motivos, a preservação do conjunto se faz muito importante. Devem ser preservadas as capelas e túmulos, as ruas centrais e sua pavimentação de pedras irregulares, o portão principal e os muros, além da arborização existente dentro do cemitério assim como nas suas adjacências.

Considera-se entorno do conjunto todos os lotes que confrontam com as quatro ruas com que o cemitério faz divisa.

Ana Paula Baars.

And Don't Pears
CREW 10/18/19

BENS HISTÓRICOS
Cemitério Municipal São José

01. Mausoléu Família Namur
02. Mausoléu Major Joaquim Gonçalves Guimarães
03. Mausoléu Margarida Murielt Branco
04. Mausoléu Alfredo Guimarães Vilela
05. Mausoléu Família Woitowytch — *MAUSOLEU JOSÉ MARIANO FERREIRA RIBAS*
06. Mausoléu Família Julio M. Bittencourt
07. Mausoléu Família Manente
08. Mausoléu Família Pacheco de Queiroz
09. Túmulo Euzébio Baptista Rosas
10. Túmulo Custódio de Almeida
11. Túmulo Tenente Coronel Manoel Ferreira Ribas
12. Túmulo Família Piazzetta
13. Túmulo Nicolau Ferigotti
14. Túmulo Antonio Solano Batista e Christiano Bueno - *outro*
15. Mausoléu Família Quadros Vianna
16. Túmulo das Esfinges
17. Túmulo José Antunes Mendes
18. Túmulo Jezuino de Almeida
19. Mausoléu Família Fianny - *F6 59*
20. Túmulo Flávio Villela Guimarães
21. Túmulo Ernesto Villela - *F6 - 29 e 49*
22. Túmulo Antônio Schawansee
23. Túmulo Iolando Taques Fonseca
24. Túmulo Coronel Cláudio *GONÇALVES GUIMARÃES*
25. Túmulo Leopoldo Roedel
26. Túmulo Reynaldo Vosgerau
27. Túmulo Ovógio Guimarães
28. Túmulo Augusto Ribas
29. Túmulo Attilio Tararan
30. Túmulo Francisco Schust
31. Túmulo Família Almeida
32. Túmulo Lysandro Alves de Araújo
33. Túmulo Lazaro Zacarias dos Santos
34. Túmulo Família João Varassim
35. Túmulo Família Laidane
36. Túmulo Augusto Justus
37. Túmulo Capitão Generoso Pinto Leal e Taques (lápide)



38. Mausoléu Barão de Guaraúna
39. Túmulo Amadeu Puppi
40. Túmulo Cel. Claudio Gonçalves Guimarães
41. Túmulo Bonifácio Villela
42. Túmulo Manoel V. Bittencourt
43. Mausoléu Família Carvalho Guimarães (FLÁVIO)
44. Mausoléu Família Cel. Henrique Thielen
45. Túmulo Francisco Burzio
46. Mausoléu Max Stolz
47. Mausoléu Augusto Canto
48. Túmulo J. David Hilgemberg
49. Túmulo Família Wagner
50. Mausoléu ASMIRE
51. Túmulo dos Aviadores
52. Mausoléu Maçônico
53. Túmulo Corina Portugal

54. Portão de Entrada – Anjo
Cemitério Municipal São José



PORTÃO DO CEMITÉRIO SÃO JOSÉ

Largo Doutor Colares

Arquitetura externa do portão :

Construção apresentando características simplificadas do neo-classico, constituída por duas colunas laterais ao portão que atingem a altura da elevação da platibanda em arco abatido, com algumas saliências do reboco em relevo, e sobre a mesma observa-se a escultura de um anjo. No centro do portal, um portão de ferro ricamente trabalhado, com verga em arco pleno. Como detalhe da alvenaria saliências em relevo no estilo amarração complementam o conjunto.



CAPELA DO BARÃO DE GUARAÚNA

Largo Doutor Colares- Cemitério São José

Arquitetura externa do capela :

Construção apresentando características do estilo neo-classico, constituída por duas colunas laterais que atingem a altura da elevação da platibanda em forma de ponta, com algumas saliências do reboco em relevo, sobre as colunas observa-se a esculturas de santos e ao centro da platibanda um crucifixo .Nas demais colunas com capitel ornado atingem a altura de uma cornija intermediária volumosa e mais acima outra cornija mais saliente que serve de base para a platibanda maciça que encobre a cobertura em telha cerâmica tipo Francesa. No centro a porta possui elementos em de forma ogival por quatro vezes e na quinta vez ricamente ornada no estilo rococo.As esquadrias tem verga ogival e em suas bases há um peitoril que percorre todo o perímetro da obra. Abaixo deste peitoril placas de mármore com inscrições dos sepultados embasadas por floreiras.



01 8 15
FIS.....
AC



APAC
D.
16
1994





PROJETO EM ÁREA HISTÓRICA:

A edificação deverá harmonizar-se com o conjunto histórico existente em seu entorno, e para tanto recomenda-se que:

- 12.A construção seja feita no alinhamento predial;
- 13.A altura da construção seja fixada em 2 pavimento no alinhamento predial, sendo os demais andares recuados;
- 14.A altura dos edifícios seja fixada em 5 andares;
- 15.Os vãos deverão harmonizar-se com o conjunto, levando em conta o ritmo e proporções das construções existentes nas adjacências;
- 16.Caso haja cobertura aparente, esta não deve ter inclinação superior a 100%;
- 17.Não devem existir marquises ou outro elementos construídos avançando o alinhamento predial, sendo permitidos toldos;
- 18.A publicidade deve ter área máxima de 1m x largura do edifício dividido por três. Quando houver mais de um comércio no mesmo edifício, a área de publicidade deve ser dividida proporcionalmente entre todos. Caso haja publicidade em placas perpendiculares à fachada do edifício, estas não devem ultrapassar 60 cm além do alinhamento predial. A publicidade paralela à fachada não deve cobrir detalhes construtivos da mesma.
- 19.No caso de intervenções em edifícios históricos classificados em GP1 e GP2, o volume da edificação deve ser mantido, inclusive a cobertura e o tipo de telhas. A modulação dos vãos e ornamentação das fachadas também devem ser preservadas. No caso de

construção que sofreram alterações ou descaracterizações no passado, as novas intervenções devem acontecer no sentido de devolver à edificação sua harmonia e proporções;

20. As novas intervenções, em edifícios históricos devem refletir a época em que as foram feitas. Assim sendo, não é de recomendável que se projete anexos no mesmo estilo da construção. O requerimento, nesse caso, é de fazer uma construção atual que se harmonize em proporções e ritmo com a antiga;

21. No caso de intervenções diretas no edifício antigo como anexos, toldos, placas, etc... deve-se atentar para que a intervenção reflita o tempo atual e que seja reversível, evitando-se materiais e técnicas que tenham um caráter permanente;

22. Quanto às intervenções internas, é possível fazer alterações para melhorar a funcionalidade e conforto da construção, porém certos elementos peculiares da mesma, como desníveis, escadas, pés direitos, esquadrias e paredes originais devem ser máximo preservados

Ana Paula Baars
Ana Paula Baars
Arquiteta
CREA 46.378 D/PR



Inventários

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

1. Identificação do Imóvel:

PORTÃO CEMITÉRIO SÃO JOSÉ

2. Situação:

Endereço:

Indicação Fiscal:

Setor:

Grau de Proteção:

Data na Fachada:

3. Foto do Imóvel:



4. Relação Urbana:

Presença na Paisagem:



Dominante



Importante



Neutro

Visuais:



Uma rua (imóvel meio de quadra)



Duas ruas (imóvel de esquina)



Praça



De ruas não lindeiras

Edifícios lindeiros:



Escala compatível



Escala não compatível

Entorno do edifício:



Recuos



Arborização



Jardim

Estilo:



Neoclássico



Eclético



Art Nouveau



Art Decô



Meados séc. XX



Imigrante



Chalé



Mansão



Industrial



Moderno



Pós moderno



Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados:

Observações: HÁ UMA IMAGEM SOBRE O CENTRO DO FRONTAL E DUAS CRUZES NOS CANTOS
HÁ UM RETICULADO EM TODA A FACHADA.

5. Volume da Edificação:

a) Cobertura:	☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____	
Cumeeira	☐ Paralela à fachada principal	☐ Perpendicular à fachada princ.		
Número de pavimentos: <u>1</u>	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda	☐ Chaminé
	☐ Torre	☐ Cúpula	☒ Frontão	☐ Lanternim
	☒ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão	☐ Varanda
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☐ Vão livre	☐ Pilotis
	☐ Volume em balanço	☐ Escada exter.	☐ Rampa	
b) Ornamentos:	☒ Cimalha	☒ Friso	☐ Grega	☒ Alto Relevo
	☒ Aplique	☐ Medalhão	☐ Almofada	☐ Azulejo
	☐ Pedras	☐ Elem. Vazado	☐ Lambrequim	☒ Gradil
	☐ Colunas	☐ Colunatas	☐ Balaustre	☐ Mão francesa
	☐ Molduras ao redor dos vãos	☐ Outros _____		
c) Esquadrias:	☒ De abrir	☐ Guilhotina	☐ De correr	☐ Basculante
	☐ Máximo-ar	☐ Venezianas	☐ Luneta	☐ Bandeira
	☐ Óculo	☐ Vitral	☐ Soleiras	☐ Brises
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☒ Metal	☐ Outros _____	
Forma das vergas:	☐ Reta	☒ Arco pleno	☐ Arco abatido	☐ Arc abaulado
	☐ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Angular	☐ Outro _____
d) Embasamento:	☒ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado	☐ Outro _____
e) Piso Externo:	☒ Cimentado	☐ Pedras	☐ Cerâmico	☒ Outro <u>PP</u>

6. Características Internas:

Piso Interno:	☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☒ P.P	☐ Cerâmica	☐ Ladrilho Hid.
Fôrro Interno:	☐ Madeira	☐ Estuque	☐ Gesso	☐ Outro _____	
Paredes Internas:	☐ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira	☐ Outro _____	
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outro _____	

7. Estado Geral de Conservação do Edifício:

Uso Atual:	☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço	☐ Serviço Publ.
	☐ Saúde	☐ Educação	☒ Religioso	☐ Industrial
	☐ Outro _____			
Estado Físico:	☐ Bom	☐ Regular	☒ Ruim	☐ Ruína

Nome: ISABELA DE FÁTIMA FOGACAData: 14/08/01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA

INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

1. Identificação do Imóvel: BARTO DE GUARANIÁ

2. Situação:

Endereço:

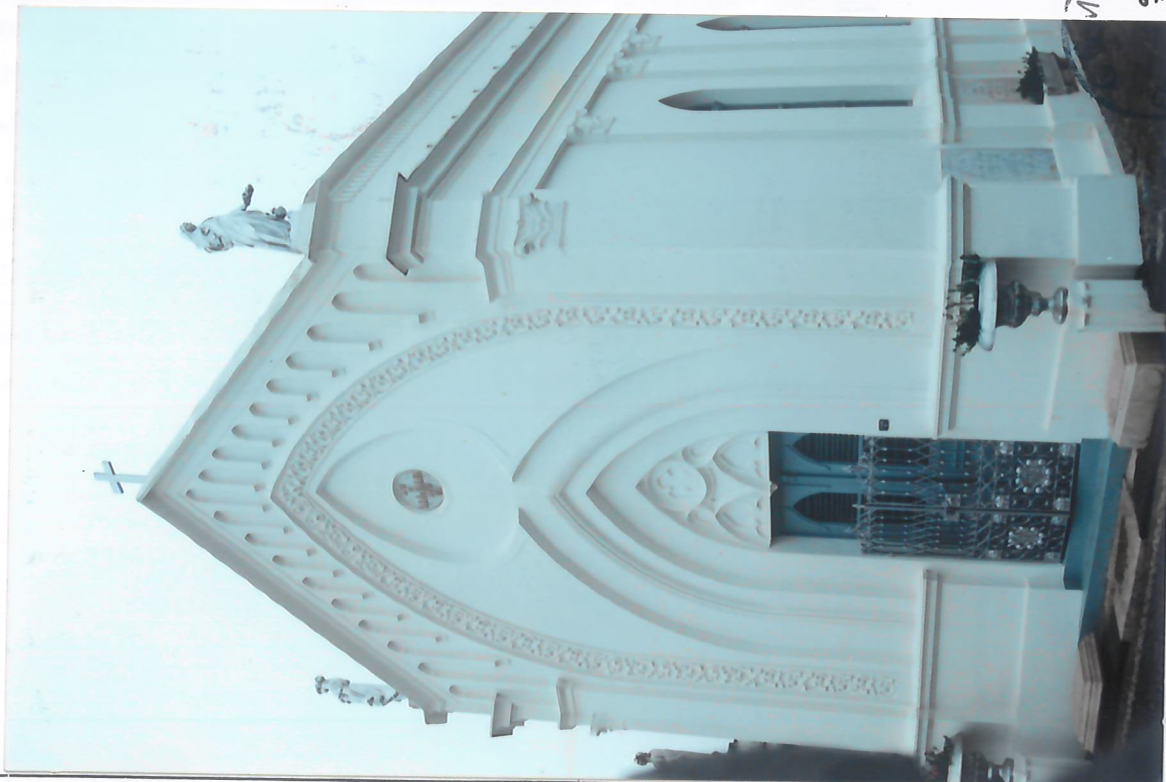
Indicação Fiscal :

Setor:

Grau de Proteção :

Data na Fachada: JANEIRO DE 1893

3. Foto do Imóvel:



4. Relação Urbana:

Presença na Paisagem:



Dominante



Importante



Neutro

Visuais:



Uma rua (imóvel meio de quadra)



Duas ruas (imóvel de esquina)



Praça



De ruas não lindeiras

Edifícios lindeiros:



Escala compatível



Escala não compatível

Entorno do edifício:



Recuos



Arborização



Jardim

Estilo: NEOGÓTICO



Neoclássico



Eclético



Art Nouveau



Art Decô



Meados séc. XX



Imigrante



Chalé



Mansão



Industrial



Moderno



Pós moderno



Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados:

Observações: FLOREIRAS, IMAGENS SOBRE A PLATIBANDA, NOS 2 LADOS FRONTAIS, CRUZES NO TOPO DO FRONTÃO

5. Volume da Edificação:

a) Cobertura:	☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____	
Cumeeira	☐ Paralela à fachada principal		☐ Perpendicular à fachada princ.	
Número de pavimentos: _____	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda	☐ Chaminé
	☐ Torre	☐ Cúpula	☒ Frontão	☐ Lanternim
	☒ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão	☐ Varanda
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☐ Vão livre	☐ Pilotis
	☐ Volume em balanço		☐ Escada exter.	☐ Rampa
b) Ornamentos:	☒ Cimalha	☒ Friso	☐ Grega	☒ Alto Relevo
	☒ Aplique	☐ Medalhão	☐ Almofada	☐ Azulejo
	☒ Pedras (PLACAS)	☒ Elem. Vazado	☐ Lambrequim	☒ Gradil
	☐ Colunas	☒ Colunatas	☐ Balaustre	☐ Mão francesa
	☐ Molduras ao redor dos vãos		☒ Outros <u>BAIXO RELEVO</u>	
c) Esquadrias:	☒ De abrir	☐ Guilhotina	☐ De correr	☐ Basculante
	☐ Máximo-ar	☒ Venezianas	☐ Luneta	☐ Bandeira
	☐ Óculo	☐ Vitral ^{INTERIOR}	☐ Soleiras	☐ Brises
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outros _____	
Forma das vergas:	☐ Reta	☐ Arco pleno	☐ Arco abatido	☐ Arc abaulado
	☒ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Angular	☐ Outro _____
d) Embasamento:	☒ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado	☐ Outro _____
e) Piso Externo:	☐ Cimentado	☒ Pedras	☐ Cerâmico	☐ Outro _____

6. Características Internas:

Piso Interno:	☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☐ Cerâmica	☐ Ladrilho Hid.
Forro Interno:	☐ Madeira	☐ Estuque	☐ Gesso	☐ Outro _____
Paredes Internas:	☐ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira	☐ Outro _____
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outro _____

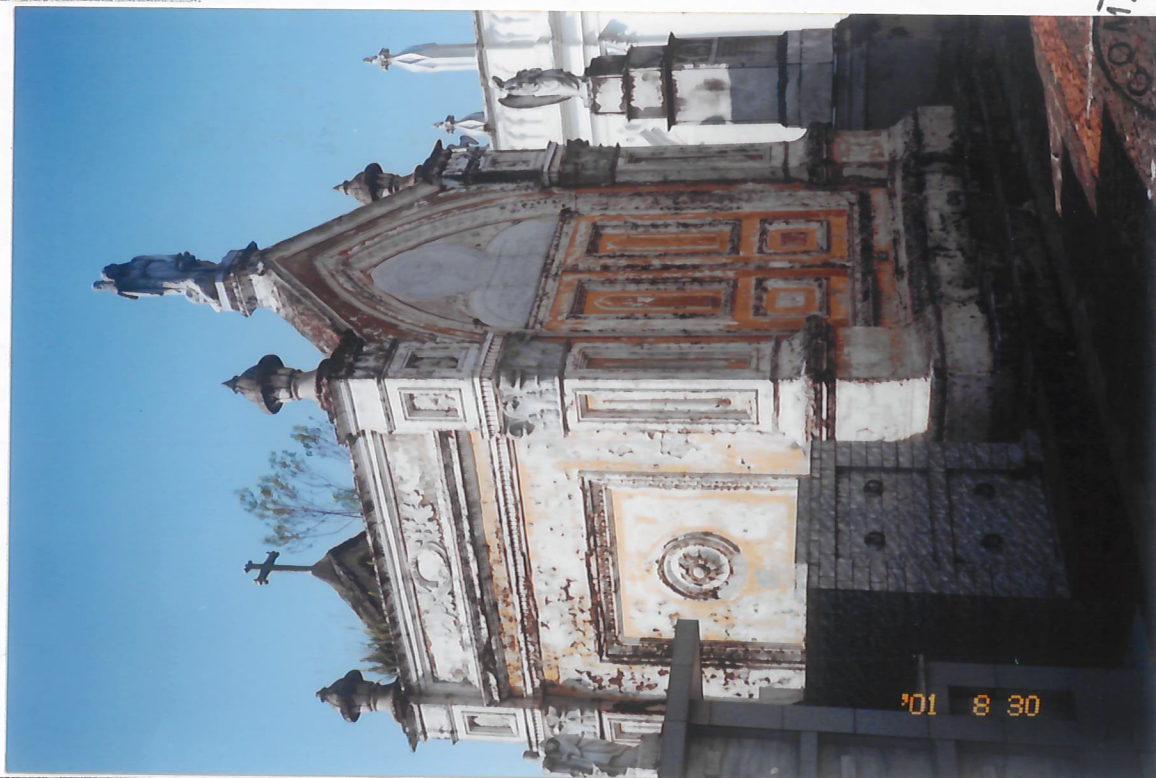
7. Estado Geral de Conservação do Edifício:

Uso Atual:	☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço	☐ Serviço Publ.
	☐ Saúde	☐ Educação	☐ Religioso	☐ Industrial
	☒ Outro <u>Arquivo</u>			
Estado Físico:	☒ Bom	☐ Regular	☐ Ruim	☐ Ruína

Nome: GISELE E KABELAData: 14/08/01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Endereço:	JOÃO MARIANO FERREIRA RIBAS.			
Indicação Fiscal :				
Setor:				
Grau de Proteção :				
Data na Fachada:	1890			



Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☒ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☐ Recuos	☐ Arborização	☐ Jardim
Estilo:	☐ Neoclássico	☒ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados: A CAPELA ENCONTRA-SE EM MAU ESTADO, SENDO QUE SOBRE SUA COBERTURA PLANA HÁ CRESCIMENTO DE VEGETAÇÃO.

Observações: NÃO HÁ VÃOS, MAS HÁ MOLDURAS RETANGULARES SIMULANDO A MODULAÇÃO DE VÃOS, NOS QUATRO CANTOS HÁ COLUNAS QUADRADAS COM EMBASAMENTOS ROBUSTOS E CAPITÊIS CLÁSSICOS. NO TORO DA CAPELA, SOBRE CADA UMA DAS COLUNAS HÁ UM CORUCHET, NO FRONTÃO HÁ UMA MOLDURA EM ARCO OGIVAL, SENDO QUE NO INTERIOR DO MESMO EXISTE UMA PLACA DE MÁRMORE APLICADA, COM A SEGUINTE INSCRIÇÃO: "MISGO DA FAMÍLIA DO CAPITÃO JOÃO MARIANO FERREIRA RIBAS." NO TORO DO FRONTÃO HÁ UMA ESCULTURA DE ANJO.

a) Cobertura: (PLANA)	☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____	
Cumeeira	☐ Paralela à fachada principal		☐ Perpendicular à fachada princ.	
Número de pavimentos: <u>1</u>	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda	☐ Chaminé
	☐ Torre	☐ Cúpula	☒ Frontão	☐ Lanternim
	☒ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão	☐ Varanda
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☐ Vão livre	☐ Pilotis
	☐ Volume em balanço		☐ Escada exter.	☐ Rampa
b) Ornamentos:	☒ Cimalha	☒ Friso	☒ Grega	☒ Alto Relevo
	☒ Aplique	☒ Medalhão	☐ Almofada	☐ Azulejo
	☐ Pedras	☐ Elem. Vazado	☐ Lambrequim	☐ Gradil
	☒ Colunas <u>NOS CANTOS</u>	☐ Colunatas	☐ Balaustre	☐ Mão francesa
	☐ Molduras ao redor dos vãos		☐ Outros _____	
c) Esquadrias:	☐ De abrir	☐ Guillhotina	☐ De correr	☐ Basculante
	☐ Máximo-ar	☐ Venezianas	☐ Luneta	☐ Bandeira
	☐ Óculo	☐ Vitral	☐ Soleiras	☐ Brises
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outros _____	
Forma das vergas:	☐ Reta	☐ Arco pleno	☐ Arco abatido	☐ Arc abaulado
	☐ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Angular	☐ Outro _____
d) Embasamento:	☒ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado	☐ Outro _____
e) Piso Externo:	☐ Cimentado	☒ Pedras	☐ Cerâmico	☐ Outro _____
Piso Interno:	☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☐ Cerâmica	☐ Ladrilho Hid.
Pórtico Interno:	☐ Madeira	☐ Estuque	☐ Gesso	☐ Outro _____
Paredes Internas:	☐ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira	☐ Outro _____
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outro _____
Uso Atual:	☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço	☐ Serviço Publ.
	☐ Saúde	☐ Educação	☐ Religioso	☐ Industrial
	☐ Outro _____			
Estado Físico:	☐ Bom	☐ Regular	☒ Ruim	☐ Ruína

Nome: ANA PAULA BAARS / ANA CAROLINA BRAGA

Data: 30/08/01



COMPAC
FIS...23

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Endereço:	FAMÍLIA EUSÉBIO BAPTISTA ROSAS	
Indicação Fiscal :		
Sector:		
Grau de Proteção :		
Data na Fachada:	1929	



Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☒ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☐ Recuos	☐ Arborização	☐ Jardim
Estilo:	☐ Neoclássico	☐ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados: _____

Observações: APESAR DA APARÊNCIA ROBUSTA, A CAPELA APRESENTA ALGUNS DETALHES INTERESSANTES. ELA É COBERTA POR UMA CÚPULA E O TORÇO TEM PINTURAS COM MOTIVOS ANGELICAIS, EM CADA CANTO DA CAPELA HÁ COLUNAS BAIXAS, COM CAPITEIS JÔNICOS, QUE SÃO VISÍVEIS TAMBÉM NO INTERIOR DA MESMA. HÁ UMA ESCULTURA DE UMA SANTA NO INTERIOR, E NO EXTERIOR HÁ PLACAS DE PEDRA COM INSCRIÇÕES EM RELEVO DOS NOMES DAS PESSOAS SEPULTURADAS ALI, APLICADAS SOBRE AS PAREDES EXTERNAS. O FRONTÃO É EM ARCO PLENO, ARREMATADO COM VOLUTAS DE AMBOS OS LADOS.

a) Cobertura:				
☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva	
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____	
Cumecira	☐ Paralela à fachada principal	☐ Perpendicular à fachada princ.		
Número de pavimentos: _____	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda	☐ Chaminé
	☐ Torre	☒ Cúpula	☒ Frontão <i>EM ARCO PLANO</i>	☐ Lanternim
	☐ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão	☐ Varanda
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☒ Vão livre	☐ Pilotis
	☐ Volume em balanço		☐ Escada exter.	☐ Rampa
b) Ornamentos:	☐ Cimalha	☒ Friso	☐ Grega	☒ Alto Relevo
	☒ Aplique	☐ Medalhão	☐ Almofada	☐ Azulejo
	☐ Pedras	☐ Elem. Vazado	☐ Lambrequim	☒ Gradil
	☒ Colunas	☐ Colunatas	☐ Balaustre	☐ Mão francesa
	☐ Molduras ao redor dos vãos		☐ Outros _____	
c) Esquadrias:				
	☒ De abrir	☐ Guilhotina	☐ De correr	☐ Basculante
	☐ Máximo-ar	☐ Venezianas	☐ Luneta	☐ Bandeira
	☐ Óculo	☐ Vitral	☐ Soleiras	☐ Brises
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☒ Metal	☐ Outros _____	
Forma das vergas:	☐ Reta	☒ Arco pleno	☐ Arco abatido	☐ Arc abaulado
	☐ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Angular	☐ Outro _____
d) Embasamento:	☒ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado	☐ Outro _____
e) Piso Externo:	☐ Cimentado	☒ Pedras	☐ Cerâmico	☐ Outro _____
f) Piso Interno:				
	☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☐ Cerâmica	☒ Ladrilho Hid.
Forro Interno:	☐ Madeira	☒ Estuque	☐ Gesso	☐ Outro _____
Paredes Internas:	☐ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira	☐ Outro _____
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outro _____
g) Uso Atual:				
	☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço	☐ Serviço Publ.
	☐ Saúde	☐ Educação	☐ Religioso	☐ Industrial
	☐ Outro _____			
h) Estado Físico:				
	☒ Bom	☐ Regular	☐ Ruim	☐ Ruína

Nome: ANA PAULA BAES / ANA CAROLINA BRAGA

Data: 30.08.01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Endereço:	Jazigo FAMÍLIA	
Indicação Fiscal:	JULIA M. BITTENCOURT	
Sector:		
Grau de Proteção:		
Data na Fachada:	1928	



PAC 25
Fis. 25

Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☒ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☒ Recuos	☐ Arborização	☒ Jardim
Estilo:	☐ Neoclássico	☒ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados: _____

Observações: NO INTERIOR HÁ APLIQUES DE ANOS PRÓXIMOS À CÚPULA/ HÁ UM ALTAR REVESTIDO EM MÁRMORE/ HÁ UM DEGRAU E UMA SOLEIRA REVESTIDOS EM MÁRMORE/ NA FACHADA, PRÓXIMO AO FRONTÃO HÁ UM VÃO EM ARCO PLENO COM UMA CRUZ NO CENTRO/ HÁ BAIXOS RELEVOS/ NAS TORRES HÁ UMA CRUZ EM ALTO RELEVÔ/ O JARDIM É CERCADO POR GRADIL.

a) Cobertura:			
☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____
Cumeeira	☐ Paralela à fachada principal	☐ Perpendicular à fachada princ.	
Número de pavimentos: _____	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda
	☒ Torre (2)	☒ Cúpula	☒ Frontão
	☒ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☐ Vão livre
	☐ Volume em balanço	☐ Escada exter.	☐ Rampa
b) Ornamentos:			
☐ Cimalha	☒ Friso	☒ Grega	☒ Alto Relevo
☒ Aplique	☐ Medalhão	☐ Almofada	☐ Azulejo
☐ Pedras	☒ Elem. Vazado	☐ Lambrequim	☒ Gradil (PORTA)
☒ Colunas	☐ Colunatas	☐ Balaustre	☐ Mão francesa
	☒ Molduras ao redor dos vãos	☐ Outros _____	
c) Esquadrias:			
☒ De abrir	☒ Fixa	☐ Guilhotina	☐ De correr
☐ Máximo-ar	☐ Venezianas	☐ Luneta	☐ Basculante
☐ Óculo	☐ Vitral	☒ Soleiras	☐ Bandeira
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☒ Metal	☐ Brises
Forma das vergas:	☒ Reta	☒ Arco pleno	☐ Outros _____
	☐ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Arco abatido
		☐ Angular	☐ Arc abaulado
d) Embasamento:	☒ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado
e) Piso Externo:	☐ Cimentado	☐ Pedras	☐ Cerâmico
			☒ Outro LADRILHO DE CIMENTO
Piso Interno:			
☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☐ Cerâmica	☒ Ladrilho CIMENTO
Forro Interno:	☐ Madeira	☐ Estuque	☒ Gesso
Parques Internas:	☒ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal
			☐ Outro
Uso Atual:			
☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço	☐ Serviço Publ.
☐ Saúde	☐ Educação	☐ Religioso	☐ Industrial
☒ Outro			
Estado Físico:			
☒ Bom	☐ Regular	☐ Ruim	☐ Ruína

Nome: ANA CAROLINA BRAGA / ISABELA DE FÁTIMA FOGACA

Data: 31.08.01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

MARGARIDA MURIETT BRANCO		SIMPÓSIO	
Endereço:			
Indicação Fiscal:			
Setor:			
Grau de Proteção:			
Data na Fachada: 1901			



Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☒ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☐ Recuos	☐ Arborização	☐ Jardim
Estilo:	☐ Neoclássico	☐ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados:

Observações: OS VÃOS DA CAPELA SÃO EM ARCO OGIVAL. NA PORTA FRONTAL HÁ UM GRADIL DE FERRO TRABALHADO. NOS CANTOS DA CAPELA HÁ COLUNAS DE SEÇÃO QUADRADA COM CAPITÉIS CLÁSSICOS. SOBRE A PLATIBANDA HÁ ROBUSTOS PINÁCULOS. SOBRE A ENTRADA HÁ ANFOS EM RELEVO, SIMÉTRICOS, COM UM MEDALHÃO COM A DATA 1901 EM RELEVO. A PLATIBANDA POSSUI UM FRONTAL EM ARCO OGIVAL REPETIDOS. NO TOPO DO FRONTAL EXISTE UMA MINI TORRE COM UMA CRUZ EM CIMA. OS CAPITÉIS SÃO VISÍVEIS NO INTERIOR DA CAPELA.

a) Cobertura:

Número de águas: _____

Cumeeira

Número de pavimentos: 1

- | | | | |
|--|---|---|---|
| ☐ Telha Francesa | ☐ Telha Romana | ☐ Germânica | ☐ Goiva |
| ☐ Fibrocimento | ☐ Metálica | ☐ Outro _____ | |
| ☐ Paralela à fachada principal | ☐ Perpendicular à fachada princ. | | |
| ☐ Porão | ☐ Sótão | ☐ Mansarda | ☐ Chaminé |
| ☒ Torre | ☐ Cúpula | ☒ Frontão | ☐ Lanternim |
| ☒ Platibanda | ☐ Beiral | ☐ Balcão | ☐ Varanda |
| ☐ Gazebo | ☐ Bay window | ☐ Vão livre | ☐ Pilotis |
| ☐ Volume em balanço | | ☐ Escada exter. | ☐ Rampa |
| ☒ Cimalha | ☒ Friso | ☐ Grega | ☒ Alto Relevo |
| ☒ Aplique | ☒ Medalhão | ☐ Almofada | ☐ Azulejo |
| ☐ Pedras | ☐ Elem. Vazado | ☐ Lambrequim | ☒ Gradil |
| ☒ Colunas | ☐ Colunatas | ☐ Balaustre | ☐ Mão francesa |
| ☒ Molduras ao redor dos vãos | | ☐ Outros _____ | |

b) Ornamentos:

c) Esquadrias:

Material das esquadrias:

Forma das vergas:

- | | | | |
|---|-------------------------------------|---|---------------------------------------|
| ☒ De abrir | ☐ Guilhotina | ☐ De correr | ☐ Basculante |
| ☐ Máximo-ar | ☐ Venezianas | ☐ Luneta | ☐ Bandeira |
| ☐ Óculo | ☐ Vitral | ☒ Soleiras | ☐ Brises |
| ☒ Madeira | ☐ Metal | ☐ Outros <u>MAXIMOLE</u> | |
| ☐ Reta | ☐ Arco pleno | ☐ Arco abatido | ☐ Arc abaulado |
| ☒ Arco ogival | ☐ Tribolado | ☐ Angular | ☐ Outro _____ |

d) Embasamento:

e) Piso Externo:

- | | | | |
|--|--|-------------------------------------|--------------------------------------|
| ☒ Saliente | ☐ Ver. Pedras | ☐ Reticulado | ☐ Outro _____ |
| ☐ Cimentado | ☒ Pedras | ☐ Cerâmico | ☐ Outro _____ |

Piso Interno:

Forro Interno:

Paredes Internas:

Escada Interna:

- | | | | |
|--|---|-----------------------------------|---|
| ☐ Tábua Corrida | ☐ Tacos | ☐ Cerâmica | ☒ Ladrilho Hid. |
| ☐ Madeira | ☒ Estuque | ☐ Gesso | ☐ Outro _____ |
| ☐ Alvenaria | ☐ Estuque | ☐ Madeira | ☐ Outro _____ |
| ☐ Alvenaria | ☐ Madeira | ☐ Metal | ☐ Outro _____ |

Uso Atual:

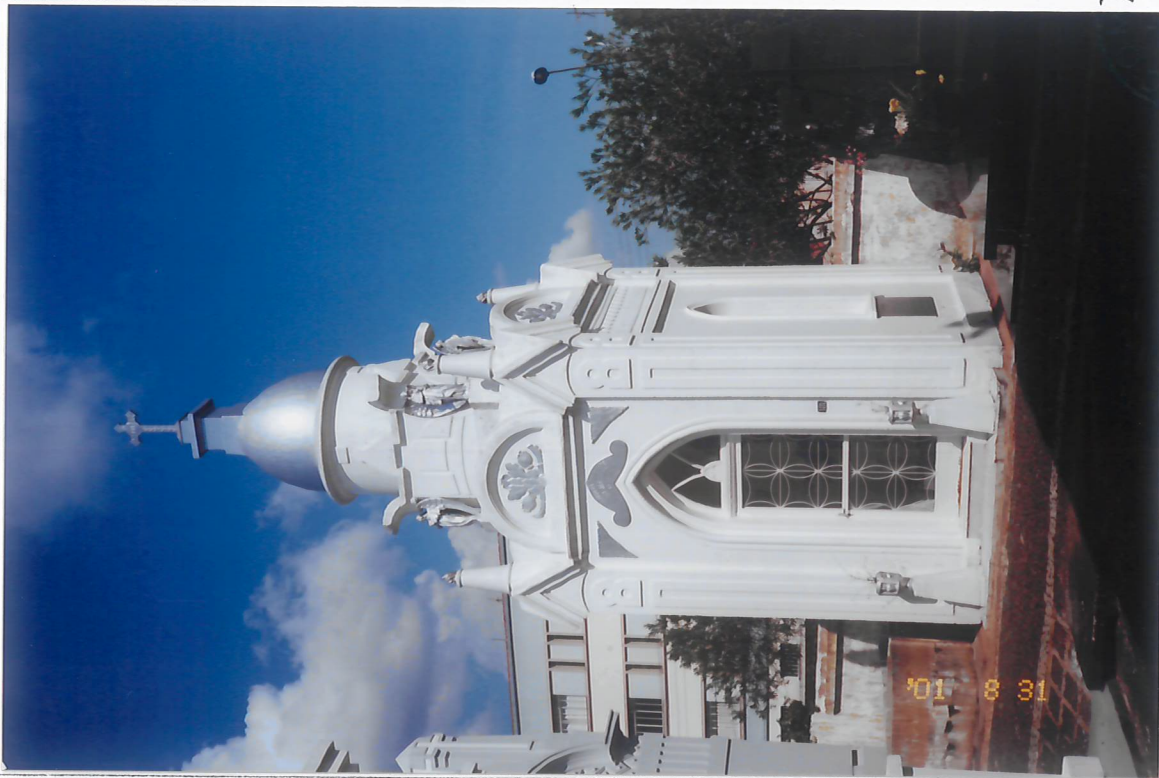
Estado Físico:

- | | | | |
|--------------------------------------|---|------------------------------------|--|
| ☐ Residencial | ☐ Comercial | ☐ Serviço | ☐ Serviço Publ. |
| ☐ Saúde | ☐ Educação | ☐ Religioso | ☐ Industrial |
| ☐ Outro _____ | | | |
| ☐ Bom | ☒ Regular | ☐ Ruim | ☐ Ruína |

Nome: ANA PAULA SAARS / ANA CAROLINA BRAGAData: 30/08/01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Endereço: <u>JARICO DA FAMÍLIA</u>			
Indicação Fiscal: <u>DE MIGUEL JOSÉ NICOLAU</u>			
Setor:			
Grau de Proteção:			
Data na Fachada: <u>1928</u>			



Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☒ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☐ Recuos	☐ Arborização	☐ Jardim
Estilo:	☐ Neoclássico	☒ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados: _____

Observações: O frontão é em arco pleno/ sobre os pináculos há uma estrutura imitando fogo/ há imagens de anjos sobre a platibanda. Sobre a cúpula há um crucifixo/ nas colunas há elementos verticais em relevo/ há anforas na frente da fachada.

a) Cobertura:	☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____	
Cumeeira	☐ Paralela à fachada principal	☐ Perpendicular à fachada princ.		
Número de pavimentos: _____	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda	☐ Chaminé
	☒ Torre	☒ Cúpula	☒ Frontão	☐ Lanternim
	☒ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão	☐ Varanda
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☐ Vão livre	☐ Pilotis
	☐ Volume em balanço	☐ Escada exter.	☐ Rampa	
b) Ornamentos:	☒ Cimalha	☒ Friso	☒ Grega	☒ Alto Relevo
	☒ Aplique	☐ Medalhão	☐ Almofada	☐ Azulejo
	☐ Pedras	☐ Elcm. Vazado	☐ Lambrequim	☒ Gradil
	☒ Colunas	☐ Colunatas	☐ Balaustre	☐ Mão francesa
	☒ Molduras ao redor dos vãos (OGIVAL)	☒ Outros	PINÁCULO	
c) Esquadrias:	☒ De abrir	☒ FIXA	☐ Guilhotina	☐ De correr
	☐ Máximo-ar	☐ Venezianas	☐ Luneta	☐ Basculante
	☐ Óculo	☐ Vitral	☒ Soleiras	☐ Bandeira
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☒ Metal	☐ Outros _____	☐ Brises
Forma das vergas:	☐ Reta	☐ Arco pleno	☐ Arco abatido	☐ Arc abaulado
	☒ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Angular	☐ Outro _____
d) Embasamento:	☒ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado	☐ Outro _____
e) Piso Externo:	☒ Cimentado	☐ Pedras	☐ Cerâmico	☐ Outro _____
Piso Interno:	☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☐ Cerâmica	☒ Ladrilho Hid. CIMENTO
Forro Interno:	☐ Madeira	☐ Estuque	☒ Gesso	☐ Outro _____
Paredes Internas:	☒ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira	☐ Outro _____
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outro _____
Uso Atual:	☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço	☐ Serviço Publ.
	☐ Saúde	☐ Educação	☐ Religioso	☐ Industrial
	☒ Outro _____			
Estado Físico:	☒ Bom	☐ Regular	☐ Ruim	☐ Ruína

Nome: ISABELA TOGAÇA / ANA CAROLINA BRAGA

Data: 31/08/01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

FAMÍLIA FERIGOTTI			
Endereço:			
Indicação Fiscal:			
Sector:			
Grau de Proteção:			
Data na Fachada:			



Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☒ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☐ Recuos	☐ Arborização	☐ Jardim
Estilo:	☐ Neoclássico	☒ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos / Elementos Alterados: _____

Observações: NÃO SE TRATA DE UMA CAPELA, MAS DE UM TÚMULO COM UMA ESPÉCIE DE OBEÍSCO ORNAMENTADO AO CENTRO. E NESSE OBEÍSCO HÁ FRISOS, GREGAS E RELEVOS, ALÉM DE UMA PLACA DE PEDRA COM INSCRIÇÕES EM RELEVO APLICADA SOBRE O MESMO. NO TORO HÁ UMA ESCULTURA E NA FRENTE DO OBEÍSCO HÁ OUTRA. NO CORPO DO TÚMULO EVIDENCIAM-SE 4 BAIXOS RELEVOS CUJO TORO É EM ARCO ABATIDO, ENTRADA POR ONDE FORAM DEPOSITADAS AS ESQUIFES.

a) Cobertura: ☐ Telha Francesa ☐ Telha Romana ☐ Germânica ☐ Goiva

Numero de águas: ☐ Fibrocimento ☐ Metálica ☐ Outro _____

Cumeeira ☐ Paralela à fachada principal ☐ Perpendicular à fachada princ.

Número de pavimentos: ☐ Porão ☐ Sótão ☐ Mansarda ☐ Chaminé

☒ Torre (obusco) ☐ Cúpula ☐ Frontão ☐ Lanternin

☐ Platibanda ☐ Beiral ☐ Balcão ☐ Varanda

☐ Gazebo ☐ Bay window ☐ Vão livre ☐ Pilotis

☐ Volume em balanço ☐ Escada exter. ☐ Rampa

b) Ornamentos: ☒ Cimalha ☒ Friso ☒ Grega ☒ Alto Relevo

☒ Aplique ☐ Medalhão ☐ Almofada ☐ Azulejo

☐ Pedras ☐ Elcm. Vazado ☐ Lambrequim ☐ Gradil

☐ Colunas ☐ Colunatas ☐ Balaustre ☐ Mão francesa

☐ Molduras ao redor dos vãos ☐ Outros _____

c) Esquadrias: ☐ De abrir ☐ Guilhotina ☐ De correr ☐ Basculante

☐ Máximo-ar ☐ Venezianas ☐ Luneta ☐ Bandeira

☐ Óculo ☐ Vitral ☐ Soleiras ☐ Brises

Material das esquadrias: ☐ Madeira ☐ Metal ☐ Outros _____

Forma das vergas: ☐ Reta ☐ Arco pleno ☐ Arco abatido ☐ Arc abaulado

☐ Arco ogival ☐ Tribolado ☐ Angular ☐ Outro _____

d) Embasamento: ☒ Saliente ☐ Ver. Pedras ☐ Reticulado ☐ Outro _____

e) Piso Externo: ☐ Cimentado ☐ Pedras ☐ Cerâmico ☒ Outro Tubo

Piso Interno: ☐ Tábua Corrida ☐ Tacos ☐ Cerâmica ☐ Ladrilho Hid.

Forro Interno: ☐ Madeira ☐ Estuque ☐ Gesso ☐ Outro _____

Paredes Internas: ☐ Alvenaria ☐ Estuque ☐ Madeira ☐ Outro _____

Escada Interna: ☐ Alvenaria ☐ Madeira ☐ Metal ☐ Outro _____

Uso Atual: ☐ Residencial ☐ Comercial ☐ Serviço ☐ Serviço Publ.

☐ Saúde ☐ Educação ☐ Religioso ☐ Industrial

☐ Outro _____

Estado Físico: ☐ Bom ☐ Regular ☒ Ruim ☐ Ruína

Nome: ANA PAULA BATES / ANA CAROLINA BRAGA

Data: 30/08/01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

FAMÍLIA BITENCOURT		Sítio nº	
Endereço:			
Indicação Fiscal:			
Setor:			
Grau de Proteção:			
Data na Fachada:			



Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☒ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☐ Recuos	☐ Arborização	☐ Jardim
Estilo:	☒ Neoclássico	☐ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados: _____

Observações: TRATA-SE DE UM TÚMULO CUJA COMPOSIÇÃO É SIMÉTRICA. HÁ UM VOLUME CENTRAL COM UM PRONTÃO TRIANGULAR ORNADO COM PEQUENAS RÉPLICAS DE COWNAS JÔNICAS, DE CADA UM DOS LADOS DO TÚMULO HÁ UMA ÂNFORA, E ATRÁS DO VOLUME CENTRAL HÁ UMA IMAGEM DE UMA SANTA.

a) Cobertura:			
☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____
Cumeeira	☐ Paralela à fachada principal	☐ Perpendicular à fachada princ.	
Número de pavimentos: _____	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda
	☐ Torre	☐ Cúpula	☒ Frontão
	☐ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☐ Vão livre
	☐ Volume em balanço	☐ Escada exter.	☐ Rampas
b) Ornamentos:	☒ Cimália	☒ Friso	☐ Grega
	☒ Aplique	☐ Medalhão	☐ Almofada
	☐ Pedras	☐ Elem. Vazado	☐ Lambrequim
	☒ Colunas (PEQUENAS RÉPlicas N ESTRUTURAS)	☐ Colunatas	☐ Balaustre
	☐ Molduras ao redor dos vãos	☐ Outros _____	☒ Alto Relevo
			☐ Azulejo
			☐ Gradil
			☐ Mão francesa
c) Esquadrias:			
	☐ De abrir	☐ Guilhotina	☐ De correr
	☐ Máximo-ar	☐ Venezianas	☐ Luneta
	☐ Óculo	☐ Vitral	☐ Soleiras
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outros _____
Forma das vergas:	☐ Reta	☐ Arco pleno	☐ Arco abatido
	☐ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Angular
			☐ Arc abaulado
			☐ Outro _____
d) Embasamento:	☒ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado
e) Piso Externo:	☒ Cimentado	☐ Pedras	☐ Cerâmico
			☐ Outro _____
f) Piso Interno:			
	☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☐ Cerâmica
Fôrro Interno:	☐ Madeira	☐ Estuque	☐ Gesso
Paredes Internas:	☐ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal
			☐ Outro _____
g) Uso Atual:			
	☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço
	☐ Saúde	☐ Educação	☐ Religioso
	☐ Outro _____		☐ Serviço Publ.
			☐ Industrial
Estado Físico:	☒ Bom	☐ Regular	☐ Ruim
			☐ Ruína

Nome: ANA PAULA BARROS / ANA CAROLINA BRAGA

Data: 30.08.01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

FAMÍLIA SCHUST			
Endereço:			
Indicação Fiscal:			
Setor:			
Grau de Proteção:			
Data na Fachada:			



Presença na Paisagem:	☐ Dominante	☐ Importante	☐ Neutro
Visuais:	☐ Uma rua (imóvel meio de quadra)	☐ Duas ruas (imóvel de esquina)	
	☐ Praça	☐ De ruas não lindeiras	
Edifícios lindeiros:	☐ Escala compatível	☐ Escala não compatível	
Entorno do edifício:	☐ Recuos	☐ Arborização	☐ Jardim
Estilo:	☐ Neoclássico	☐ Eclético	☐ Art Nouveau ☐ Art Decô
	☐ Meados séc. XX	☐ Imigrante	☐ Chalé ☐ Mansão
	☐ Industrial	☐ Moderno	☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados: _____

Observações: TUMULO FEITO EM PEDRA. NO CENTRO HA UM VOLUME COM UMA ESCULTURA COM UMA ESCULTURA COM UMA CRUZ SOBRE A MESMA. NOS QUATRO CANTOS HA VOLUMES DE PEDRA EM FORMA DE PARALELEPÍPEDO, COM PRESILHAS PARA CORRENTES, QUE JA NÃO ESTAO LA.

a) Cobertura:	☐ Telha Francesa	☐ Telha Romana	☐ Germânica	☐ Goiva
Numero de águas: _____	☐ Fibrocimento	☐ Metálica	☐ Outro _____	
Cumeeira	☐ Paralela à fachada principal		☐ Perpendicular à fachada princ.	
Número de pavimentos: _____	☐ Porão	☐ Sótão	☐ Mansarda	☐ Chaminé
	☐ Torre	☐ Cúpula	☐ Frontão	☐ Lanternin
	☐ Platibanda	☐ Beiral	☐ Balcão	☐ Varanda
	☐ Gazebo	☐ Bay window	☐ Vão livre	☐ Pilotis
	☐ Volume em balanço		☐ Escada exter.	☐ Rampa
b) Ornamentos:	☐ Cimalha	☐ Friso	☐ Grega	☒ Alto Relevo
	☒ Aplique	☐ Medalhão	☐ Almoçada	☐ Azulejo
	☒ Pedras	☐ Elem. Vazado	☐ Lambrequim	☐ Gradil
	☐ Colunas	☐ Colunatas	☐ Balaustre	☐ Mão francesa
	☐ Molduras ao redor dos vãos		☐ Outros _____	
c) Esquadrias:	☐ De abrir	☐ Guillhotina	☐ De correr	☐ Basculante
	☐ Máximo-ar	☐ Venezianas	☐ Luneta	☐ Bandeira
	☐ Óculo	☐ Vitral	☐ Soleiras	☐ Brises
Material das esquadrias:	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outros _____	
Forma das vergas:	☐ Reta	☐ Arco pleno	☐ Arco abatido	☐ Arc abaulado
	☐ Arco ogival	☐ Tribolado	☐ Angular	☐ Outro _____
d) Embasamento:	☐ Saliente	☐ Ver. Pedras	☐ Reticulado	☐ Outro _____
e) Piso Externo:	☐ Cimentado	☐ Pedras	☐ Cerâmico	☐ Outro _____
Piso Interno:	☐ Tábua Corrida	☐ Tacos	☐ Cerâmica	☐ Ladrilho Hid.
Forro Interno:	☐ Madeira	☐ Estuque	☐ Gesso	☐ Outro _____
Paredes Internas:	☐ Alvenaria	☐ Estuque	☐ Madeira	☐ Outro _____
Escada Interna:	☐ Alvenaria	☐ Madeira	☐ Metal	☐ Outro _____
Uso Atual:	☐ Residencial	☐ Comercial	☐ Serviço	☐ Serviço Publ.
	☐ Saúde	☐ Educação	☐ Religioso	☐ Industrial
	☐ Outro _____			
Estado Físico:	☐ Bom	☐ Regular	☐ Ruim	☐ Ruína

Nome: ANA PAULA BAARS / ANA CAROLINA BRAGA

Data: 30.08.01

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA
INVENTÁRIO CULTURAL – EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Jazigo Corina Porten

Endereço: _____

Indicação Fiscal: _____

Setor: _____

Grau de Proteção: _____

Data na Fachada: 1989



AC
FIS. 31

Presença na Paisagem: ☐ Dominante ☐ Importante ☒ Neutro

Visuais: ☐ Uma rua (imóvel meio de quadra) ☐ Duas ruas (imóvel de esquina)

☐ Praça ☐ De ruas não lindeiras

Edifícios lindeiros: ☐ Escala compatível ☐ Escala não compatível

Entorno do edifício: ☐ Recuos ☐ Arborização ☐ Jardim

Estilo: ☐ Neoclássico ☐ Eclético ☐ Art Nouveau ☐ Art Decô

☐ Meados séc. XX ☐ Imigrante ☐ Chalé ☐ Mansão

☐ Industrial ☐ Moderno ☐ Pós moderno ☐ Indefinido

Acréscimos/ Elementos Alterados: _____

Observações: TÚMULO SIMPLES (PARALELEPÍPEDO) COM UM VOLUME EM UM DOS LADOS/ SOBRE A TORRE HÁ UM CRUCIFIXO/ HÁ VÁRIAS PLACAS DE AGRADECIMENTO COLADAS NO VOLUME MAIS ALTO/ HÁ UMA PLACA DE METAL COM A DATA DE NASCIMENTO, FALECIMENTO E NOME DE BATISMO. HÁ, PORÉM, UM ANEXO PARA VELAS QUE OBSTRUI METADE DA PLACA/ HÁ OUTRO ANEXO DO OUTRO LADO DO TÚMULO.

a) Cobertura:

Numero de águas: _____

Cumecira

Número de pavimentos: _____



b) Ornamentos:

- | | | | |
|---|---|---|---|
| ☐ Telha Francesa | ☐ Telha Romana | ☐ Germânica | ☐ Goiva |
| ☐ Fibrocimento | ☐ Metálica | ☐ Outro _____ | |
| ☐ Paralela à fachada principal | ☐ Perpendicular à fachada princ. | | |
| ☐ Porão | ☐ Sótão | ☐ Mansarda | ☐ Chaminé |
| ☒ Torre | ☐ Cúpula | ☐ Frontão | ☐ Lanternim |
| ☐ Platibanda | ☐ Beiral | ☐ Balcão | ☐ Varanda |
| ☐ Gazebo | ☐ Bay window | ☐ Vão livre | ☐ Pilotis |
| ☐ Volume em balanço | ☐ Escada exter. | ☐ Rampa | |
| ☒ Cimália | ☒ Friso | ☒ Grega | ☒ Alto Relevo |
| ☐ Aplique | ☐ Medalhão | ☐ Almofada | ☐ Azulejo |
| ☐ Pedras | ☐ Elem. Vazado | ☐ Lambrequim | ☐ Gradil |
| ☐ Colunas | ☐ Colunatas | ☐ Balaustre | ☐ Mão francesa |
| ☐ Molduras ao redor dos vãos | ☐ Outros _____ | | |

c) Esquadrias:

Material das esquadrias:

Forma das vergas:

- | | | | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|
| ☐ De abrir | ☐ Guilhotina | ☐ De correr | ☐ Basculante |
| ☐ Máximo-ar | ☐ Venezianas | ☐ Luneta | ☐ Bandeira |
| ☐ Óculo | ☐ Vitral | ☐ Soleiras | ☐ Brises |
| ☐ Madeira | ☐ Metal | ☐ Outros _____ | |
| ☐ Reta | ☐ Arco pleno | ☐ Arco abatido | ☐ Arc abaulado |
| ☐ Arco ogival | ☐ Tribolado | ☐ Angular | ☐ Outro _____ |

d) Embasamento:

e) Piso Externo:

- | | | | |
|--|--|-------------------------------------|--------------------------------------|
| ☒ Saliente | ☐ Ver. Pedras | ☐ Reticulado | ☐ Outro _____ |
| ☐ Cimentado | ☒ Pedras | ☐ Cerâmico | ☐ Outro _____ |

Piso Interno:

Forro Interno:

Paredes Internas:

Escada Interna:

- | | | | |
|--|----------------------------------|-----------------------------------|--|
| ☐ Tábua Corrida | ☐ Tacos | ☐ Cerâmica | ☐ Ladrilho Hid. |
| ☐ Madeira | ☐ Estuque | ☐ Gesso | ☐ Outro _____ |
| ☐ Alvenaria | ☐ Estuque | ☐ Madeira | ☐ Outro _____ |
| ☐ Alvenaria | ☐ Madeira | ☐ Metal | ☐ Outro _____ |

Uso Atual:

Estado Físico:

- | | | | |
|--------------------------------------|------------------------------------|--|--|
| ☐ Residencial | ☐ Comercial | ☐ Serviço | ☐ Serviço Publ. |
| ☐ Saúde | ☐ Educação | ☐ Religioso | ☐ Industrial |
| ☐ Outro _____ | | | |
| ☐ Bom | ☐ Regular | ☒ Ruim | ☐ Ruína |

Nome: ISABELA DE FÁTIMA FOGACA / ANA CAROLINA BRAGA

Data: 31/08/01



REGISTRO DE IMÓVEIS
1ª CIRCUNSCRIÇÃO - PONTA GROSSA - PARANÁ

Rua Dr. Colares, 293
Fone, 24-1061 - Caixa Postal, 678
TITULAR
Dr. Hildegar Oscar Kossatz
C. P. F. 003227099

REGISTRO GERAL

FICHA
=1=9480=

MATRÍCULA N.º =9480=

HUBRICA
H

IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL: Um terreno urbano constituído pelo lote Nº. 10 (dez), da quadra Nº. 50 (cinquenta), zona central, quadrante SE, medindo de quem da rua olha o imóvel, 11,40 (onze metros e quarenta centímetros) de frente para a Praça Marechal Floriano Peixoto; do lado esquerdo, divide com propriedade da Mitra da Diocese de Ponta Grossa, onde mede 37,00 (trinta e sete metros); do lado direito, divide com propriedade de Estevam Zeve Coimbra, onde mede 37,00 (trinta e sete metros); e, no fundo, divide com propriedade novamente da Mitra da Diocese de Ponta Grossa, onde mede 11,40 (onze metros e quarenta centímetros), com a área total de 421,80 m². Existindo sobre o mesmo uma casa em alvenaria sob Nº. 103, a referida Praça Marechal Floriano Peixoto. REG. ANTE Nºs. 36.822, Lvs 3-Q; 40.418 e 40.419, Lvs 3-S, 19 R. I. PROPRIETÁRIO: - JOSÉ H. RODRIGUES, casado, proprietário de 12,5% do imóvel; ALCEU RODRIGUES, solteiro, proprietário de 37,5% do imóvel; NEY RODRIGUES, solteiro, proprietário de 12,5% do imóvel; HERANY RODRIGUES, brasileira, solteira, maior, do lar, filha de João Rodrigues e Geny Rodrigues, C. P. F. Nº. 114.821.179-91, residente e domiciliada nesta cidade, proprietária de 37,5% do imóvel. Em 27 de junho de 1980. Dou fé. Oficial Hildegar Oscar Kossatz.

R-1-9480: - PARTILHA: O espólio de " Herany Rodrigues ", representado pelo inventariante - Alceu Rodrigues, transmitiu para os herdeiros, ALCEU RODRIGUES, brasileiro, atualmente casado, engenheiro agrônomo, C. I. Nº. 64.646-PR. C. P. F. Nº. 114.821.179-91, residente e domiciliado em Curitiba, PR. e JOSÉ H. RODRIGUES, brasileiro, casado, do comércio, C. I. Nº. 250.949-PR. C. P. F. Nº. 113.947.659-91, residente e domiciliado em Curitiba, PR., sua parte ideal, em comum, do imóvel desta matrícula, correspondente a 37,5% (trinta e sete virgula cinco por cento), no valor de R\$. 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros), a cada um, na avaliação total de R\$. 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros), conforme formal de partilha extraído dos autos de arrolamento sob Nº. 286/77, em 21 de fevereiro de 1978, pela Escriva do Cartório Privativo do Juízo de Direito da 1ª Vara Cível, Comércio e Anexos, desta Comarca, sentença do M. M. Juiz Adjunto, Dr. Luiz Fernando Araujo Pereira, datada de 25 de janeiro de 1978, a qual transitou em julgado. Sem condições. I. T. causa mortis sob Nº. 1.123.249-3. Distribuição sob Nº. 1.093. Protocolo Nº. 21.533, Lvs 1. C. 0.2.373,00. Em 27 de junho de 1980. Dou fé. Oficial Hildegar Oscar Kossatz.

AV-2-9480: AVERBAÇÃO: (casamento) - Certificado a requerimento e de acordo com a certidão de casamento sob Nº. 514, expedida em 17 de junho de 1963, pelo Oficial do Cartório do Registro Civil da 1ª Zona de Curitiba, PR., na qual consta ter o adquirente a que se refere esta matrícula (M-9480 e R-1-M-9480) - Alceu Rodrigues, contraído matrimônio em 17-06-1963, pelo regime de comunhão de bens com Clotilde Viêro, a qual após o casamento passou a assinar "CLOTILDE RODRIGUES", pelo que faço esta averbação. Protocolo Nº. 23.840, Lvs 1, em 12-11-1980 e AV em 13 de novembro de 1980. Dou fé. Oficial Hildegar Oscar Kossatz.

R-3-9480: COMPRA E VENDA: ALCEU RODRIGUES e sua esposa CLOTILDE RODRIGUES, brasileiros, ele engenheiro agrônomo, C. I. Nº. 64.646-PR. ela do lar, C. I. Nº. 1.594.660-PR. C. P. F. em conjunto sob Nº. 114.821.179-91, residentes e domiciliados na cidade de Curitiba, PR., e JOSÉ H. RODRIGUES e sua esposa ZELINDA RODRIGUES, brasileiros, comerciantes, ele portador da C. I. Nº. 250.949-PR. C. P. F. Nº. 113.947.659-91; ela portadora da C. I. Nº. 1.682.637-PR. C. P. F. Nº. 372.734.349-49, residentes e domiciliados nesta cidade, casados pelo regime de comunhão universal de bens anteriormente à vigência da Lei Nº. 6.515/77, representados por seu procurador Dr. Olavo Vidal Correia, brasileiro casado, advogado, C. I. Nº. 62.303-PR. C. P. F. Nº. 113.502.379-49, resi-



CONTINUAÇÃO

residente e domiciliado nesta cidade, venderam suas partes ideais, em comum, no imóvel desta matrícula (M-9480 e R-1-M-9480), correspondente a 87,50% para - GIL JOSÉ SIMON ZANETTI, brasileiro, casado, advogado, C.I. Nº. 388.369-PR. C.P.F. Nº. 002.603.639-87, residente e domiciliado nesta cidade, conforme escritura pública lavrada pelo 2º Tabelião local, em 11 de setembro de 1980. (Lvº 189, fls. 52), pelo valor de R\$. 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros). Sem condições. I.T. inter-vivos sob Nº. 2.036.608-7. Foi emitida a D.O.I. para a S.R.F. (I.N. Nº. 20 de 10-05-1978), conforme consta da respectiva escritura. Distribuição sob Nº. 5.407, protocolo Nº. 23.841, Lvº 1, em 12-11-1980 e Reg. Em 13 de novembro de 1980. C. R\$. 2.373,00.- Dou fé. - Oficial // Hildegard Oscar Kossatz.

R-4-9480: ADJUDICAÇÃO: O espólio de "Ney Rodrigues" que era brasileiro, solteiro, maior, funcionário público estadual, filho de Joao Rodrigues e Geni Rodrigues, C.P.F. sob Nº. 113.314.057-49, residente e domiciliado nesta cidade, representado pelo inventariante - Gil - Jose Simon Zanetti, brasileiro, casado, advogado, C.I. Nº. 388.369-PR. C.P.F. sob Nº. 002.603.639-87, residente e domiciliado nesta cidade, adjudicou sua parte ideal, em comum, do imóvel desta matrícula (M-9480), correspondente a 12,5% para o cessionário - GIL JOSÉ SIMON ZANETTI, já qualificado, conforme formal de partilha extraído em 13 de maio de 1981, pela Escritura do Cartório Privativo do Juízo de Direito da 1ª Vara Cível, Comércio e Anexos, desta Comarca, dos autos de arrolamento sob Nº. 1.014/80, sentença do M.M. Juiz de Direito Auxiliário Designado Dr. Ernani Mendes Silva, datada de 28 de abril de 1981, a qual transitou em julgado, pelo valor de R\$. 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros). Sem condições. I.T. causa mortis sob Nº. 2.340.699-3. Distribuição sob Nº. 2.310. Protocolo Nº. 26.987, Lvº 1, em 25-05-1981 e REG. em 27 de maio de 1981. C. R\$. 3.925,57. Dou fé. Oficial // Hildegard Oscar Kossatz.

R-5-9480: COMPRA E VENDA: GIL JOSÉ SIMON ZANETTI e sua mulher MARI-LIA PERPETUA LANGE ZANETTI, brasileiros, ele advogado, C.I. Nº. 388.369-PR. ela do lar, C.I. Nº. 1.643.366-PR. C.P.F. em conjunto Nº. 002.603.639-87, residentes e domiciliados neste Município, venderam o imóvel desta matrícula (R-3- e R-4-9480) para - WILSON FREIRE DE SOUSA, médico, C.I. Nº. 1.684.837-PR. casado pelo regime de comunhão universal de bens anteriormente à vigência da Lei Nº. 6.515/77 com Elisabeth Michaelle Bacila de Sousa, médica, C.I. Nº. 583.860-PR. portadores do C.P.F. sob Nºs. 094.744.554-49 e 244.823.239-34, respectivamente, residentes e domiciliados neste Município, ambos brasileiros, conforme escritura pública lavrada pelo Tabelião Distrital de Itaiacoca deste Município e Comarca, em 03 de outubro de 1983. (Lvº 37, fls. 129), pelo valor de R\$. 12.000.000,00 (doze milhões de cruzeiros), que para fins fiscais foi avaliado por R\$. 20.000.000,00 (vinte milhões de cruzeiros). Sem condições. I.T. inter-vivos foi pago conforme guia arquivada neste cartório. Emitida a D.O.I. para a S.R.F. (I.N. Nº. 129/80), conforme consta da respectiva escritura. Distribuição Nº. 4.120. Protocolo Nº. 39.750, Lvº 1, em 14-10-1983 e REG. em 17 de outubro de 1983. C. R\$. 46.260,00, incl. taxas: Pren. Ass. Mag. A.S.J. e Cert. fotocópia. Dou fé. Oficial // Hildegard Oscar Kossatz.

AV-6-9.480: AVERBAÇÃO-(Condição):- Certifico que em virtude do Tombamento efetuado nesta data, do prédio com frente para a Praça Marechal Floriano Peixoto nº. 129 que atualmente abriga o programa de extensão universitária, através do ofício nº. 089/91-CPHA e ainda pela Certidão extraída do Livro do Tombo II (dois), à página 93, expedida pela Curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico, objeto da transcrição nº. 9.170, Lvº 3-B, desta Circ. Imobiliária; a área de influência do referido tombamento, abrange a Praça Marechal Floriano Peixoto e a quadra onde se insere o referido imóvel, ficando em consequência o imóvel desta matrícula condicionado às atribuições impostas pela Lei Estadual nº. 1.211 de 16-09-1.953, pelo que faço esta averbação. C.Cr\$. grátis. Protocolo nº. 95.623, Lvº 1-G, em 26-11-1.991 e

SEGUE



RUBRICA

FICHA

= 2 - 9.480 =

CONTINUAÇÃO

e AV. em 27 de dezembro de 1.991. Dou fé. Oficial, *Geo* Claudia Macedo Kossatz Borba.-

1º SERVIÇO DE REGISTRO DE IMÓVEIS - Rua Dr. Colares, 257, sobreloja
Ponta Grossa-PR - CERTIFICADO que esta fotocópia é reprodução
fiel da matrícula nº 9.480, Reg. Geral. Dou Fé.

Em 04/01/2019

Andréa m de Porto
LURDES APARECIDA BRIM - AGENTE INTERINA



Lei 13.228 de 18/07/2001 Selo Digital N° bEZXW.3ovC6.7Z7Nw, Controle:PVfz4.Xz2vC

Andréa Martins dos Santos
Escrivente

Custas: 67 VRC = R\$ 12,93
Cada volta: R\$ 12,93 - 08x R\$ 12,93=R\$ 103,44
Funrejus R\$ 29,09
ISS: R\$ 2,32
FADEP -R\$ 5,81
Selo: R\$ 4,67
Total = R\$ 158,26
Protocolo 215.634
RM/



1º SERVIÇO DE REGISTRO DE IMÓVEIS

Lurdes Aparecida Brim

Agente Interina

CERTIDÃO JUS IN RÉ

CERTIFICO que, a pedido de parte interessada revendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório no de nº **3-S** às fls. 217 consta a transcrição sob nº. de ordem **40.419** efetuada em 24 de abril de 1963 do seguinte imóvel: Na metade da casa de morada, construída de tijolos sob nº 103, sita à praça Floriano Peixoto desta cidade, e seu respectivo terreno que mede 11,40ms (onze metros e quarenta centímetros) de frente, por 37,00ms (trinta e sete metros) de fundos, avaliada pela importância de CR\$ 585.000,00- uma parte no valor de CR\$ 292.500,00 em comum com Herany Rodrigues.- Transcrição anterior: 36.821 fls.174 Lº 3-Q.- Figurando como adquirente: **ALCEU RODRIGUES** brasileiro, solteiro, funcionário público estadual, residente nesta cidade.- e como Transmittente: Geni dos Santos Rodrigues (espólio).- Conforme: Formal de partilha extraído dos autos de inventário pelo escrivão do 4º Ofício local, em 25 de março de 1963 (sentença de 5-3-63) - Pelo valor de: CR\$ 292.500,00 (duzentos e noventa e dois mil e quinhentos cruzeiros) Condições: não tem.--- CERTIFICO que, a pedido de parte interessada revendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório, no de nº **3-S**, às fls. 217 consta a transcrição sob número de ordem **40.418** efetuada em 24 de abril de 1963 do seguinte imóvel:- Na metade da casa de morada, construída de tijolos, sob nº 103, sita à Praça Floriano Peixoto desta cidade, e respectivo terreno que mede 11,40ms (onze metros e quarenta centímetros) de frente, por 37,00ms (trinta e sete metros) de fundos, avaliada pela importância de CR\$ 585.000,00- uma parte no valor de CR\$ 292.500,00 em comum com a parte de Alceu Rodrigues.- Transcrição anterior nº 36.821 fls.174 Lº 3-Q.- Figurando como Adquirente; **HERANY RODRIGUES**, brasileira, solteira, maior, do lar e residente nesta cidade.- E como transmitente: Geni dos Santos Rodrigues (espólio) Conforme: Formal de partilha extraído dos autos de inventário, pelo escrivão do 4º Ofício desta Comarca, em 25 de março de 1963 (julgado por sentença em 5-3-63) Pelo valor de CR\$292.500,00 (duzentos e noventa e dois mil e quinhentos cruzeiros) Condições: não tem.--- CERTIFICO que, a pedido de parte interessada revendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório, no de nº **3-Q**, às fls. 174 consta a transcrição sob nº de ordem **36.822** efetuado em 4 de agosto de 1960 do seguinte imóvel:- Na casa de morada, construída de tijolos sob nº 103 da praça Floriano Peixoto, desta cidade, e terreno respectivo que mede 11,40ms (onze metros e quarenta centímetros) de frente, por 37ms (trinta e sete metros) de fundos, avaliados por CR\$ 220.000,00- uma parte a cada um no valor de CR\$ 27.500,00 (vinte e sete mil e quinhentos cruzeiros).- Transcrição anterior nº 15.879 fls.260 do Lº 3-E.- Figurando como Adquirente:- **JOSÉ H. RODRIGUES**, casado, do comércio, **ALCEU RODRIGUES**, solteiro, engenheiro agrônomo; **NEY RODRIGUES**, solteiro, maior, do comércio; **HERANY RODRIGUES**, solteira, maior, do lar, brasileiros, residentes nesta cidade.- E como Transmittente:- João Rodrigues (espólio).- Conforme: Formal de partilha extraído do inventário pelo escrivão do 1º Ofício desta cidade, em 30 de julho de 1960 com sentença de 15-3-1957. Pelo valor de CR\$ 27.500,00(vinte e sete mil e quinhentos cruzeiros)Puro e Simples.---Certifico mais que a margem das transcrições acima consta a seguinte averbação:- Certifico, a requerimento e de acordo com a certidão municipal nº 194/80 expedida em 07 de fevereiro de 1980, pela Prefeitura Municipal desta cidade, na qual consta que, o imóvel a que se refere estas transcrições de propriedade de Herany Rodrigues e outros, é constituído pelo lote nº 10 (dez) da quadra nº 50 (cinquenta) zona central, quadrante SE, medindo de quem da rua olha o imóvel 11,40 (onze metros e quarenta centímetros) de frente para a Praça Marechal Floriano Peixoto; do lado esquerdo divide com propriedade da Mitra da Diocese de Ponta Grossa, onde mede 37,00 (trinta e sete metros); do lado direito, divide com propriedade de Estevam Zeve Coimbra, onde mede 37,00 (trinta e sete metros) e, no fundo, divide com propriedade novamente da Mitra da Diocese de Ponta Grossa, onde mede 11,40 (onze metros e quarenta centímetros)com a área total de 421,80m2. Existindo sobre o mesmo uma casa em alvenaria sob nº 103, à referida Praça Marechal Floriano Peixoto, de construção anterior ao ano de 1966, pelo que faço esta averbação e dou fé. Ponta Grossa, 26 de junho de 1980.---Certifico ainda que consta o seguinte:- Vide M-9480 RG.- Vide



R-1-M 9480 RG parte ideal de Herany Rodrigues (12,5%).—CERTIFICO que, a pedido de parte interessada revendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório, no de nº **3-Q**, às fls. 174 consta a transcrição sob número de ordem **36.821** efetuada em 4 de agosto de 1960 do seguinte imóvel:- Na casa de morada, construída de tijolos nº 103 da praça Floriano Peixoto desta cidade, e terreno respectivo que mede 11m (onze metros) e 40 (quarenta centímetros) de frente por 37m (trinta e sete metros) de fundos avaliados por CR\$ 220.000,00- uma parte correspondente a metade ou seja 110.000,00.- Transcrição anterior nº15.879 fls.260 Lº 3-E.- Figurando como Adquirente:- **GENNY SANTOS RODRIGUES**, brasileira, do lar, residente nesta cidade.- E como Transmittente:- João Rodrigues (espólio) . Conforme: Formal de partilha extraído do inventário pelo escrivão do 1º Ofício desta cidade, em 30 de julho de 1960, com sentença de 15-3-1957.- Pelo valor de CR\$ 110.000,00 (cento e dez mil cruzeiros) Condições: Puro e Simples.- Certifico mais que a margem consta o seguinte: Vide transcrição 40.418 e 40.419 Lº 3-S.---- CERTIFICO QUE, a pedido de parte interessada revendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório no de nº **3-E**, às fls. 260 consta a transcrição sob número de ordem **15.879** efetuado em 11 de março de 1944 do seguinte imóvel:- Consta de um terreno de carta de data ,com onze metros e quarenta centímetros (11,40) para a Praça Floriano Peixoto desta cidade, por quarenta e quatro (44) metros de fundos, dividindo por um lado com Estevam Zeve Coimbra, por outro lado com terrenos da Mitra Diocesana de Ponta Grossa, e nos fundos com Sergio Villela e D. Pureza Carvalho Ribas, existindo nesse terreno uma casa construída de alvenaria e tijolos coberta de telhas sob nº 103, com três janelas, uma porta de frente e uma garage.- Transcrição anterior nº 7.389 fls. 258 Lº 3-A.- Figurando como Adquirente:- **JOÃO RODRIGUES**, brasileiro, casado do comércio, residente nesta cidade.- E como Transmittente:- Pedro Luiz de Souza e sua mulher, advogado, brasileiros, casados, residentes em Curitiba.- Conforme: Escritura pública de compra e venda, lavrada em 1º de março de 1944, pelo 2º Tabelião desta cidade.- Pelo valor de Quarenta mil cruzeiros (CR\$ 40.000,00) Condições: Puro e Simples.---Certifico mais que a margem consta o seguinte: Vide transcrição 42.317 Lº 3-T (7x11,40) remanescente 11,40x37.- Vide transcrição 36.821 e 36.822 Lº 3-Q.---CERTIFICO QUE, a pedido de parte interessada revendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório, no de ° **3-A**, às fls. 258 consta a transcrição sob nº de ordem **7.389** efetuado em 10 de maio de 1937 do seguinte imóvel:- Um terreno de carta de data com onze metros e quarenta centímetros de frente para a Praça Floriano Peixoto desta cidade, por quarenta e quatro metros de fundos, dividindo por um lado com Estevam Zeve Coimbra, por outro lado com herdeiros de Thereza Carvalho Madureira e pelos fundos com propriedade dos transmittentes, existindo nesse terreno uma casa construída de alvenaria e tijolos, coberta de telhas, sob nº 63, com três janelas, uma porta de frente e uma garage.- Transcrição anterior nº 382 fls.105 Lº 3-D.- Figurando como Adquirente:- **ODILA GARCIA DE SOUZA**, casada com Pedro Luiz de Souza.- E como Transmittente:- José Domingues Garcia e sua mulher, domiciliados nesta cidade.- Conforme Escritura pública de doação inter vivos lavrada nas notas do 1º Tabelião desta cidade em 30 de abril de 1937.- Pelo valor de Vinte e cinco contos de reis (25:000\$000) Condições:- O imóvel descripto foi doado com a condição de usufruto enquanto os doadores viverem.- Certifico mais que a margem consta a seguinte averbação:- Certifico que fica cancelada a clausula de usufruto em virtude da escritura de rescisão de usufruto lavrada no 1º Tabelião desta cidade, em 30 de julho de 1941 na qual consta ter D.Maria Lourquim Garcia usufrutuária do imóvel desta transcrição desistido do usufruto a favor dos adquirentes. Ponta Grossa, 11 de março de 1944.---CERTIFICO QUE, a pedido de parte interessada revendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório, no de nº **3-D ant.** às fls.87 consta a transcrição sob número de ordem **382** efetuado em 25 de Outubro de 1929 do seguinte imóvel:- 1) um terreno com nove metros e 64 centímetros de frente para a rua Augusto Ribas, desta cidade, com fundos correspondentes na extensão de 21 metros e 75 centímetros, e dahi na largura de dose metros e quarenta centímetros na extensão de quatro metros e setenta e cinco centímetros, sendo o fundo total de vinte seis metros e cincoenta centímetros, dividindo por um lado com Jayme Teixeira, por outro com a viúva Puresa de Carvalho Ribas e pelos fundos com os segundos permutantes e outros, existindo nesse terreno uma casa construída a frente de tijolos e o restante de madeira, coberta de telhas, com três janelas de frente e entrada por um portão do lado, sob nº 48; 2) um terreno de carta de data com onse metros e quarenta centímetros de frente para a praça Floriano Peixoto, por quarenta e quatro metros de fundos dividindo por um lado com Estevam Zeve Coimbra, por outro lado com a viúva Theresa Carvalho Madureira e pelos fundos com os segundos permutantes Moysés Ribas dos Santos, imóvel esse que os transmittentes houveram por compra, conforme transcrição nº 361 Lº 3-C e herança de Delphina Taques dos Santos.- Figurando como Adquirente: **JOSÉ DOMINGUES GARCIA** e sua mulher, domiciliados nesta cidade, proprietários.- E como Transmittente: Benedito Antonio dos santos, Moysesses Ribas dos Santos e João Manoel dos Santos Ribas e suas mulheres, domiciliados nesta cidade, proprietários. Conforme: Escritura pública de permuta, lavrada em 22 de outubro de 1929 pelo 1º Tabelião desta cidade.- Pelo



valor de vinte contos de réis (20:000\$000) Condições: Puro e Simples.- CERTIFICO QUE, a pedido de parte interessada vendo os livros de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES**, existentes neste Cartório, no de nº **3-D ant.** às fls.83 consta a transcrição sob numero de ordem **361** efetuado em 10 de Outubro de 1929 do seguinte imóvel:- Uma casa de morada construída a frente de tijolos e o restante de madeira, com o respectivo terreno medindo quarenta e quatro palmos de frente por quinsi metros de fundo, situada nesta cidade, a rua Augusto Ribas nº 16, dividindo-se de um lado com Jayme Domingues Teixeira, de outro lado com Puresa Ribas de Carvalho, e nos fundos com Benedicto Santos imóvel esse que os transmittentes houveram por compra feita a Benedito Santos.- Transcrição anterior **não consta**.- Figurando como Adquirente:- **MOYSÉS RIBAS DOS SANTOS**, domiciliado nesta cidade, comerciante.- E como Transmittente: José Ferreira Penteado e sua mulher, domiciliados nesta cidade, fazedouros. Conforme: Escripura pública de compra e venda, lavrada em 29 de outubro de 1923 pelo 2º Tabelião desta cidade. Pelo valor de Seis contos de réis (6:000\$000) Condições: Puro e Simples. Certifico mais que a margem consta o seguinte:- Vide regtº 382 Lº 3-D.- O referido é verdade e dou fé.-- EU *fm* Agente interina do 1º Serviço de Registro de Imóveis, subscrevi.- Ponta Grossa, 04 de Janeiro de 2019.-

p/ Andra Martins dos Santos
Agente interina

JUS IN RÉ

Selo de autenticidade junto ao registro de origem: M-9480 Reg. Geral.

Andra Martins dos Santos
Escrvente